

Joracy Camargo

# ANASTACIO

TRAGI-COMEDIA

2ª EDIÇÃO



EDIÇÕES CULTURA BRASILEIRA S.A.

# "O homem que fugiu do inferno"

por

**Albert Londres**

Eugenio Dieudonné é condenado a perder a cabeça na guilhotina por um crime que não cometeu. Na hora de subir para o patíbulo, recebe a comunicação de que sua pena é comutada em prisão perpetua. Metem-no dentro de um navio e o levam para as Ilhas da Saúde, o terrível presidio da Guayana. Nesse inferno, ele tira quinze anos de setença, durante os quaes tenta evadir-se duas vezes. Um grupo de intelectuaes, na França, interessa-se pela sua sorte. E' obtida uma revisão do processo. Prova-se que sua condenação se apoiou em testemunho vago, incerto. Mas o perdão é negado.

Um dia vem de Paris a abreviação da sentença. Dieudonné, porem, não se conforma com esse perdão pela metade. Ele é inocente! E, depois de haver cumprido quinze anos, impaciente-se pela liberdade que viria dois anos depois. Pela terceira vês, planeja a fuga em busca do grande sonho de ser livre.

E' a historia impressionante dessa aventura pelos mares traiçoeiros e pelas florestas virgens de um mundo primitivo, que Albert Londres nos conta nas paginas dramaticas de **O Homem que fugiu do Inferno**. Aos dois anos de sentença mesmo gosando de certos privilegios, que teria ainda de cumprir em Caiena, o forçado preferiu enfrentar a morte que a todo momento lhe surge, na sucessão dos episodios de uma luta medonha contra uma natureza misteriosa e adversa, em que morrem companheiros enterrados na lama e se entregam outros novamente á prisão, traídos pela sêde sinistra de uma semana perdidos no mar.

Livro emocionante, escrito com uma grande simpatia pelo Brasil e á nossa terra especialmente dedicado, **O Homem que fugiu do Inferno** é a proxima grande novidade editorial que a "Cultura Brasileira" lançará em magistral tradução de Limeira Tejo.

ne fay rien  
sans  
**ayeté**

(aigne, Des livres)

x Libris  
é Mindlin

211



"C

En  
nada  
lho  
com  
ra  
nica  
mut  
Met  
e o  
de,  
na.

ze a  
qua  
ses.  
na  
sua  
são  
sua  
test  
o p

U  
viaç  
por  
esse  
inoc  
cum  
cien  
ria  
ceir  
buse  
livr

E  
des  
traí  
virg  
vo,  
con  
de  
**ferr**  
tenc  
priv  
cum  
pres  
a t  
suc  
luta  
tur  
em  
ent  
gar  
são  
de  
ma

L  
con  
Brá  
me  
**fug**  
gra  
a  
em  
me

ANASTACIO

na  
 lh  
 co  
 ra  
 ni  
 m  
 M  
 e  
 de  
 na  
 ze  
 qu  
 se  
 na  
 su  
 sã  
 su  
 te  
 o

vi  
 pe  
 es  
 in  
 cu  
 ci  
 ri  
 ce  
 bu  
 liv

de  
 tr  
 vi  
 vo  
 co  
 de  
 fe  
 te  
 pr  
 cu  
 pr  
 a  
 su  
 lu  
 tu  
 en  
 en  
 ge  
 sã  
 de  
 m

co  
 Br  
 m  
 fu  
 g  
 a  
 en  
 m

JORACY CAMARGO

# ANASTACIO

TRAGI-COMEDIA EM 3 ACTOS  
DIVIDIDOS EM 6 QUADROS

EDIÇÕES CULTURA BRASILEIRA S/A

Rua Conselheiro Nebias, 255 - Phone 4-6262 - São Paulo

na  
th  
ec  
ra  
ni  
m  
M  
e  
de  
na  
ze  
qu  
se  
na  
st  
sã  
st  
te  
o

vi  
pe  
es  
in  
cu  
ci  
ri  
ce  
bu  
li

de  
tr  
vi  
vo  
ec  
de  
fe  
te  
pi  
ci  
pi  
a  
st  
lu  
tt  
er  
er  
ga  
sã  
du  
m

cc  
B  
m  
fu  
g  
a  
er  
m

OLIVATEAKA

*A minha mulher,*

***Nair Junqueira Camargo***

*grande companheira na luta tremenda  
que vimos sustentando pela felicidade  
de nossos queridos filhos.*

na  
lh  
ce  
ra  
ni  
m  
M  
e  
de  
na  
ze  
qu  
se  
na  
st  
sã  
st  
te  
o

vi  
pe  
es  
fr  
cu  
ci  
ri  
ce  
bi  
li

de  
tr  
vi  
vi  
co  
de  
fe  
te  
pi  
ci  
pi  
a  
st  
lu  
ti  
er  
er  
gã  
sã  
d  
m

co  
B  
m  
fi  
g  
a  
e  
m

*Esta peça alcançou  
mais de CENTO E VINTE representações*

*no*

*“THEATRO BÔA VISTA”,  
DE SÃO PAULO,*

*Facto inedito nos annaes da chronica  
artistica da capital bandeirante,*

na  
th  
ce  
ra  
ni  
m  
M  
e  
de  
na  
ze  
qu  
se  
na  
st  
st  
st  
te  
o  
  
vi  
pe  
er  
fr  
er  
ci  
ri  
ce  
bi  
li  
  
de  
tr  
v  
v  
co  
de  
fe  
te  
p  
co  
pi  
a  
st  
li  
ti  
er  
er  
g  
si  
d  
n  
  
c  
B  
n  
f  
g  
a  
e  
n

Representada pela primeira vez no Theatro BÔA VISTA,  
de São Paulo, pela Companhia PROCOPIO, na noite de  
11 de Dezembro de 1936.

DISTRIBUIÇÃO (pela ordem de entradas em scena)

FERNANDO . . . . .	PROCOPIO
PAULA . . . . .	Norma Geraldty
JOÃO . . . . .	Abel Pera
CUSTODIO . . . . .	Restier Junior
MARIANNA . . . . .	Hortencia Santos
AZEVEDO . . . . .	Mario Sallaberry
CREADA . . . . .	Juracy Oliveira
GUARDA . . . . .	Carlos Agarez
CHEFE DOS GUARDAS . . . . .	Agostinho de Souza
PRESO 393 . . . . .	Luiz Cataldo
VELHA . . . . .	Mathilde Costa
VELHO . . . . .	Abillo Menezes
MOÇA . . . . .	Marilú Ramalho
IRMÃO DO VELHO . . . . .	Gentil Christino
MOÇO . . . . .	Carlos Mendes
1.º FREGUEZ . . . . .	Amadeu Santarelli
2.º FREGUEZ . . . . .	Anibal de Freitas
BEBEDO . . . . .	Modesto de Souza
MANOEL . . . . .	Eugenio Noronha
COMMISSARIO . . . . .	Henrique de Almeida
AGENTE . . . . .	Secundino Carvalho

ACÇÃO: Rio de Janeiro — ACTUALIDADE

Mise-en-scene de PROCOPIO

1.º e 3.º acto, Scenoplastia de Restier — Abel Pera e  
M. Machado. 2.º acto, scenario de H. Manzo.

na  
th  
co  
re  
ni  
m  
M  
e  
d  
na  
ze  
q  
se  
n  
st  
s  
st  
to  
o  
v  
p  
e  
h  
c  
c  
r  
e  
b  
ll  
d  
ti  
v  
v  
c  
d  
f  
t  
p  
c  
p  
a  
s  
h  
t  
e  
e  
g  
s  
d  
n  
c  
E  
n  
f  
g  
a  
e  
n

## PREFACIO

Quando eu estudei a personalidade artistica de Procopio, em "Um para 40 milhões", disse, depois de fazer alguns parallellos entre elle e outros grandes actores: — "Procopio é, assim, o padrão de um actor completo. Isto é, elle vive em seus papeis, tanto a comedia como o drama, cujo exemplo, no Brasil, encontramos em Vasques".

Essa affirmativa viria desfazer o conceito que se propagou, entre nós, de que Procopio só era verdadeiramente eminente em interpretações comicas.

Taes considerações surgiram a proposito de "Deus lhe pague", na qual Joracy Camargo poz em evidencia, á analyse mais superficial do espectador, todas as facêtas psychologicas de um ar-

tista insigne, capaz de, numa só peça, conseguir, em successivas transições, tocar a escala de todas as nuanças do sentimento humano.

Nella, um só actor mostra e realça, num jogo de expressões inconfundiveis, a innocencia e a ingenuidade, a probidade e o cynismo, o sentimento e a razão, a alegria e a dôr, o riso franco e a lagrima incontida, a graça reconfortante e a tragedia brutal!

Numa só peça, Procopio, nos apparece comico, comediante, dramatico e tragico!

E "Deus lhe pague", bastaria por si só para consagral-o um Mestre, se não fosse ainda um predestinado, um desses eleitos da arte, em cuja chamma interior se alimenta, para realizar a Beleza!

Quem agora assistiu Procopio, interpretando o personagem central de "Anastacio", a mais notavel peça desse outro grande Joracy Camargo, ha-de convir que Procopio é genial na mimica da sua mascara incomparavel.

Em "Anastacio", a figura humana do actor desaparece. Toda ella é alma.

Trabalho de pura psychologia de intenções, no qual um simples gesto, uma contração physionomica, uma inflexão de vóz, um olhar mais vago, derrubam um artista e annullam uma peça. Procopio, na medida dosada do character subtil do papel em que vive, toca á perfeição.

\*  
\*\*

*"Anastacio" é o symbolo doloroso da vida.*

*"Anastacio" perdeu tudo. Dignidade. Dinheiro. Honra. "Anastacio", é a derrota definitiva de um homem.*

*E' a morte moral. E' o nada social. E' o zero da personalidade desaparecida. Joracy cria, dest'arte, um "typo" inconfundivel, como tantos outros marcados por Machado de Assis, ou Eça de Queiroz.*

*Mas, Anastacio não perdeu a fé. Estabeleceu-se, então, um conflicto naquelle cerebro mal trabalhado.*

*Um conflicto que surge das raizes profundas do recalque religioso.*

*Um conflicto "inconscienté" entre a realidade exterior e a sua realidade psychica.*

*O actor que o encarna, não póde ter consciencia — no sentido commum do termo — dos motivos inconfessaveis que levam o personagem á derrota da vida.*

*Anastacio é um crente. Mas a fé na sua crença não o desillude nunca. Ella aflora por necessidade psychica e imperiosa.*

*E' uma defeza do eu desconhecido. No seu "inconscienté" formou-se, por assim dizer, mais um "instincto".*

O instinto da fé. Um "instinto" amadurecido por uma série de "complexos", dos quaes elle não póde ter noção alguma.

Sabe que precisa crêr. Mas não sabe porque crêr.

O impulso religioso lhe apaga toda a luz do raciocinio.

Porque é mais forte e cega a razão. A consciencia não recusa nem acceta a tendencia "instinctiva" da fé. Ella a desconhece. Deante da força inconsciente da crença, fica perplexa.

Mas todo "Anastacio" gravita e vive dos impulsos religiosos.

Porque é escravo de uma repressão dolorosa, occorrida numa phase de formação da personalidade, em que as verdades não são ditas.

Anastacio, nos momentos da sua embriaguez, olha para dentro. Mas a sua paysagem interior o confunde. Sua alma é semelhante a uma porção de photographias superpostas sobre a mesma placa virgem e sensivel.

Elle não consegue vislumbrar os contornos. E por isso não póde analysar. Apenas sabe que foram os carinhos paternos que a engramaram. E, então, a acceta sem discussão.

Quando creança, não comprehendia os dogmas christãos. Mas entendia, pela affectividade, os ensinamentos da Igreja, que o pae lhe ditava.

Era preciso crêr. Elle cria.

Quando criança, seu Deus era o proprio pae. Quando adulto, ainda o seu Deus era a imagem viva e symbolica da saudade paterna.

Assim é a Religião. Um processo de defesa da alma humana contra o "Destino".

Deus é o symbolo supremo. E' o desejo de protecção que possui a criança; uma consolação das infelicidades da vida.

A Religião é, em ultima analyse, uma fuga da realidade penosa, aliás, para a realização ideal das tendencias affectivas profundas.

Quando, entretanto, o adulto diz que está destinado a soffrer as aggressões da vida, resalta, sem o saber, os traços remotos da figura paterna e cria seus deuses como um consolo de protecção. Assim, a saudade de um pae e o desejo dessa mesma protecção contra as consequencias da aggressão humana, são a mesma cousa.

E Joracy põe em evidencia todo esse conflicto religioso da alma dos homens que acreditam, que são apóstolos da fé.

Anastacio é, por isso, um espelho onde se reflecte o grande recalque colectivo, a grande neurose universal, no dizer de Freud.

Joracy, mostra o quanto ás vezes é ingenua a Fé, que, afinal de contas, é uma das funcções talvez necessarias para se supportar a vida.

\*  
\*\**Mas será necessaria?**Se o homem vive da realidade e a Religião  
é uma fuga á realidade?*\*  
\*\**E' preciso dest'arte que o actor, vivido em  
"Anastacio", se transporte tambem a esse estado  
de inconsciencia objectiva, ou se quizerem, de  
consciencia subjectiva.**Ora, um trabalho desses, essencialmente in-  
terior, é difficillimo. Procopio, entretanto, vive  
esse papel, tão humanamente, que "Anastacio"  
se torna, como naturalmente o quiz seu autor,  
esse espelho, esse immenso espelho, onde apenas  
se reflecte o conflicto religioso, oriundo do gran-  
de recalque colectivo.*\*  
\*\**Eis a equação de "Anastacio", e que Jora-  
cy espelha magistralmente.**Mas, quando Procopio diz, ao terminar a  
scena do ultimo acto, seguro entre as mãos de  
um policial, que perdeu tudo, mas não perdeu  
a fé, o espectador, se é crente ou materialista,*

*concluirá, segundo os seus "complexos interiores", se vale a pena acreditar . . .*

*E nessa conclusão, que se divide entre as duas e eternas correntes do conhecimento, estão as duas almas de "Anastacio", como uma nova e imprevista realização do teatro moderno.*

GASTÃO PEREIRA DA SILVA.

//

n  
M  
e  
r  
i  
n  
n  
M  
e  
d  
n  
z  
q  
s  
n  
s  
s  
t  
o  
v  
p  
e  
h  
c  
r  
e  
b  
l  
i  
d  
t  
v  
c  
d  
f  
t  
p  
c  
p  
a  
s  
l  
t  
e  
e  
s  
c  
r  
c  
l  
i  
f  
i  
l

# ANASTACIO

## PRIMEIRO QUADRO

### SCENA:

*Penumbra de um luxuoso salão. — A' esquerda, piano de meia cauda, com o teclado voltado para o fundo. A' direita, dois confortaveis "maipples". Ao subir o panno, estão ao piano, executando a quatro mãos a parte final de uma peça classica qualquer, FERNANDO e PAULA. Nos "maipples" estão sentados JOÃO e CUSTODIO. As physionomias dessas quatro personagens estão, illuminadas por pharoletes de luz concentrada, habilmente collocados. Tudo o mais deve permanecer em penumbra. Terminando a musica, Fernando e Paula levantam-se e dirigem-se carinhosamente a João.*

FERNANDO

Está contente, papae?

PAULA

Gostou?

JOÃO

(*Que está visivelmente doente, fala com ligeira difficuldade. Usa camisa branca, de collarinho largo e aberto, e tem as pernas cobertas por um "couvre-pieds" de pelles*). — Gostei, meus filhos. Gostei muito. Si não fosse impiedoso gostaria que vocês ficassem tocando piano a quatro mãos toda a noite.

PAULA

Você dormiria, papae. . .

JOÃO

E como seria bom dormir assim. Juro que me sinto hoje muito feliz. Meus filhos ao piano, com a sua arte que é o meu grande consolo; e o velho Custodio ao meu lado, com a sua sabedoria, que é a minha tranquillidade nestes ultimos tempos de vida.

CUSTODIO

Não veja sabedoria, João, onde só ha uma grande amizade.

JOÃO

Onde ha as duas coisas.

CUSTODIO

Uma só vale pelas duas. Toda amizade é sabia, João.

JOÃO

Como gosto de ouvir a sua palavra e a musica de meus filhos!

FERNANDO

Quer que continuemos ao piano?

n.  
M  
e  
r  
n  
n  
M  
e  
d  
n  
z  
q  
s  
n  
s  
s  
t  
o  
v  
p  
e  
h  
e  
r  
e  
b  
li  
d  
t  
v  
v  
c  
d  
f  
t  
p  
e  
p  
a  
s  
l  
t  
e  
e  
s  
c  
r  
c  
r  
f  
e  
s  
t

JOÃO

Não. Faz-me falta a musica, mas é preciso que vocês se sentem aqui, junto de nós.

PAULA

Quer que colloque um bom disco na victrola?

JOÃO

Sim. Em surdina. (*Emquanto PAULA colloca um disco de musica symphonica numa victrola ao lado, FERNANDO senta-se sobre uma almofada, aos pés de JOÃO. — Iniciada a musica, bem em surdina, PAULA faz o mesmo, sentando no lado opposto ao de FERNANDO. Novos reflectores illuminam-lhes os rostos*). — Antes de começarmos, gostaria de dizer o que estou sentindo. Parece-me que estou num paraizo, e vejo tudo, mas não sei contar o que estou vendo!

CUSTODIO

Não fale. Aproveite bem o que está sentindo.

JOÃO

Não queria ser egoista, mas não tenho outro remedio. (*Pequena pauza*). — Custodio... diga alguma coisa.

CUSTODIO

Tambem estou sentindo as mesmas emoções agradaveis e, como você, apesar de sábio, como você diz, não sei dizer nada.

FERNANDO

O professor diz isso, naturalmente, para consolar papae...

CUSTODIO

Não, Fernando. As sensações da musica ainda são indecifráveis. A physica define o som. Mas as tonalidades, combinadas como meio de expressão, exprimem o que a gente ainda não sabe dizer. E' por isso que ninguem a pode comprehender. Todos a sentem e ninguem sabe exprimir os sentimentos que ella inspira. A musica é a grande expressão da harmonia universal. A musica de cada nação faz parte da grande symphonia universal. Ha um sentimento basico que as inspira, um ponto imperceptivel de irradiação de toda a sensibilidade humana. (*Pequena pausa*).

JOÃO

Continue... Continue...

CUSTODIO

Esta mesma musica, envolvendo todo o mundo, em ondas sonoras, enterneceria todos os corações humanos... encantaria serpentes e acalmaria os instinctos bestiaes das feras... Um grande concerto pode reunir povos de todas as raças. Os passarinhos podem cantar em toda parte. (*Pequena pausa*).

JOÃO

Continue... Continue...

CUSTODIO

(*Bondoso*) — Chega, João... Parece que estou contando "Historias da Carochinha"...

PAULA

Eu estava achando tão bom...

FERNANDO

O professor deu-me a impressão de haver reduzido o mundo a uma pequena caixa de musica...

CUSTODIO

Mas, na realidade, eu estava tocando um velho realejo, já fanhoso, como esses dos immigrants musicas...

JOÃO

(*Sorridente, consigo mesmo*) — Dos immigrants...

PAULA

Que é que você disse, papae?

JOÃO

Nada... Vamos falar dos nossos assumptos... Vocês conhecem o meu velho amigo, professor Custodio?

FERNANDO

(*Brincando*) — Ainda não... (A CUSTODIO) — Muito prazer em conhecê-lo, professor...

JOÃO

Você está brincando, Fernando... Mas o que é facto é que não o conhecem ainda.

FERNANDO

Ora, papae... Eu e Paula lidamos com o professor desde que nos entendemos...

CUSTODIO

Mas eu lido com vocês desde muito antes...

JOÃO

Desde que nasceram. Mas nem por isso conhecem o meu velho amigo.

FERNANDO

Confesso que estou ancioso por conhecê-lo.

PAULA

E eu.

JOÃO

Isto é historia antiga para vocês. O velho Custodio, que hoje é um sabio . . .

CUSTODIO

Ora . . .

JOÃO

. . . era um jovem estudante, quando cheguei ao Brasil. Ha quarenta e seis annos. (ri).

PAULA

De que é que você está rindo?

JOÃO

Estou rindo hoje, porque, nesse dia, ha quarenta e seis annos, chorei de raiva.

CUSTODIO

E tinha razão.

FERNANDO

(rindo) — Que foi? Que foi?

JOÃO

Imaginem vocês, que eu desembarcára, na vespera, na Prainha, com cinco mil reis fortes, que me restavam, e que troquei no dia seguinte, numa agencia de cambio que havia alli na rua Direita. Como já es-

tava morando por favor na casa de um amigo, transformei esse dinheiro num cesto e num regular stock de laranjas.

PAULA

Papae nunca nos contou essas historias assim, com pormenores.

JOÃO

Hoje vão ficar completamente inteirados de tudo.

CUSTODIO

Acha necessario?

JOÃO

Muito . . . Isto, entretanto, pode continuar em segredo. O facto de eu ter ficado millionario autoriza-me a contar essas coisas, sem prejuizo. Mas os meus filhos, que já começam millionarios podem ser prejudicados. Eu fui admittido na sociedade porque fiz fortuna e poderia até ser conde, como tantos outros. Mas os meus filhos têm outras credenciaes.

CUSTODIO

Todas . . . e mais o dinheiro . . .

FERNANDO

Mas vamos á historia das laranjas.

JOÃO

Transformei todo o capital em laranjas e na compra do estabelecimento, que era o cesto . . . Haviam-me dito que os estudantes gostavam muito de laranjas. Toquei-me para a Escola de Direito e estabeleci-me na calçada, proximo á porta principal, tendo tido antes o cuidado de collocar as laranjas mais boni-

tas para cima. Algum tempo depois, apparece-me uma malta de estudantes endiabrados que desde logo foi-se servindo das laranjas, sem a menor cerimonia. Julguei que era o systema da terra e fiquei muito contente. Mas, dahi a pouco, não sei lá porque, começou uma verdadeira guerra de laranjas. Eu só via laranjas voarem de um lado para outro e a esborracharem na cabeça dos contendores!

PAULA

Chi!

JOÃO

Perdi a cabeça e dispuz-me a brigar com todos elles. P'ra que! Juntaram-se as duas hostes e quasi me mataram de . . . laranjadas!

PAULA

(*Sorrindo*) — Que horror!

FERNANDO

Foi uma liquidação forçada . . .

JOÃO

Si foi! Mas aqui o velho Custodio, que era valente como as armas, comprehendeu a minha situação, e deu um geito "naquillo". (FERNANDO e PAULA *sorriem expressivamente para CUSTODIO*) — Os animos acalmaram e o meu Custodio obrigou-os a pagarem-me o prejuizo.

PAULA

E depois?

JOÃO

Ficou então combinado que eu iria vender laranjas alli mesmo, todos os dias. Tornei-me amigo de todos, mas o velho Custodio é que era o meu amigo de verdade.

CUSTODIO

Você é que era meu amigo. Um mez depois, o velho João já me emprestava um cruzado, ou mais, quando era preciso.

JOÃO

Mas você sempre me pagou; ao passo que ha outros que depois chegaram a ser ministros e senadores, que me ficaram a dever muitos cruzados. . . Bôa gente. . . Bôa gente. . .

CUSTODIO

E' que elles não acompanharam sua vida, como eu.

JOÃO

Sorte minha.

CUSTODIO

Ou minha.

JOÃO

Minha. Mais tarde estabeleci-me com "seccos e molhados".

CUSTODIO

E começou dando-me uma carta de fiança.

JOÃO

E' verdade. Nem sabe com que alegria! (*Repetindo os termos da carta de fiança*) — "Eu, commer-

ciante matriculado na praça do Rio de Janeiro. . .” Ah! meninos! Não calculam a minha satisfação. Vocês não sabem o que representa para um immigrante, perdido no tempo e no espaço, quasi sem patria, a satisfação de ser matriculado na praça! Logo depois o “Grande Armazem dos Dois Mundos” inaugurava uma filial e o feliz vendeiro casava-se com a mãe de vocês! Quem havia de ser o padrinho?

FERNANDO

O professor Custodio.

JOÃO

Diz muito bem. Nesse tempo já era professor.

CUSTODIO

Vocação irresistivel, que me fez chegar ao fim da vida, exactamente como comecei.

JOÃO

Tantas vezes quiz lhe chamar para meu socio, mas não ficava bem a um intellectual. . .

CUSTODIO

O que mais condiz com a condição de intellectual é a miseria. . .

JOÃO

Nesse tempo era até “chic”. Assisti toda a vida penosa do velho Custodio e nunca o pude ajudar, porque elle recusava. Um pouco orgulhoso. . .

CUSTODIO

Nada disso. Eramos grandes amigos, mas não me parecia justo que você dividisse commigo os resultados do seu esforço, enquanto eu teimava em seguir

o magisterio, mal pago, mas intimamente bem recompensado. Assim mesmo vali-me muita vez da sua ajuda.

JOÃO,

Ninharias.

CUSTODIO

Oh! Não!

JOÃO

Ninharias em relação á honra de ser seu amigo.

CUSTODIO

Oh! João!

JOÃO

E quanto lhe devo eu pela educação de Paula e Fernando?

CUSTODIO

Nada, como todos os outros milhares de alumnos que nem se lembram de mim . . .

PAULA

Menos nós!

CUSTODIO

Vocês são como filhos.

JOÃO

Sim, como filhos! Pode-lhes puxar as orelhas, quando quizer . . .

CUSTODIO

(Sorrindo) — Não acredito que venham a precisar disso . . .

JOÃO

Como seus filhos, sim. Acabámos os dois na mesma situação: viuvos, sós... Mas eu tenho dois filhos, que podem ser nossos. Si eu os sustentei, você os educou. Pois é para tratar dos destinos dos nossos filhos é que estamos reunidos.

CUSTODIO

Estão bem preparados para começar a vida. Nada lhes falta.

JOÃO ;

Mesmo assim, meu velho Custodio, precisamos abrir-lhes os olhos. Não basta a fortuna que lhes ponho nas mãos. Foi o que lhes pude dar. O resto, deulhes você de sobra. Mas o que certamente não lhes podemos transmittir é a nossa existencia.

CUSTODIO

Talvez...

JOÃO

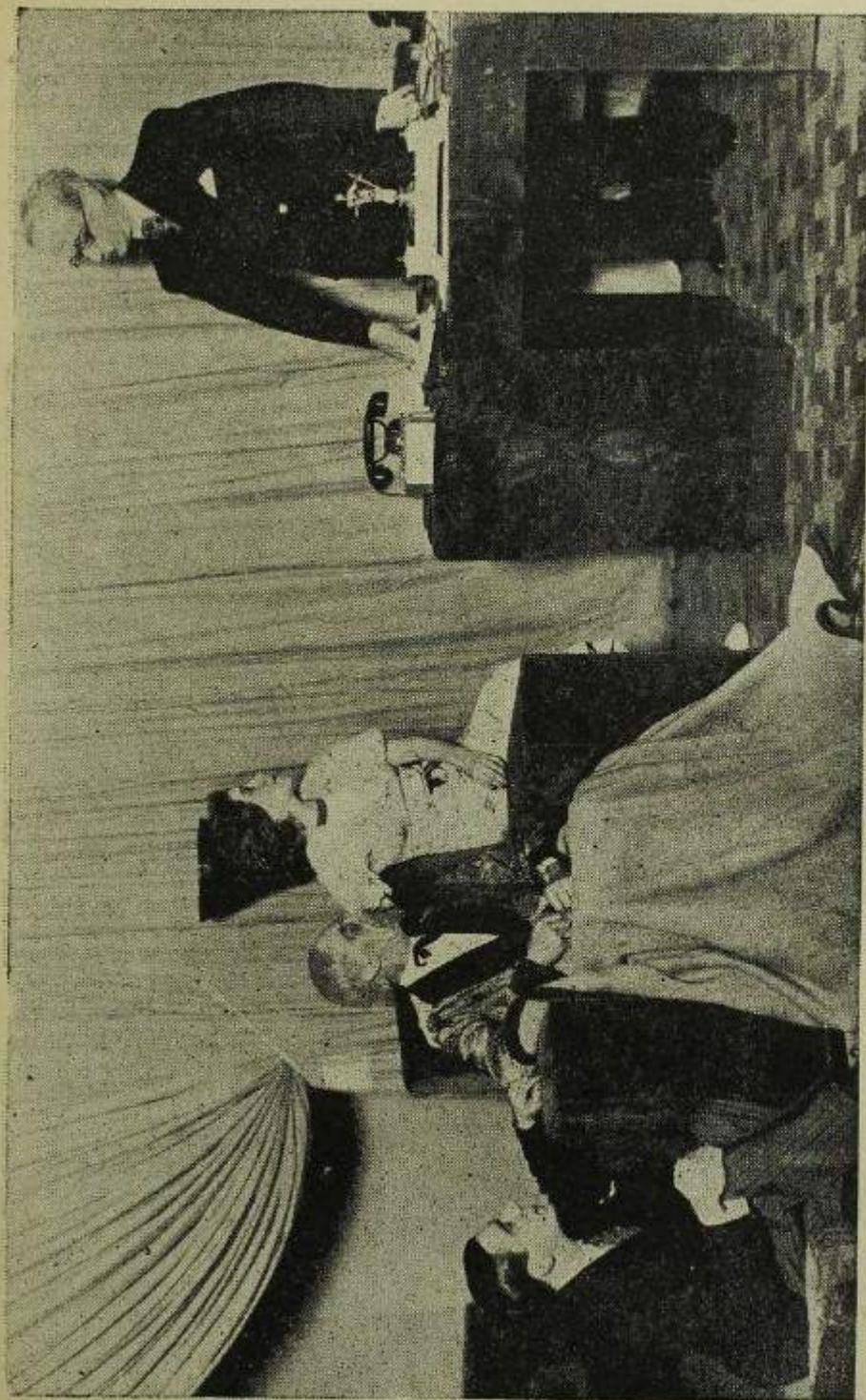
Não, Custodio. Nós temos vivido para aprender a viver. Tinhamos um ideal: eu, a fortuna; você, o saber. O meu ideal, mesquinho, talvez, está realizado para elles. Para realizal-o lutei quasi meio seculo, pensando em conquistar para elles a felicidade, que é o ideal supremo. E pergunto agora a você: serão elles felizes com o dinheiro?

CUSTODIO

Certamente...

JOÃO

E' esse o meu grande e angustioso receio...



CUSTODIO — O dinheiro realiza milagres, João,...



CUSTODIO

Ô dinheiro realiza milagres, João . . .

JOÃO

Você não ignora que os milagres do dinheiro já estão um pouco desmoralizados. Hoje estou convencido de que o prazer de acumular uma grande fortuna traz-nos as consequencias desagradaveis de todos os prazeres excessivos. Desde que me considéro millionario nunca mais tive tranquillidade. Inquiéta-me a leitura dos jornaes, apavoram-me os acontecimentos mundiaes. Minhas preocupações estenderam-se por todo o mundo. Uma rebellião qualquer nos confins da India tira-me o somno. Porque? Na minha cabeça todos os factos tomam proporções enormes. Meus ouvidos ouvem gritos que parecem vir de longe. Não gósto de sair á rua. Vê-se tanta coisa desagradavel. E não sou egoista. Todos deviam ter juntado dinheiro, como eu!

CUSTODIO

Mas isso não é possivel. Ha de haver, eternamente, pobres e ricos.

JOÃO

Pobres, sim. Mas não devia haver miseraveis. Os miseraveis causam ao mundo um grande mal-estar. Juro que me sinto culpado de tudo o que lhes succede. E entretanto, você sabe, não tenho nenhuma culpa.

CUSTODIO

Descance seu espirito, João. Você cumpriu o seu dever e não lhe compete pensar na reforma do mundo.

JOÃO

Mas não é justo que eu tenha amargado a vida inteira em busca da felicidade, que já não a quero para mim, mas para os meus filhos, e venha a soffrer no fim da vida a decepção de ver fracassado todo o meu esforço.

CUSTODIO

Francamente, João, já não comprehendo as suas palavras.

JOÃO

Nem eu mesmo sei o que estou dizendo. Eu que sempre tive tanta coragem para enfrentar a vida, estou agora acovardado, com medo de entregar meus filhos ao convívio dos homens.

CUSTODIO

Elles irão viver, como toda gente.

JOÃO

Tenho a impressão de que vão partir para uma guerra.

FERNANDO

Oh! Papae! Que pessimismo!

PAULA

Foi para isso que você nos reuniu?

JOÃO

Não. Foi para que vocês ouvissem alguns conselhos do meu velho Custodio.

FERNANDO

Pois então deixe que o seu "velho Custodio" fale.

JOÃO

Falle . . . Fale . . .

CUSTODIO

Os receios de seu pae não se justificam. O grande amor que tem pelos filhos exige uma coisa impossivel: a certeza de que vocês serão felizes.

FERNANDO

Ora. Continuaremos a viver, como até agora.

JOÃO

Vocês não conhecem a vida, esta vida que cada vez está peor.

CUSTODIO

Nem peor, nem melhor, João. O certo é que vocês vão, de facto, começar uma vida nova. Você, Fernando, vae assumir a chefia dos negocios de seu pae e vae casar! E você, Paula, vae apenas casar. E' a isso que se chama começar uma vida nova. Só agora é que vocês vão pôr em actividade a propria personalidade. Passarão a orientar-se por si mesmos.

JOÃO

E estarão, de facto, preparados para isso?

CUSTODIO

Repito que nada lhes falta. Nem mesmo os bons ensinamentos da nossa religião.

JOÃO

Foram educados no temor de Deus e na obediencia de todos os ensinamentos da Santa Madre Igreja. Graças a Deus, são fervorosos crentes e nunca mentiram a Jesus.

CUSTODIO

Levam para a vida o grande escudo da fé! Que mais precisamos dizer-lhes? Têm o coração cheio de bondade e o pensamento em Deus. E' o que lhes basta. Não devem temer os homens, nem a vida. Vocês vão viver num mundo christão, numa sociedade organizada segundo a vontade de Christo. Si lhes faltar a justiça dos homens, devem confiar na justiça divina, que ainda não faltou a ninguem. Lembra-se das tres virtudes theologaes?

FERNANDO

Fé.

PAULA

Esperança.

FERNANDO

E caridade.

CUSTODIO

Não é preciso mais nada.

JOÃO

Acha, então, Custodio, que estão preparados para a vida?

CUSTODIO

Que mais receia?

JOÃO

Que lhes faça falta uma educação moderna.

CUSTODIO

A chamada antiga educação, a que você lhes deu, será o melhor elemento de triumpho contra a anarchia social a que chamam educação moderna.

JOÃO

E' que o mundo está cheio de novas theorias, novidades a que chamam ideologias, que se propõem a tornar a humanidade mais feliz.

CUSTODIO

Seus filhos não precisam disso, porque já nasceram felizes.

JOÃO

Graças a Deus! Mas o mundo está tão confuso que já ninguém sabe em que consiste a felicidade.

FERNANDO

Volta o pessimismo . . .

JOÃO

Meu filho, você não pode fazer a menor idéa da situação de um pae, hoje em dia, deante do destino dos filhos. Antigamente a vida era sempre a mesma, tão lentas eram as modificações por que passava. A felicidade consistia em garantir-se um bom futuro, e isso estava ao alcance de todos os que sabiam lutar, como eu.

FERNANDO

E o nosso futuro não está garantido?

JOÃO

O futuro a que eu me referi era um futuro que se podia prever. O futuro de vocês . . .

CUSTODIO

. . . a Deus pertence!

## JOÃO

Deus. Pois é a Deus que eu entrego o futuro de meus filhos! Que bom é para mim haver um Deus todo poderoso a quem entrego a felicidade de meus filhos... em quem deposito toda a esperança de que sejam venturosos... Deus, que é bom, que é justo e misericordioso, Deus, é a ti que entrego meus filhos e... a... minha... alma... (FERNANDO, PAULA e CUSTODIO *entreolham-se*).

## CORTINA

*Fim do Primeiro Quadro*

n  
n  
e  
r  
n  
n  
n  
M  
e  
d  
n  
z  
g  
s  
r  
s  
s  
s  
t  
c  
v  
f  
e  
i  
c  
r  
c  
l  
ó  
t  
v  
v  
c  
c  
t  
i  
c  
l  
e  
s  
l  
t  
c  
l  
e  
c  
l

# ANASTACIO

## 2.º QUADRO

### SCENA:

*A mesma do 1.º quadro. — Meia noite. — FERNANDO que está sentado, um pouco desfeito, tem um relógio de mesa, na mão, o qual consulta varias vezes seguidas. — Logo depois entra CUSTODIO, visivelmente assustado, mas procurando dissimular.)*

CUSTODIO

Que foi isso, rapaz?

FERNANDO

Quasi nada . . .

CUSTODIO

Si não fosse a minha velha experiencia, teria tomado um susto . . .

FERNANDO

E teria razão. Um chamado urgente á meia-noite! Mas deixe-me, primeiro, pedir-lhe todas as desculpas,

CUSTODIO

Si faz muita questão disso, peça as desculpas no fim. Vamos, antes, saber quaes são os motivos das suas afflicções.

FERNANDO

Estou mesmo muito afflicto. Nunca senti tanto a falta de meu pae, como hoje. E ahí está porque me lembrei do senhor.

CUSTODIO

Muito obrigado.

FERNANDO

Meu pae, em identica situação, teria tambem chamado "seu velho Custodio".

CUSTODIO

Pobre João. Até o momento de morrer só pensou na tranquillidade de vocês.

FERNANDO

E morreu crente de que havia conseguido uma felicidade eterna para mim e Paula.

CUSTODIO

Nem tanto assim. O meu velho João sabia que a felicidade depende de mil factores e circumstancias. Apesar da fortuna que acumulou para vocês; apesar da aprimorada educação moral, religiosa, intellectual e artistica que deu aos dois filhos queridos, elle mostrou-se sempre preocupado com a falibilidade de tudo isso. E se não fosse a sua fervorosa crença em Deus, teria soffrido horrivelmente a morte, tal a lucidez de espirito que manifestou na hora final.

FERNANDO

Que Deus me perdôe, mas meu pae foi muito ingenuo, pensando que nós poderíamos comprar a felicidade a bom preço.

CUSTODIO

Você está perdoado, mas foi injusto. Seu pae começou a juntar dinheiro ainda no tempo em que o dinheiro, de facto, poderia comprar, pelo menos, uma bôa dose de tranquillidade de espirito.

FERNANDO

Hoje, ao contrario, parece-me que o dinheiro é um motivo de intranquillidade. Desculpe-me a ousadia, professor. Mas não lhe parece que a felicidade integral de um homem depende da felicidade dos outros?

CUSTODIO

Conforme. Ha quem construa a sua propria felicidade sobre a desgraça alheia.

FERNANDO

Isso, parece-me que já se modificou um pouco. Perdôe-me estar fazendo considerações philosophicas deante do senhor.

CUSTODIO

Ora, meu rapaz. . .

FERNANDO

Talvez seja ingenuidade minha. Mas tenho observado que a felicidade é, pela sua natureza, um bem colectivo.

CUSTODIO

Porque?

FERNANDO

A historia está repleta de exemplos. A felicidade dos monarchas que tornavam cada dia mais feliz o seu pequeno grupo de cortezãos, foi sempre perturbada pela infelicidade dos vassallos. Cheguei até a convencer-me de que a estabilidade dos regimens politicos é a coisa mais facil de conseguir-se. As massas populares contentam-se com um pouquinho de felicidade. Um pobre homem viverá feliz num casebre. Mas se lhe falta o casebre, pensa logo em lutar pela conquista de um palacio.

CUSTODIO

Meu bom Fernando: quer saber, sinceramente, minha opinião?

FERNANDO

(Satisfeito) — Si me quer dar essa honra . . .

CUSTODIO

Não se preocupe tanto com assumptos de tão grande transcendencia.

FERNANDO

Peço-lhe perdão, mais uma vez, professor. Se commetti essa falta . . .

CUSTODIO

Não é uma falta. Estou apenas aconselhando.

FERNANDO

. . . é que nunca me consideraria feliz, sabendo da existencia de tanta gente infeliz.

CUSTODIO

Pensando assim, você só teria um caminho a seguir: tornar-se infeliz também, dada a impossibilidade de fazer a felicidade de todos.

FERNANDO

O senhor tem razão. Confesso que sinto uma irresistível atracção pela infelicidade.

CUSTODIO

Oh!

FERNANDO

Desculpe-me, professor. Mas só por estar tratando disso, esqueci-me da desgraça que me levou a pedir sua presença aqui a esta hora.

CUSTODIO

(Sorrindo) — Notei-o desde logo. E foi por isso que o deixei proseguir . . . Mas vamos lá a vêr o que vem a ser essa . . . desgraça . . .

FERNANDO

Professor: estou completamente arruinado.

CUSTODIO

(Sorrindo) — Oh! Só não rio ás gargalhadas é apenas para não incommodar sua mulher, que deve estar dormindo.

FERNANDO

Faz muito bem, professor. E por dois motivos. Primeiro, porque estou, de facto, arruinado. Segundo, porque não quero que minha mulher venha a saber disso . . . pelo menos enquanto eu puder evitar esse desgosto,

CUSTODIO

Nesse caso, quem lhe pede perdão agora sou eu. Mas espero que a situação não seja irremediável.

FERNANDO

Já fiz todas as tentativas nesse sentido. Appellei para os causadores de minha desgraça. E se os fiz de mãos postas, não o foi por mim, mas por minha irmã e minha mulher.

CUSTODIO

E elles?

FERNANDO

Não atenderam. Procurei os melhores amigos de meu pae, no meio bancario. Telephonei a amigos da imprensa. E tive a impressão de que todos, juntos, formavam um bloco de rocha viva, que não se transforma senão com a acção lenta do tempo.

CUSTODIO

Impassiveis.

FERNANDO

Afinal, sem surpresa, aliás, para mim, verifiquei que só tenho o unico amigo que meu pae teve.

CUSTODIO

Obrigado. E aqui estou. Conte-me tudo e ordene-me tudo.

FERNANDO

Ha alguns mezes, fui convidado para uma reunião de banqueiros. Estranhei o convite, porque não faço parte de nenhuma associação, ou syndicato. Mas compareci, como era de meu dever. Tratava-se de uma

colligação de capitaes nacionaes para o emprehendimento de uma campanha financeira em favor da producção do algodão. O banqueiro autor da idéa frizou o character patriotico da iniciativa. Não se cogitava, em absoluto, de um "trust", mas da defeza desse producto contra a investida dos capitaes estrangeiros. Comprar-se-ia toda a safra para uma consequente valorização. Poderia eu negar meu apoio a uma tal campanha? (CUSTODIO não responde) — Claro que não. Aceitei o compromisso. A minha quota, igual ás demais, representava a quasi totalidade dos meus capitaes, incluindo os depositos do banco.

CUSTODIO

Uma operação perigosa, portanto.

FERNANDO

Sem duvida. Mas os meus collegas, cordialissimos para commigo, e para que eu pudesse ter o prazer de contribuir para tão nobre campanha, declararam-me que a operação não excederia de oito mezes e que, no caso de eu necessitar de dinheiro, durante esse periodo, abrir-me-iam todos os creditos.

CUSTODIO

Promessas . . .

FERNANDO

Das quaes eu não poderia duvidar, dada, além da respeitabilidade de cada um, a nobreza dos seus propositos.

CUSTODIO

E dahi?

FERNANDO

Concorri com a minha quota e continuei administrando o banco com o dinheiro que sobrou. Fez-se a compra de todo o algodão.

CUSTODIO

E a valorisação?

FERNANDO

Não tem sido possível, porque os grandes magnatas estrangeiros, ao saber da nossa colligação, provocaram uma grande baixa.

CUSTODIO

Mas essa baixa não poderá eternizar-se.

FERNANDO

Era a minha esperança. Esperariamos mais dez mezes, se fosse preciso.

CUSTODIO

Exactamente.

FERNANDO

Mas é que os grandes magnatas conhecem todos os processos de aniquilamento. E hoje, não sei como, nem porque, um jornal vespertino, tratando do caso, revela que o meu banco empregou nesse negocio todo o capital e o montante dos depositos!

CUSTODIO

(*horrorizado*) — Oh! Não é preciso dizer mais nada. (*pausa*).

FERNANDO

(*desanimado*) — Attendi a esse telephone mais de quarenta vezes!

CUSTODIO

Pobre Fernando.

FERNANDO

(*reanimando-se*) — Logo que li o jornal, julgando inevitavel uma "corrida", que me seria fatal, procurei os meus collegas e appellei para o offerecimento do tal credito. A resposta de todos foi a mesma, menos a de um. (*desanimado*) — Não era possivel! A situação se modificára . . .

CUSTODIO

Mas resta esse ultimo. Que disse elle?

FERNANDO

Que não me podia receber!

CUSTODIO

(*entre dentes*) — Miseravel!

FERNANDO

Talvez não. Devia estar muito occupado. Voltei então aos outros. Pedi-lhes pelo amor de Deus. E ainda me censuraram por metter o nome de Deus em negocios de dinheiro.

CUSTODIO

Atheus!

FERNANDO

Talvez não. Realmente não se deve appellar para Deus quando está em jogo o vil metal.

CUSTODIO

Mas pensemos um pouco. (*pequena pausa*) — Porque não vende sua parte, com prejuizo?

FERNANDO

Fiz-lhes tambem essa proposta, mas allegaram que o contracto não permite, dizendo-me, com toda a razão, que não poderiam ser victimas da minha ruina.

CUSTODIO

Ruina, da qual elles o poderiam salvar.

FERNANDO

Mas não o podem.

CUSTODIO

Porque?

FERNANDO

(*Concluindo, desalentadamente*) — Porque a denuncia foi obra exclusiva delles proprios!

CUSTODIO

Infames!

FERNANDO

Talvez não, professor. Apenas victimas inconscientes da ganancia.

CUSTODIO

Mas que interesse terão elles na sua ruina?

FERNANDO

Só encontro uma explicação. Logo que meu pae morreu, assim que assumi a direcção do banco, augmentei consideravelmente todas as taxas de juros, dando assim um maior lucro aos meus clientes.

CUSTODIO

Ah! E resultou dahi uma concorrência nociva aos interesses dos outros bancos!

FERNANDO

De facto. Mas juro-lhe que não tive essa intenção. Apenas achei exagerados os meus lucros e resolvi favorecer os meus clientes, não só augmentando os juros dos depositos, mas diminuindo as taxas dos empréstimos.

CUSTODIO

Uma loucura!

FERNANDO

(*espantado*) — Como?

CUSTODIO

Má orientação. Não pelos propositos que a determinaram mas pelas consequencias. . . Seu pae não teria feito isso. E foi assim que chegou a ser banqueiro.

FERNANDO

Como vê, não é o dinheiro que compra a felicidade, mas o possuidor do dinheiro. Professor, o dinheiro que vou perder não era meu. Esse dinheiro fazia parte da vida de meu pae.

CUSTODIO

Que ha mais a fazer?

FERNANDO

Nada, professor. Meus clientes estão alarmados. Amanhã, será a "corrida", a agglomeração ás portas do banco, o escandalo, a ruina, a vergonha. . . a desmoralização das tradições deixadas por meu pae, o desrespeito á sua memoria.

CUSTODIO

Isso não!

FERNANDO

De manhã em deante, tudo será possível!

CUSTODIO

Mas nem tudo está perdido. . .

FERNANDO

Graças a Deus. Continuarei a luta mal começada. Nem de longe passará na minha cabeça a idéa de um suicidio.

CUSTODIO

Deus o livre!

FERNANDO

Mas, professor, eis aqui o motivo de sua presença nesta casa: o senhor, que é um sabio. . .

CUSTODIO

(*modestia*) — Oh! . . .

FERNANDO

. . . um sabio, poderia ensinar-me um meio de poupar minha irmã, minha mulher e meu cunhado a essa vergonha e ás outras consequencias dessa desgraça. . .

CUSTODIO

Admittamos a desgraça, mas não ha nenhuma vergonha a evitar. Paula, Marianna e seu cunhado só têm motivos para ajudar você a soffrer esse golpe. Elles o adoram.

FERNANDO

E' o meu consolo. Bem sei que me perdoarão. E por isso mesmo, queria evitar que soffressem. Deus po-

deria conceder-me essa graça. E' um direito que me cabe, o de soffrer sozinho.

CUSTODIO

Impossivel, Fernando. Todos soffrerão com você, para minorar o soffrimento de todos.

FERNANDO

(*monologando*) — Elles me perdoarão. (*pequena pausa*) — E a Justiça?

CUSTODIO

A Justiça está sempre ao serviço da bôa causa.

FERNANDO

Sempre?

CUSTODIO

Não nego a existencia de graves erros judicarios, nem quero an lysar-lhes as causas. Entretanto, a nossa organização judiciaria offerece todos os meios para evitar-se uma injustiça. As leis são claras e insophismaveis.

FERNANDO

E as leis? serão sempre justas?

CUSTODIO

Nenhuma lei seria elaborada com outro intuito.

FERNANDO

Que me succederá, professor, si eu não puder, amanhã, attender ás retiradas dos meus clientes?

CUSTODIO

Será decretada a fallencia do banco. E isto, desde que não houve fraude, não é crime.

FERNANDO

Não houve fraude, nem poderia haver. Mas é que para attender á minha quota, tive de lançar mão dos depositos a prazo fixo.

CUSTODIO

Oh! E' um crime, meu filho!

FERNANDO

Mas os juizes não levarão em conta a nobreza da minha intenção? A bôa fé com que acceitei a promessa de um soccorro financeiro dos meus collegas?

CUSTODIO

Os juizes julgarão com as provas dos autos.

FERNANDO

Mas não é verdade que eu quiz ajudar a salvar a situação de um producto nacional?

CUSTODIO

E'.

FERNANDO

Não é verdade que a operação foi licita?

CUSTODIO

E'.

FERNANDO

Não é verdade que os meus collegas prometteram reembolsar-me dentro do prazo dos meus depositos a prazo fixo?

CUSTODIO

E'.

FERNANDO

Não é verdade que eu poderia salvar-me se não fosse a denuncia da imprensa?

CUSTODIO

E'.

FERNANDO

Não é verdade que eu não pretendi locupletar-me com o dinheiro dos meus clientes?

CUSTODIO

E'. Mas nada disso interessa á Justiça, nem mesmo que de tudo se pudesse fazer prova. As allegações de ordem moral não podem ser tomadas em consideração. O Estado tem de zelar pelo exacto cumprimento das leis, e, ao juiz só é dado julgar, nos autos.

FERNANDO

O Estado! Pois se a minha intenção foi contribuir para a melhoria das condições economicas do Estado.

CUSTODIO

Sem duvida. Mas as leis não podem prever casos dessa natureza.

FERNANDO

Estou perdido, então, professor?

CUSTODIO

Não. Ninguém está perdido. Faremos tudo para que sua honra pessoal continue intacta. E salvo a honra, não devemos lamentar o resto,

FERNANDO

Como salvar a honra, professor? Amanhã estourará á porta do meu banco uma bomba com todos os estilhaços da destruição! Ninguém acreditará na minha honestidade, depois de um escandalo divulgado em linhas geraes por milhares e milhares de exemplares dos jornaes. De amanhã em diante serei réo de um crime. E um réo, innocente ou não, será sempre um réo. Tudo contribuirá para a minha execração. Os actos honestos de minha vida serão novamente interpretados, e desta vez, contra mim. Coincidencias conspirarão contra mim. Meus amigos serão levados a uma situação de constrangimento. Não terei mais direito á consideração pessoal de ninguem. Serei um réo, professor, um réo . . . (*está abatido*).

CUSTODIO

Ser apenas um réo não deshonra a ninguem, meu rapaz.

FERNANDO

No seu conceito de jurista, professor. No conceito geral, o réo, o accusado, o indigitado é sempre um individuo desprezível. Ninguem sae de um julgamento judiciario completamente illeso. Nenhum réo innocente voltará integralmente á sua primitiva situação.

CUSTODIO

(*levantando-se*) — Você está um pouco nervoso. Vá descançar e receba amanhã, com serenidade, os

acontecimentos. Serei seu advogado e daremos largas explicações pela imprensa.

FERNANDO

(*levantando-se*) — Obrigado, professor, obrigado.

CUSTODIO

Amanhã estarei com você, no banco, muito cedo, para abirmos as portas e tentarmos um accordo com os depositantes.

FERNANDO

Obrigado, professor.

CUSTODIO

Até amanhã.

FERNANDO

Bôa noite, professor.

CUSTODIO

Vá repousar. (*voltando*) — E ponha sua mulher ao corrente de tudo. Hoje mesmo. Bôa noite.

FERNANDO

Bôa noite. (CUSTODIO *sae*. — FERNANDO *está um pouco indeciso*. — *Afinal vae a um pequeno telephone interno e liga para o quarto de dormir*) — Sou eu . . . (*timido*) — Estava dormindo? Pensei que você estivesse acordada . . . Peço desculpas . . . Não. Estou um pouco afflicto e precisava que você descesse um pouco. Bem sei que eu poderia subir . . . Mas não tenho somno. E' um pequeno sacrificio que peço, sim. Obrigado. (*desliga e apanha o outro telephone, que disca*) — Allô! Quem fala? Ah! E' você? Fernando,

Paula está dormindo? Peço desculpas a você, mas precisava que Paula fizesse o sacrificio de dar um pulo até aqui. Sim. E' urgentissimo. Mas eu estou pedindo desculpas, Azevedo... Bem o sei. Sim... E' bom que você venha tambem. Não. Não se trata de Marianna. Trata-se de todos nós. Não posso dizer. Venha immediatamente. Até já. (*desliga, abatidissimo*).

MARIANNA

(*entrando, em deshabillé*) — Que triste idéa a sua.

FERNANDO

Marianna, antes de mais nada, peço que respeite a minha situação.

MARIANNA

Sua situação?

FERNANDO

Nossa situação.

MARIANNA

Vae-me dizer, com certeza, que estamos arruinados?...

FERNANDO

(*espantado*) — Quem foi que disse?

MARIANNA

Roberto.

FERNANDO

Roberto?!!!

MARIANNA

(*hostil*) — Roberto, sim. Elle não me disse que

você está arruinado, mas, pelo menos, tem como certa a sua ruína.

FERNANDO

Como assim?

MARIANNA

Em primeiro lugar, pagando uns juros enormes aos seus clientes. E em segundo, mettendo-se em negócios excusos, como esse do algodão.

FERNANDO

Excuso?! Elle disse isso?!

MARIANNA

Disse.

FERNANDO

Com que direito esse rapaz, cujas visitas eu venho tolerando, para evitar maiores aborrecimentos, classifica de excusos os meus negocios?

MARIANNA

Com o direito de amigo.

FERNANDO

Amigo . . . (*noutro tom*) — Marianna, já devias ter compreendido que eu só não reclamo contra a assiduidade desse rapaz junto de ti, para evitar as consequencias desastrosas de uma discussão sobre isso.

MARIANNA

Diga antes: para evitar uma falta de respeito á minha honestidade!

FERNANDO

Oh! Nunca duvidei de ti!

MARIANNA

Nem pode duvidar! E não admitto que você pretenda privar-me de relações como a de Roberto. Roberto é um rapaz digno, que tem até contribuído para a nossa felicidade conjugal.

FERNANDO

E' bem possível...

MARIANNA

E tem mesmo! E' com elle, e seus amigos, que me divirto um pouco e procuro remediar o abandono em que você me deixa, por causa dos seus maldictos negocios.

FERNANDO

Mas eu estou sempre prompto a sair comtigo.

MARIANNA

E' mentira!

FERNANDO

Oh! Marianna!

MARIANNA

Sim! Sempre prompto a sair commigo, quando se trata de uma conferencia massuda ou de um concerto. Você é incapaz de se offerecer para me acompanhar a um baile, a um jogo de foot-ball, ou a uma sessão chic de cinema! A principio aturei quartetos monotonos e fui até a uma conferencia sobre... aquella... da qual não entendi patavina...

FERNANDO

Sobre a "Desintegração Atomica",

MARIANNA

Essa mesma. Não ha paciencia que resista a uma conferencia sobre "desintegração atomica". Eu nem sei o que quer dizer isso!

FERNANDO

Tratava-se de um grande cientista, que nos deu a honra de convidar.

MARIANNA

Agradeço essas honrarias! Você, positivamente, vive fóra do mundo moderno. Si vivemos calados dentro desta casa é porque eu não sei conversar com você! Você não conhece os titulos das fitas, não sabe os nomes dos artistas. E' incapaz de citar um famoso jogador! Se falo em Paul Witman, você torce o nariz e quer contar-me a vida infeliz de Mozart. Si falo em Greta Garbo, lá me vem você com a Sarah Bernard. Ao passo que Roberto é um homem moderno e audacioso como poucos! Quem seria capaz de dizer que prefere os sapateados da Ginger Roger aos bailados da Pavlowa?

FERNANDO

Elle disse isso?

MARIANNA

Disse.

FERNANDO

(*monologando*) — E entrava nesta casa, sem o meu protesto! . . .

MARIANNA

Entrava e entrará!

FERNANDO

Nesta, não . . .

MARIANNA

Porque não?

FERNANDO

*(frizando)* — Nesta, não . . .

MARIANNA

*(Reflectindo)* — Vae, então, me dizer que estamos arruinados!?

FERNANDO

Conforme as previsões do . . . Roberto.

MARIANNA

Fernando!

FERNANDO

Irremediavelmente arruinados.

MARIANNA

O negocio . . . excuso . . . do algodão, sem duvida.

FERNANDO

Esse mesmo.

MARIANNA

Como Roberto tinha razão.

FERNANDO

Roberto tem sempre razão, Marianna. E agora, mais do que nunca.

MARIANNA

Tantas vezes, elle me disse que eu poderia evitar o desastre! *(noutro tom)* — E agora, que vamos fazer?

FERNANDO

Evitar o escândalo e salvar nossa reputação.

MARIANNA

Como?

FERNANDO

Despojando-nos de todos os nossos haveres para diminuir a extensão dos prejuizos que causarei aos meus clientes.

MARIANNA

E é a isso que você chama salvar a nossa reputação?

FERNANDO

Tanto quanto possível.

MARIANNA

Reduzindo-nos á miseria?

FERNANDO

Até que possamos, com sacrifício, reconstruir nossa vida.

MARIANNA

Ingenuo! Não ha reputação que resista á miseria! Nem estamos em epoca de sacrificios para reconstruir a vida. (*desesperada*) — Maldita a hora em que me casei com você!

FERNANDO

Oh!

MARIANNA

E vá uma pobre moça confiar num millionario!

FERNANDO

Você não disse que não era do millionario que gostava?

MARIANNA

Sim, disse! E haverá alguma mulher que dissesse o contrario na mesma situação?

FERNANDO

Era o que me diziam os amigos, mas eu preferi acreditar em ti.

MARIANNA

Ingenuo!

FERNANDO

Não era, então, de mim, que você gostava?

MARIANNA

Isso não é pergunta que se faça. E chega! Que vergonha! Que dirão minhas amigas? Como vão rir de mim antigas collegas, que eram pobres como eu e que continuaram pobres, mas que não tiveram a desgraça de casar com um. . . (*entram PAULA e AZEVEDO — MARIANNA interrompe a fala, mas mantém por um instante o gesto de desespero, com o braço suspenso*).

AZEVEDO

(*sorrindo*) — Já esperavamos por isso. . .

FERNANDO

Tambem já sabiam?

PAULA

Não. Mas o Mario disse-me logo: trata-se, com certeza, de uma briguinha sem importancia entre Marianna e Fernando . . .

MARIANNA

Briguinha sem importancia?

AZEVEDO

Sim, Não me parece que você tenha motivos para uma desavença grave. Sobram ao Fernando qualidades de character e de coração.

MARIANNA

Você diz isso, Azevedo, porque não sabe o que nos fez esse . . .

PAULA

(indo acariciar Fernando) — Marianna!

AZEVEDO

Mas o que teria feito a nós o nosso bom Fernando?

MARIANNA

Apenas isto: reduziu-nos á miseria!

AZEVEDO

Como?

MARIANNA

O maldito negocio do algodão levou o banco á fallencia! (pausa)

AZEVEDO

Fernando, diz alguma coisa!

PAULA

Fala, Fernando. E se é verdade, nós estamos todos dispostos a te ajudar.

AZEVEDO

Nós, não! Si é verdade, elle que soffra, sózinho, as consequencias do seu erro!

PAULA

Mario!

FERNANDO

Pois é verdade! E, infelizmente, não posso evitar que a miseria attinja a todos.

AZEVEDO

Menos á mim e á minha mulher! Paula é testemunha de que eu não concordei com esse malfadado negocio do algodão!

FERNANDO

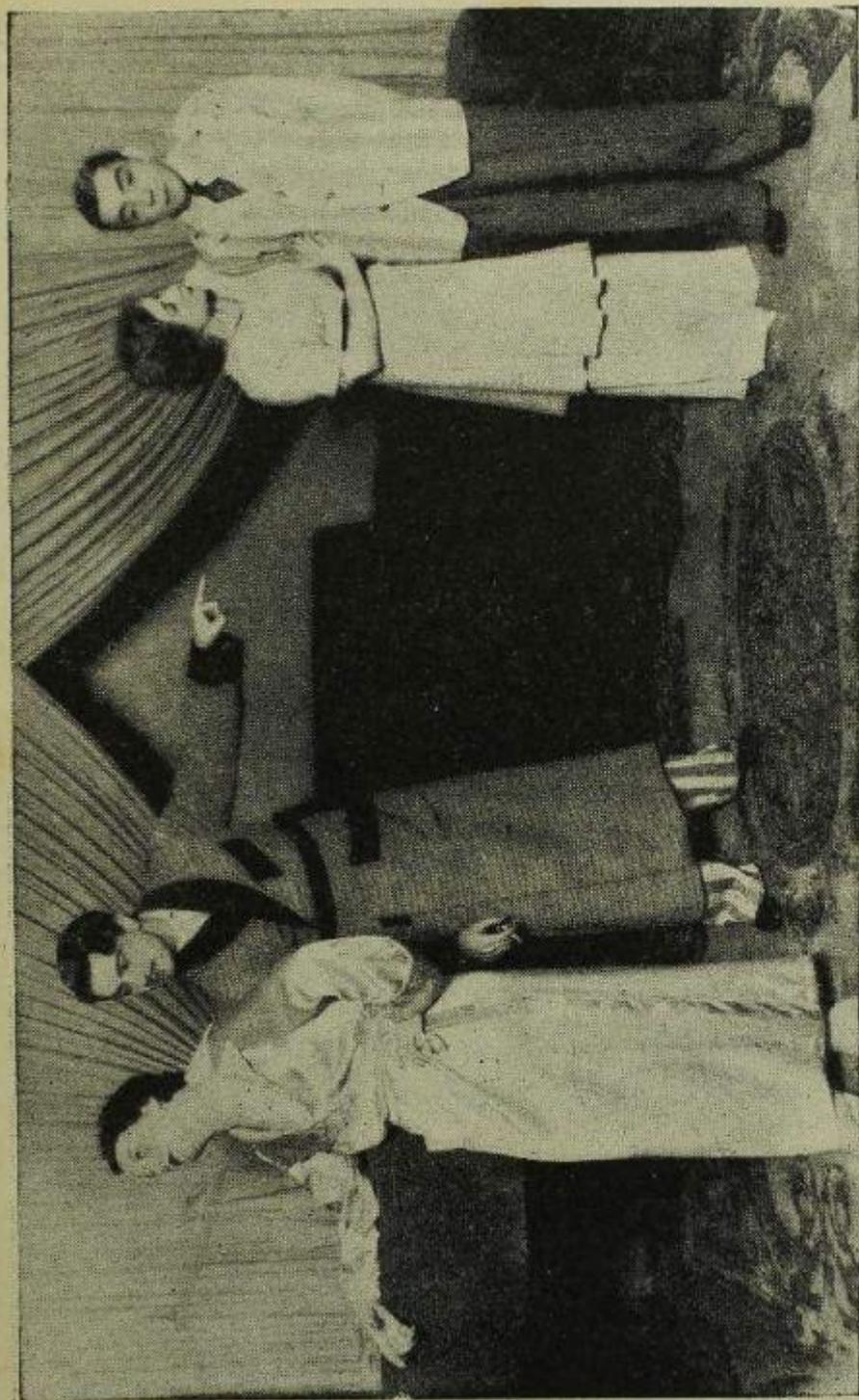
Bem o sei, Azevedo. Mas até hoje mereci a sua confiança e a de Paula, como administrador dos nossos bens. E parece-me que os administrava a contento geral. Você, desde que casou com minha irmã, nunca teve o menor trabalho, nem mesmo para distrair-se...

AZEVEDO

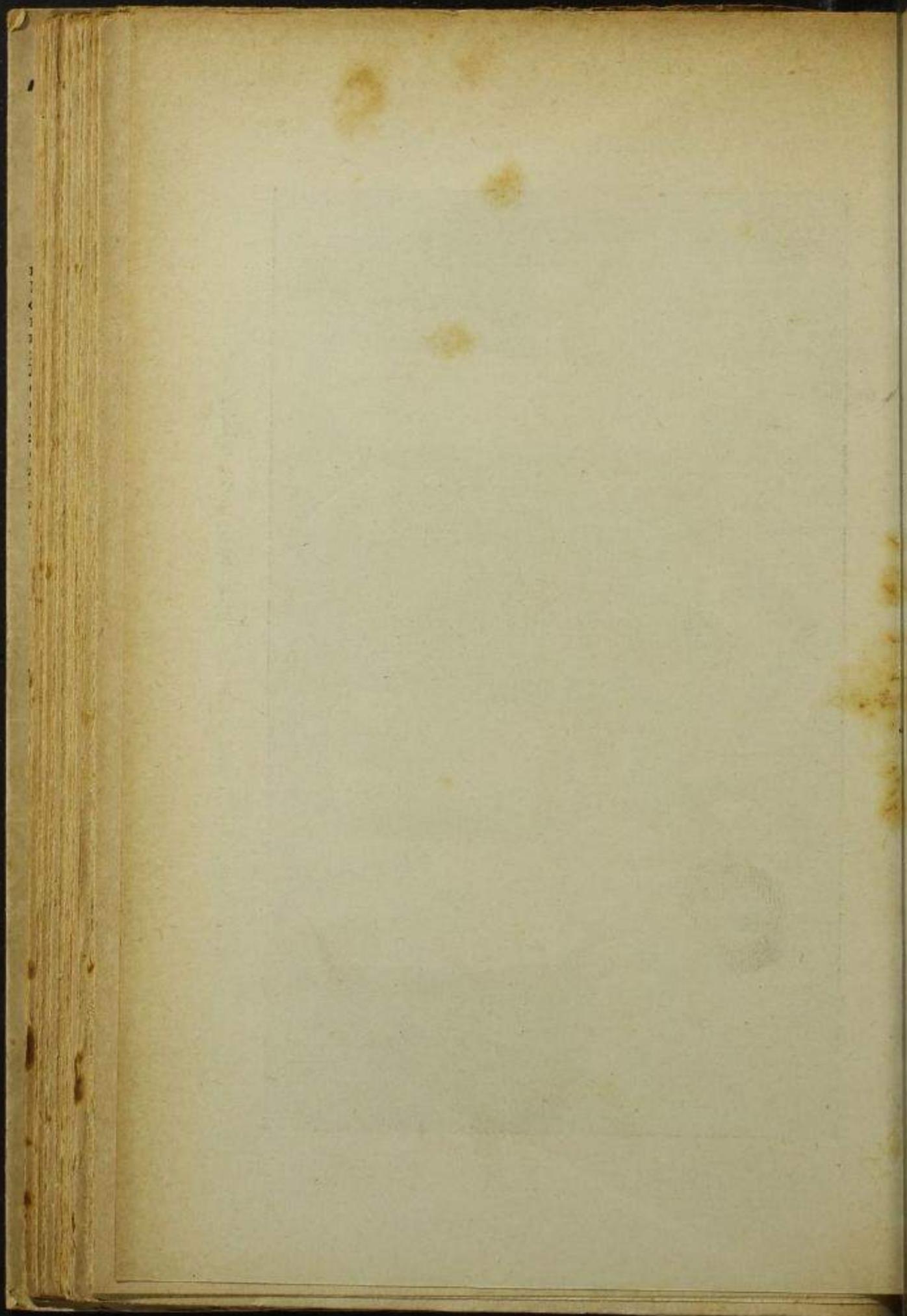
Com as rendas de nossa fortuna, nunca me faltaram distracções.

FERNANDO

E' verdade. Essa mesma fortuna que só a mim dava trabalho e que nem aõ menos me permittiu decorar nomes de artistas de cinema e de jogadores de "foot-ball".



AZEVEDO — E eu? Não me conformei, nem minha mulher!



MARIANNA

(*ironica*) — Isso é commigo! . . .

AZEVEDO

Mas permittiu a você realizar negocios criminosos, "trusts" . . .

MARIANNA

E reduzir-nos á miseria!

PAULA

Vocês estão muito nervosos. Tenham pena do Fernando. Quem sabe se poderemos remediar a situação.

FERNANDO

Isso seria facil. Bastaria que todos se conformassem em viver modestamente, por algum tempo.

MARIANNA

Menos eu!

AZEVEDO

E eu! Não me conformarei! Nem minha mulher!

PAULA

Não, Mario! Em hypothese alguma abandonarei meu irmão numa situação de afflicções.

AZEVEDO

Paula, reflecte bem no que estás dizendo!

PAULA

Pensas, com certeza, em me abandonar?

AZEVEDO

Talvez . . .

PAULA

Que me importa!

FERNANDO

Paula, as mulheres devem estar sempre ao lado de seus maridos. (PAULA *baixa a cabeça*) — Dispensso a solidariedade de vocês. Lutarei sózinho contra a desgraça, da qual sou o unico culpado. De vocês só quero que me perdoem e continuem a me estimar como sempre.

AZEVEDO

Isso é bom de dizer. Mas em que situação ficarei eu?

FERNANDO

Você terá de procurar trabalho e creio que, assim, viverá feliz com sua mulher.

PAULA

(A AZEVEDO) — Eu trabalharei tambem, para te ajudar.

AZEVEDO

Obrigado pelo conselho e pela generosidade. Saberei defender os meus interesses perante os tribunaes.

PAULA

Mario, reflecte: não farás apenas a infelicidade de Fernando, mas a nossa tambem.

AZEVEDO

Nem se devia falar em felicidade numa situação dessas. Amanhã mesmo terei um advogado para defender o meu dinheiro da sua falta de escrupulos!

FERNANDO

Lembre-se, Azevedo, de que você nunca teve dinheiro . . .

AZEVEDO

Perdão! Casei-me sob o regimen da communhão de bens!

PAULA

Um dos erros da bôa fé de meu pae. . .

FERNANDO

(*levantando-se*) — De qualquer maneira, Paula, fica com teu marido. (*indo a MARIANNA*) — E nós, Marianna, havemos de ser felizes. Empregarei todos os esforços para que não venha a soffrer humilhações.

MARIANNA

Não tenho mais illusões. As consequencias do seu erro são, talvez, mais graves do que você suppõe. Não acredito que você possa evitar as humilhações que vou soffrer, de amanhã em diante. Amanhã cedo, os telephones. . . (*demonstra que teve uma idéa*) — Emfim, só ha um remedio: desaparecer. Bôa noite. Vou descançar um pouco. Estou tonta como se tivesse bebido (*sae*).

FERNANDO

Daria tudo para não perder Marianna!

PAULA

Marianna está nervosa. Amanhã concordará em soffrer comtigo.

FERNANDO

Não, Paula. Além de tudo, não sou o homem moderno que Marianna deseja.

PAULA

Isso são tolices.

FERNANDO

Tolices. . . São tolices que fizeram falta á minha felicidade conjugal. . .

AZEVEDO

E nós, Paula, em que ficamos?

PAULA

Não ha nada a resolver entre nós. Em qualquer situação, serei sempre tua mulher.

AZEVEDO

E concordará com a attitude que tomarei contra teu irmão?

PAULA

Veremos. . .

AZEVEDO

Nesse caso, nada mais temos a fazer aqui. Vamos.

PAULA

E porque não ficar mais um pouco aqui, para confortar meu irmão?

AZEVEDO

Preciso descansar. . . e pensar!

PAULA

*(indo a AZEVEDO)* — Mario, consente que fique aqui mais um pouco, ao lado de meu irmão.

AZEVEDO

Como quizeres. Boa noite. *(sae bruscamente)*.

PAULA

(*voltando para junto de FERNANDO*) — Não achas que fiz bem?

FERNANDO

Não esqueças de que o teu dever...

PAULA

Conheço perfeitamente os meus deveres. E não é por dever, que resolvi ficar contigo. Precisamos conversar, Fernando. Depois da morte de papae, nunca mais trocamos impressões. Sempre tive receio de perguntar si eras feliz.

FERNANDO

Feliz, sempre o fui, e muito. Soffria, apenas, a mesma angustia de saber si eras feliz. E's feliz, Paula?

PAULA

Não, Fernando. Mario tem sido muito mau para mim. Longe de procurar dissipar a duvida, que sempre tive, de que casára commigo pela minha fortuna, ao contrario, convenceu-me, paulatinamente, de que não tenho nenhum encanto, nenhuma virtude, talvez, que substituisse meu dinheiro!

FERNANDO

Na impressão sua.

PAULA

Não, Fernando. E não quero contar factos. E' melhor não augmentarmos as nossas afflicções. (*nou-tro tom*) — E você? E' mesmo feliz?

FERNANDO

Muito! Adóro Marianna! E tanto, que me es-

queço de mim. Não sôffro as minhas desgraças, mas apenas o seu reflexo em Marianna e em você.

PAULA

E ella?

FERNANDO

Não me pergunte. Nunca disse a ninguem que ella não gosta de mim.

PAULA

E a mim, não o diz?

FERNANDO

Nem a você, Paula. Si eu um dia disser a alguem, irei além de admittir essa hypothese, mas estarei realmente convencido disso.

PAULA

Mas você suspeita de que...

FERNANDO

De que ella não gosta de mim? Paula, soffro mais, falando disso, do que com a desgraça da nossa ruina. Precisamos, antes, descobrir um meio de salvar a situação.

PAULA

Será possível evitar a ruina?

FERNANDO

Não é a ruina que eu quero evitar. Minha felicidade não estava na herança de papae. Nunca tive a menor emoção, deante do dinheiro que elle nos deixou. Precisamos encontrar um meio de evitar a nossa infelicidade conjugal. Você precisa continuar ao lado de seu marido. E eu preciso de Marianna ao meu lado.

PAULA

E' muito difficil, Fernando. Não tenhamos illusões.

FERNANDO

Só agora compreendo o pessimismo de papae. Quantas vezes elle perguntou ao velho Custodio si nós seriamos felizes com tanto dinheiro!

PAULA

Mas é justamente a falta do dinheiro que nos faz infelizes.

FERNANDO

Não. Maior desgraça nos aconteceu quando ainda o tinhamos.

PAULA

Como?

FERNANDO

(*levanta-se*) — Casámo-nos errados. (*decisivo*) — Paula: nem o Azevedo gosta de ti, e . . . nem Marianna gosta de mim! (*senta, exhausto*) — Entretanto, eu a adóro. Si amanhã lhe acontecesse a maior desgraça, qualquer coisa que a tornasse monstruosa, mais ainda havia de adoral-a. E a tanto amor, Paula, ella prefere . . .

PAULA

Hein?!

FERNANDO

Nada.

PAULA

Você ia falar em Roberto!

FERNANDO

Não! Não ia!

PAULA

Estamos num momento decisivo de nossa vida, Fernando. Sejam os sinceros.

FERNANDO

Sim, sim. Mas não falemos nisso!

PAULA

Acho que devemos abdicar de tudo. Tenho a impressão de que voltámos a ficar sós no mundo, como nos sentimos no dia da morte de papae.

FERNANDO

Mas falemos de outra coisa. De nosso futuro.

PAULA

Pois bem. Só nos resta, Fernando, trabalhar. Arranjarei alumnas de piano. E você...

FERNANDO

Farei tudo o que me for possível! E elles se conformarão em viver com o pouquinho que possamos conseguir?

PAULA

Elles quem?

FERNANDO

Azevedo e Marianna.

PAULA

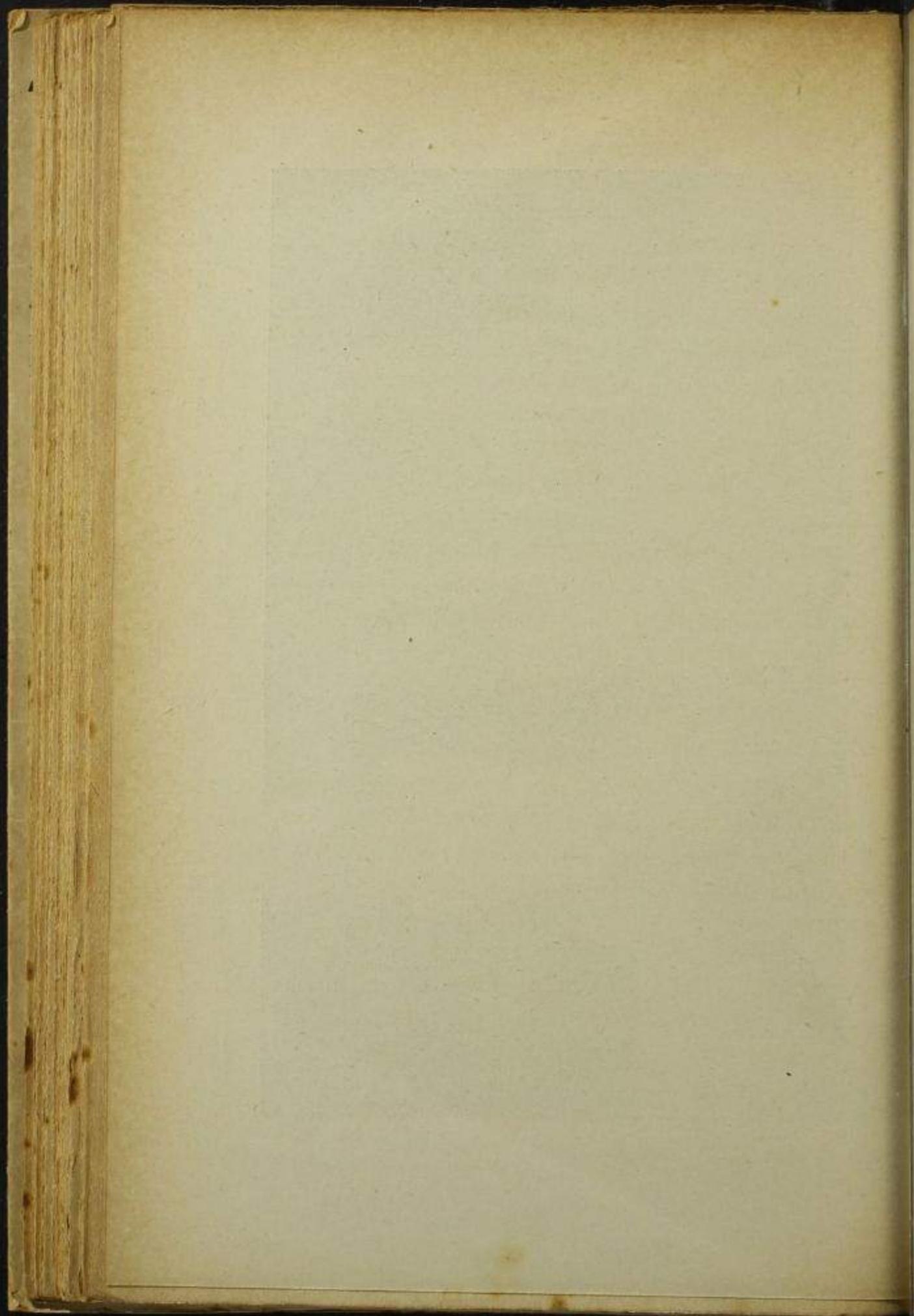
Não terão outro remedio.

FERNANDO

Poderão até nos abandonar!



FERNANDO (tapando o phone, sem ouvir o que Paula diz, toda atenção concentrada, num crescendo, ao que ouve pelo telephone) — Não! Não! Não! Não! Não! Não! Fugir, não! Fugir, não!



PAULA

Ainda bem que você reduziu o motivo da nossa infelicidade a tão pouco.

FERNANDO

Pouco?

PAULA

Sim. Que importa que nos abandonem! de minha parte, saberei resignar-me.

FERNANDO

Você bem sabe que aprendi também a resignar-me, mas soffro ao pensar que Marianna . . . Não! Ella não fará isso. Confio na minha bôa mulher. Ha pouco estava nervosa, mas ha de compadecer-se de mim. Marianna é tão religiosa!

PAULA

Que ingenuidade, Fernando!

FERNANDO

Não creio, Paula, que Marianna me abandone. Ha infelicidades que, a meu ver, só acontecem aos outros. E' possível que eu mereça a miseria que nos aguarda, mas não mereço que Marianna me abandone.

PAULA

Resignação, Fernando. Resignação é que é preciso. (*ouvem-se curtos toques de campainha em numero de seis*) — O telephone está tocando.

FERNANDO

Não está. Deve ser a Marianna pedindo alguma ligação lá de cima.

PAULA

Para quem?

FERNANDO

(*nervoso*) — Não sei. . . Para alguma amiga. . .  
ou. . . para a casa de seus paes. . .

PAULA

Posso ouvir neste telephone?

FERNANDO

Não, Paula! Não acredito que você queira com-  
metter uma falta tão grande!

PAULA

Neste momento, Fernando, tudo é licito para a  
nossa salvação! Peço perdão a você, mas vou ouvir!  
(*corre para o telephone, e é interceptada por FERNAN-  
DO, que passa a ouvir. — Sua expressão é de um gran-  
de sofrimento, mal dissimulado. PAULA fixa-o como  
que para decifrar o que elle está ouvindo*).

FERNANDO

(*com um sorriso amargo, tapando o phone*) —  
E' para a mãe della.

PAULA

Que é que ella está dizendo?

FERNANDO

(*tapando o phone, sem ouvir o que PAULA diz,  
toda attenção concentrada, num crescendo, ao que ou-  
ve pelo phone*) — Hein?! Hein?!

PAULA

Que é que ella está dizendo, Fernando?

FERNANDO

*(mesmo jogo)* — Hein?! Não! Não!

PAULA

Que é que ella está dizendo?

FERNANDO

*(idem)* — Não! Não! Fugir, não! Fugir, não!

PAULA

Fugir com quem?

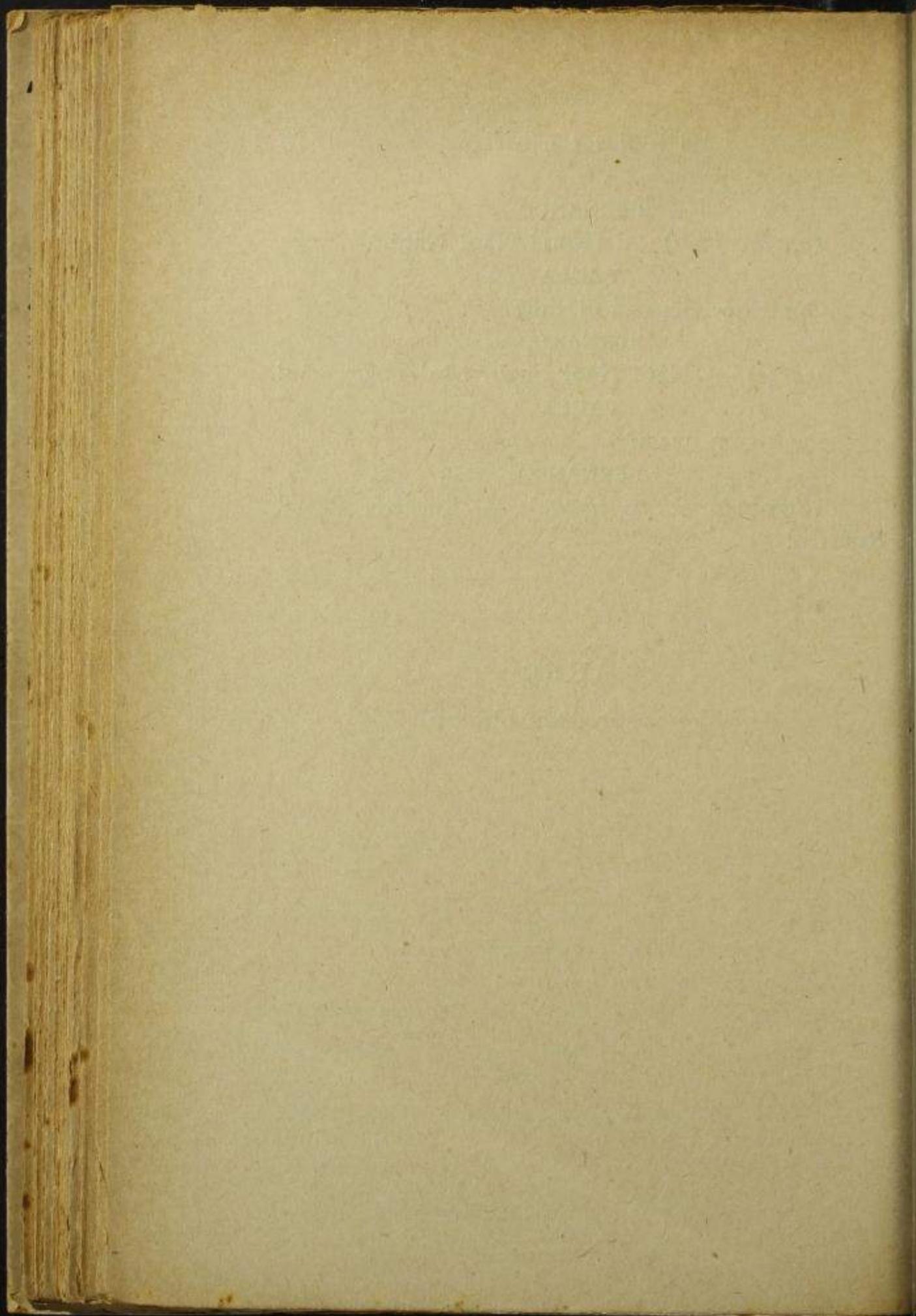
FERNANDO

*(deixando cair o phone)* — Roberto, Paula!

Roberto!

P A N N O

*Fim do Segundo Quadro*



## SEGUNDO ACTO

### TERCEIRO QUADRO

SCENA:

*Quarto pobre de FERNANDO — Ao subir o panno, uma creada faz a limpeza, emquanto FERNANDO escreve, a uma pequena mesa de pinho.)*

CREADA

O senhor é solteiro, "seu" Fernando?

FERNANDO

Não.

CREADA

Ah! E' viuvo!

FERNANDO

Tambem não sou viuvo.

CREADA

Ah! Coitado!

FERNANDO

Coitado, porque?

CREADA

Porque o senhor vive tão só. Se fosse solteiro ou viuvo ainda poderia remediar a situação.

FERNANDO

Minha situação não tem remedio.

CREADA

O senhor móra aqui ha mais de um mez e eu não consegui, afinal, saber, ao certo, quem é o senhor.

FERNANDO

E' facil de explicar. Eu cada dia sou menos quem sou. Tenho a impressão de que vou desapparecendo. A pouco e pouco vou perdendo tudo e receio perder até o espaço que occupo.

CREADA

Si o senhor não deixar de pagar o aluguel, poderá ficar aqui toda a vida. E tome cuidado, porque a patrôa não tem a menor consideração por ninguém. Se o senhor atrazar cinco dias, encontrará a porta fechada.

FERNANDO

Mas não se trata disso. (*apontando varias pilhas de livros, que estão no chão*) — Emquanto houver livros e "sebos" . . . Foi a unica coisa que consegui salvar do incendio.

CREADA

O senhor foi victima de um incendio?

FERNANDO

Terrivel! Só consegui salvar os livros. E hoje vivo á custa do talento alheio. Você talvez não en-

tenda disso, mas o talento está muito desvalorizado. Hontem a "Divina Comedia" mal deu para um bife. Esta manhã quiz trocar a Biblia por cinco bananas, e o quitandeiro resolveu dar-me as bananas e devolveu-me a Biblia.

CREADA

O senhor tem romances policiaes?

FERNANDO

Infelizmente, não.

CREADA

Si tivesse, eu comprava a quinhentos réis cada um.

FERNANDO

E' pena. Si você quizer tratados de philosophia, eu vendo a duzentos réis.

CREADA

Nem sei o que é isso.

FERNANDO

Ninguem sabe.

CREADA

Então porque é que ha tantos livros?

FERNANDO

Para complicar ainda mais. Gosta de historia?

CREADA

Tem livros de historias?

FERNANDO

(Dando-lhe um livro) — Muitos.

CREADA

Da Carochinha?

FERNANDO

Não. Da Civilização.

CREADA

Como?

FERNANDO

Contando a historia do mundo, desde o principio.

CREADA

Desde Adão e Eva?

FERNANDO

Um pouquinho depois. . .

CREADA

E' pena que eu não entendo bem esses livros, mas gostaria de saber como era no principio.

FERNANDO

O principio é mais ou menos como no fim. Si você ler o ultimo volume, verá que elles falam em selvagens, barbaros, invasões, guerras. . . Exactamente como hoje. Na edade da pedra, as mulheres vestiam-se de pelles. Hoje tambem. Os collares dos indios, as penninhas na cabeça, tudo isso ainda se usa hoje. As mulheres ainda furam as orelhas e arrancam os cabellos das sobancelhas. Mataram sujeitos que fizeram importantes descobertas scientificas, como ainda hoje morrem na miseria os que têm essa ousadia. Na antiguidade os atletas tambem tinham mais prestigio que os philosophos. Todos os que pensaram em melhorar a situação dos povos tambem foram pagar esse crime na cadeia. Se você for ao cinema assistir a um filme

passado no tempo do imperio romano, ficará horrorizada. Daqui a alguns annos, quando os nossos bisnetos forem assitir a filmes passados na época de hoje, ficarão igualmente horrorizados.

CREADA

Será possível?

FERNANDO

Você verá.

CREADA

Isso é que não é possível. . .

FERNANDO

Mas é verdade. (*batem á porta*).

CREADA

Deve ser sua irmã.

FERNANDO

Porque?

CREADA

A não ser aquelle velho, que só vem á noite, é a unica visita que o senhor recebe.

FERNANDO

Então retire-se, por favor, e pode levar o livro de historia.

CREADA

Não. Muito obrigada. O senhor já me contou o enredo. (*atira o livro sobre os outros — abre a porta e dá passagem á PAULA*).

PAULA

Bom dia.

CREADA

Bom dia. (*sae*).

PAULA

Então, Fernando? Mais animado?

FERNANDO

Animadissimo! O velho Custodio disse-me hontem á noite que deixára o juiz inteiramente convencido da minha bôa fé. Além disso, parece que consegue um accordo entre os credores, ou uma espera, afim de que seja vendido o stock de algodão.

PAULA

E nesse caso?

FERNANDO

Eu serei despronunciado. Então, espero conseguir trabalho e, possivelmente, melhorar minha situação. E você?

PAULA

Tem sido um inferno a minha vida, apesar de que consegui mais tres alumnas.

FERNANDO

Bravos! Está melhorando!

PAULA

Mas a minha vida, com o Mario, está cada vez peor. Si você consentisse, eu sahiria de casa.

FERNANDO

Não. Você não deve nunca abandonar o lar. Sua situação peioraria muito perante a sociedade.

PAULA

Mas, Fernando, Mario diz constantemente que

não me abandona por causa do processo. Você pode fazer uma pequena idéa do meu martyrio, obrigada a viver com um homem que me odeia!

FERNANDO

Não faz mal. As más acções ficam com quem as fazem. Quanto mais elle te fizer soffrer, maior será o castigo de Deus.

PAULA

Já me faltam forças para esperar esse castigo.

FERNANDO

Isso seria perder a fé e não acredito que você commetta um peccado tão grande.

PAULA

Que Deus me perdôe.

FERNANDO

Quanto a mim, só tenho pedido que nunca venha a odiar os causadores de nossa desgraça. E que Deus nunca desampare a Marianna.

PAULA

Onde andarâ ella?

FERNANDO

Nunca mais a vi, mas juro que gostaria de encontral-a, só para perdoar o que me fez.

PAULA

Por acaso, não a perdoaste ainda?

FERNANDO

Tantas vezes. Mas talvez ella se sentisse mais confortada se eu o fizesse pessoalmente.

PAULA

A's vezes chego a pensar que isso de nada lhe serviria.

FERNANDO

Porque?

PAULA

Porque estou farta de perdoar o Mario, e elle cada vez está peor.

FERNANDO

E' o que você pensa. Garanto que intimamente tem remorsos do que faz. Quanto maior for a sua resignação, maior será tambem o soffrimento delle.

PAULA

Talvez.

FERNANDO

Talvez, não. Marianna e Azevedo estão soffrendo mais do que nós.

PAULA

E' o caso de termos pena delles, porque o nosso soffrimento é bem grande.

FERNANDO

Mas havemos de triumphar, porque assim triumphará a Justiça, o amor ao proximo, a resignação, a fé! Começaremos pelo reconhecimento da minha innocencia, si o juiz lavrar hoje o despacho de despronuncia. (*batem*).

PAULA

Quem será?

FERNANDO

Deve ser a creada. (*abre a porta*) — Oh! Entre, professor. (CUSTODIO *entra*) — A esta hora? Bôas notícias, com certeza!

CUSTODIO

Bom dia, Paula.

PAULA

Bom dia, professor.

FERNANDO

Então, professor? O juiz despachou?

CUSTODIO

Sim. Esta manhã, em sua propria casa, de onde venho.

FERNANDO

Que foi que eu disse, Paula?

PAULA

Qual foi o despacho do Juiz, professor?

FERNANDO

Despronunciando.

CUSTODIO

Não.

FERNANDO

Como?!

CUSTODIO

Não lhe foi possível desprezar as provas dos autos. Declarou-me que pessoalmente está convencido de que você agiu com nobres e patrioticos intuitos, que seria o primeiro a proclamar sua innocencia, mas os autos . . .

FERNANDO

Que resolveu então?

CUSTODIO

Decretar sua prisão preventiva.

FERNANDO

Hein?!

CUSTODIO

Mas isso não tem importancia. Você se apresentará á prisão, para que o processo tenha andamento, e no mais curto prazo possivel, providenciarei para a sentença final que, espero, seja de absolvição.

PAULA

Então, Fernando vae para a cadeia?!

CUSTODIO

Isto, dito assim, impressiona mal. Mas, de facto, é uma méra formalidade processual.

PAULA

Dura formalidade essa! Como são maus os homens!

CUSTODIO

Espero que continuem confiantes em alguma coisa de superior aos homens!

FERNANDO

Certamente. (*noutro tom*) — E o accordo com os credores, professor?

CUSTODIO

Não é mais possivel, porque o juiz decretou tambem a incorporação de sua parte na massa fallida, determinando a venda do stock correspondente.

FERNANDO

Que nos resta, então, fazer?

CUSTODIO

Aguardar o pronunciamento da Justiça.

PAULA

Isto quer dizer que Fernando deve apresentar-se á prisão?

CUSTODIO

O mais cedo possível.

FERNANDO

Hoje mesmo, professor.

CUSTODIO

Amanhã. E' preciso que o processo baixe do Cartorio, para a expedição do mandato.

FERNANDO

Mais uma formalidade legal...

CUSTODIO

Sem a qual, você não poderia recolher-se. Devemos cumprir as leis dos homens, como respeitamos as de Deus.

FERNANDO

Então, professor, amanhã estarei á sua disposição...

CUSTODIO

Sim. Iremos juntos. Quero recommendal-o ao director do presidio.

FERNANDO

O professor vae pedir um tratamento especial para mim?

CUSTODIO

Certamente.

FERNANDO

Peço desculpas, mas não acha que me collocaria mal perante os outros presos?

CUSTODIO

Penso que não.

FERNANDO

Mas si, na prisão, somos todos iguaes, parece-me que seria odioso. . .

CUSTODIO

Espero que você siga a minha orientação, como o faria seu pae.

FERNANDO

Perdão, professor. E' que estou um pouco atordado. . .

CUSTODIO

Não pense mais nisso e confie sempre. . . Até amanhã, Paula.

PAULA

Até amanhã, professor.

CUSTODIO

(*A' porta, aparte a FERNANDO, enquanto lhe aperta a mão*) — Precisa de algum dinheiro?

FERNANDO

Não, professor. Muito obrigado. Ainda tenho.

CUSTODIO

(*alto*) — Bem. Até amanhã. (*sae*).

FERNANDO E PAULA

Até amanhã, professor.

FERNANDO

Que homem bom, o velho Custodio!

PAULA

O unico que nos resta. (*pausa*).

FERNANDO

Você está chorando, Paula?!

PAULA

(*Dissimulando*) — Não...

FERNANDO

Não ha nenhum motivo para isso. Tenho toda esperança na minha absolvição. (*como se dissesse um segredo*) — E depois, Paula, essa prisão preventiva é providencial para mim!

PAULA

Providencial?!

FERNANDO

Sim. Como poderia eu esperar o julgamento se já não tenho mais dinheiro para viver? Amanhã será o meu quinto dia de atrazo no pagamento do quarto, e a dona da casa não costuma esperar. Na prisão, poderei esperar tranquillamente, vivendo á custa do governo. Afinal, foi pensando em ajudar a economia de meu paiz, que commetti... um crime. E' justo que me forneçam pensão por algum tempo.

PAULA

Sim, Fernando. Mas é tão doloroso o que nos

vem acontecendo. De que serviu o sacrificio de papae, juntando tanto dinheiro?

FERNANDO

Tão grande foi o sacrificio de papae para juntal-o, como grande tem sido o nosso para perdê-lo. Coisas de dinheiro, Paula. Melhor seria que começássemos a vida, pobre como elle.

PAULA

Elle começou pobre e honrado. E nós, acabaremos pobres, sem saber, afinal, se seremos honrados.

FERNANDO

Não quero, nem por sombras, desrespeitar-lhe a sagrada memoria. Mas quem nos dirá que o dinheiro de papae não foi apenas um producto do seu sacrificio, mas tambem o resultado de soffrimentos impostos a terceiros? O lucro das laranjas seria, possivelmente, um dinheiro abençoado, mas os rendimentos de uma casa bancaria, os proventos de um commercio de dinheiro, bem poderiam ser amaldiçoados. Nunca me revoltarei contra uma provavel expiação.

PAULA

Pagará o justo pelo peccador. . .

FERNANDO

Exactamente. (*batem*) — Desta vez deve ser a creada.

PAULA

Si não for a dona da casa!

FERNANDO

Quem sabe? (*abre a porta e apparece MARIANNA, ainda bem vestida*) — Marianna!

MARIANNA

Posso entrar?

FERNANDO

Que pergunta, Marianna! (*MARIANNA entra — pausa*).

PAULA

Senta, Marianna.

MARIANNA

Estou mesmo muito cansada.

FERNANDO

Descança e depois falaremos.

MARIANNA

Não é preciso. (*noutro tom*) — Sabem o que vim fazer aqui?

PAULA

E' facil. Contar as infelicidades que tanto receivamos.

MARIANNA

Não. Nem quero que vocês venham a saber o que me aconteceu. (*a PAULA*) — Ha tres dias que passo horas e horas nas proximidades de sua casa, sem coragem de tocar, siquer, no botão da campainha. Queria apenas saber onde estava o Fernando. Hoje resolvi seguir os seus passos.

PAULA

E, afinal, que veio fazer?

MARIANNA

(a FERNANDO) — Pedir perdão a você.

FERNANDO

Não é preciso, Marianna. Você está perdoada. Só os arrependidos se salvam. Bastaria o seu sincero arrependimento e a humildade do seu gesto, para considerar-se redimida de todos os peccados.

MARIANNA

Como tu és bom, Fernando!

FERNANDO

Não diga isso. Sou ainda muito imperfeito. Quem me dêra poder já merecer a divina misericórdia. Por mais puros que nos consideremos, havemos de ser sempre victimas dos diabolicos sentimentos humanos.

MARIANNA

Para mim mereces tudo.

FERNANDO

E' um erro. Quem somos nós para nos julgarmos. Não vês que me arroguei o direito de te perdoar? Serei eu, talvez, digno disso? Não, Marianna. Fiz esforços inauditos para não te odiar. Passei dias terribes estrangulado pelas garras de um ciume igual ao de todos os peccadores. E consegui livrar-me dessa féra que os homens teimam em considerar indomavel.

MARIANNA

Soffreste muito?

FERNANDO

Muito! Não por mim, porque não me falta nunca uma grande dóse de resignação para cumprir uma

expição. Mas por ti. Compadecia-me de tua sorte. E desde que desapareceste, fui esquecido por mim mesmo em todas as minhas preces.

MARIANNA

Sei que não sou digna de ti.

FERNANDO

Magdalena foi digna de Jesus. E que Deus me perdoe a comparação, que só a fiz com intenção piedosa.

PAULA

Marianna, você já se alimentou hoje?

MARIANNA

Não, mas nem me lembro disso.

FERNANDO

(*penalizado*) — Oh! E' preciso comer alguma coisa. (*olha para os livros*).

MARIANNA

Não quero nada, Fernando. Não tenho vontade.

FERNANDO

Mas é preciso forçar. Não podes ficar assim.

MARIANNA

Mais tarde. Preciso primeiro reconfortar a alma na companhia de vocês. O que me falta agora é um pouco de carinho. (FERNANDO e PAULA *entreolham-se e vão abraçal-a*). — Sinto-me tão bem assim. Pensei tantas vezes que nunca mais poderia abraçar o meu bom Fernando e Paula, que me queria como irmã. Mas nunca perdi de todo a confiança nos bons sentimentos de vocês. Depois que conheci o infortunio,

apavorava-me a idéa de que um dia desaparecessem do mundo as ultimas almas piedosas que ainda nos restam.

FERNANDO

Sim. Que seria do mundo se todos fossem maus?! Felizmente, ha muita gente bôa espalhada por toda parte. E creio que a pouco e pouco todas as ovelhas desgarradas voltarão ao nosso rebanho. Não ha homens maus, Marianna.

MARIANNA

Ha!

FERNANDO

Não, Marianna. Todos nascem bons. Só se desviam do bom caminho os que não tiveram um guia. Mas esses, ao fim do mau caminho hão de arrepende-se sempre. O homem nasce bom e morre bom. Toda uma vida má purifica-se, pela penitencia final, no instante da morte.

MARIANNA

Mas ha homens que deviam morrer antes do tempo. Ha homens que deviam desaparecer, antes de causar desgraças aos outros.

FERNANDO

Não. Deus sabe o que faz.

PAULA

Não foi um homem mau que te mostrou o bom caminho?

MARIANNA

Foi o soffrimento que me fez compreender o erro.

PAULA

E assim foi que te tornaste feliz novamente.

FERNANDO

Mais feliz do que antes, porque só agora, Marianna, é que estamos em condições de construir a nossa verdadeira felicidade.

MARIANNA

Pensas então que posso voltar definitivamente para a tua companhia?

FERNANDO

Certamente! E não foi essa a tua intenção?!

MARIANNA

Seria uma grande ousadia. Vim apenas pedir a vocês um pouco de forças para continuar a soffrer.

FERNANDO

E porque não havemos de soffrer juntos? Também preciso que me dês um pouco mais de forças. E Paula. Paula vae mesmo precisar mais de ti do que eu.

MARIANNA

Porque?

FERNANDO

E' que amanhã terei de cumprir uma formalidade do processo.

MARIANNA

Qual?

FERNANDO

Passar algum tempo na prisão.

MARIANNA

Como?! Foste condemnado?!

FERNANDO

(sorrindo) — Socéga. Não se trata disso. Terei de apresentar-me á prisão, para que o processo tenha andamento.

MARIANNA

Mas isso é horrível!

FERNANDO

Ao contrario. E' preciso que eu saia inteiramente limpo desse processo. O juiz reconhece pessoalmente minha innocencia. Além disso, elle sabe que futuramente os prejudicados receberão o valor dos depositos. O velho Custodio tem como certa a minha absolvição.

MARIANNA

Mas, se estás innocente, porque vaes para a cadeia?

FERNANDO

Mera formalidade, Marianna.

MARIANNA

Horrível! Ficarás ainda mais enxovalhado!

FERNANDO

(sorrindo) — Ao contrario. Não entendes nada disso.

MARIANNA

Viverás em promiscuidade com os criminosos mais repelentes!

FERNANDO

(sorrindo) — Nada disso! Ha de haver lá tantos como eu. Ha criminosos muito bonzinhos.

MARIANNA

E' doloroso. E eu que julgava recommençar hoje uma vida melhor.

FERNANDO

Recomeçarás amanhã.

MARIANNA

Amanhã?!

FERNANDO

Mais tarde. Quando já pudermos reingressar no seio da sociedade.

MARIANNA

E pensas que seremos recebidos?

FERNANDO

Sem duvida. Uma sociedade christã não nos poderá negar um bem merecido perdão.

MARIANNA

Mereces tudo, Fernando, porque tens sempre o coração cheio de esperanças.

FERNANDO

E se não houvesse um motivo superior para isso, não me faltaria um pouco de intelligencia para compreender que a esperança é um bem que está ao alcance de todos.

PAULA

Dominado como você está pela fé, não acredito que você venha um dia a considerar seus subli-

mes sentimentos como um producto mesquinho da intelligencia.

FERNANDO

A fé não exige isso. Bem sabes, Paula, que não é por industria que creio na misericordia divina. Seria, então, um peccador como tantos outros religiosos. Se disse aquillo, foi apenas para convencer Marianna de que deve tambem viver de esperanças.

PAULA

E' só o que nos resta . . .

FERNANDO

E é tudo para nós. Amanhã, recomeçaremos a lutar. Irei confiante para a cadeia e conto encontrar no convivio daquelles pobres homens um ambiente de humildade que me fará bem. Vocês lutarão aqui fóra, em ambiente, talvez mais hostil, mas onde não ha de faltar corações bem formados que as amparem. Nos dias de viista, estaremos juntos para encher-nos de esperanças novas num futuro melhor. Não sou tão perfeito que não soffra a nossa separação, e justamente quando voltas a mim, mais necessitada ainda da minha assistencia. (*sempre a MARIANNA*). — Mas deixo-te nas mãos piedosas de Paula, que te ajudará a esperar pelo dia da minha redempção.

PAULA

Marianna contará sempre commigo. Mas o Mario não a receberá em nossa casa.

FERNANDO

Você o convencerá, para o seu proprio bem.

PAULA

E' impossivel, Fernando. Conheço-o muito para acreditar que Mario seja capaz de um gesto de bondade.

FERNANDO

Marianna ficará, então, aqui. (*batem.* — FERNANDO *vae abrir*) — Quem é? (*apparece a creada*) — Ah! Foi bom você vir. Vá dizer á patrôa que...

CREADA

A patrôa é que manda dizer ao senhor que amanhã o seu quarto será fechado, se não pagar o aluguel. (*desapparece*) (*pausa, durante a qual FERNANDO fecha, lentamente, a porta*).

MARIANNA

Não faz mal, Fernando. Ainda tenho onde ficar.

FERNANDO

Onde?

MARIANNA

Onde sempre estive.

FERNANDO

Isso, não! (*pequena pausa*).

PAULA

Porque não volta para a casa de seus paes?

MARIANNA

Não me receberiam.

FERNANDO

Será possivel?

MARIANNA

Não por minha mãe, que está sempre prompta a me perdoar. Mas meu pae allega que isso seria destruir o futuro de minhas irmãs solteiras. Minha mãe visitou-me uma noite e pediu-me que não quizesse mal a meu pae por isso. Contou-me que elle finge apenas que não me perdôa, para a defeza da moral de nossa família. Disse-me que elle chora e quasi se desespera porque acha que perdoar abertamente a minha falta, seria concordar com o erro que a sociedade condemna e acceitar um mau exemplo para as minhas irmãs.

FERNANDO

E' triste que um pae não possa perdoar uma filha.

MARIANNA

Minhas irmãs estão noivas e é preciso que eu me esconda. (*pequena pausa*).

FERNANDO

(A PAULA) — E' a ti que compete amparar a nossa pobre Marianna.

PAULA

(*Resoluta*) — Pois bem! Marianna ficará comigo!

FERNANDO

Bravos! E acabaram-se os desanimos e as tristezas! Vamos almoçar? (*apanha alguns livros, que entrega a PAULA e MARIANNA*) — Almoçaremos laudamente para festejar a minha entrada triumphal pa-

ra a cadeia, que regenera os homens e purifica-lhes a alma! (*a sair, sobraçando livros, como PAULA e MARIANNA*) — Vamos ao almoço?

PAULA

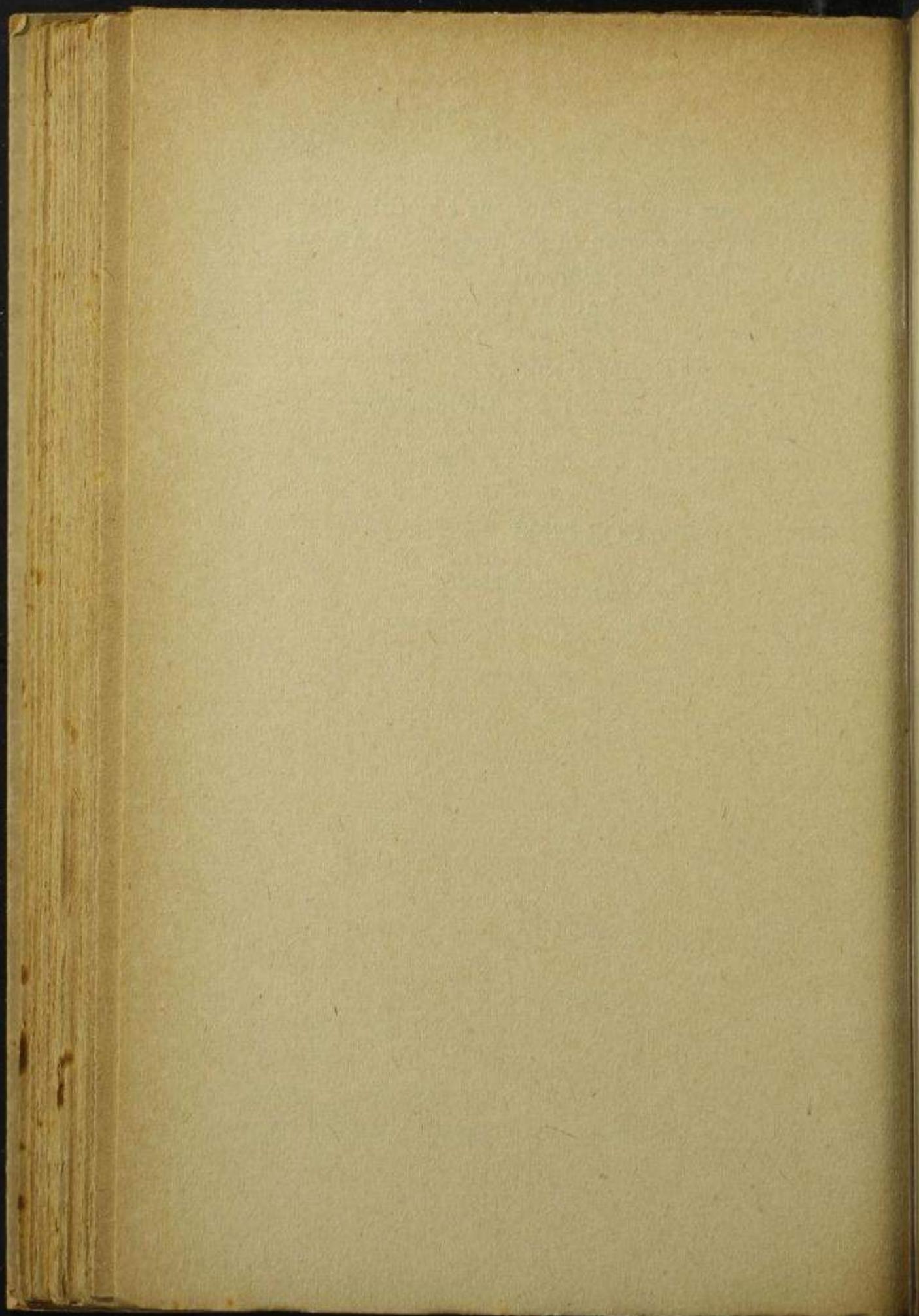
Qual é o "menu"?

FERNANDO

(*mostrando os livros*) — Mioslos "dorés"!

CORTINA

*Fim do Terceiro Quadro*



## SEGUNDO ACTO

### QUARTO QUADRO

#### SCENA:

*Interior de uma moderna penitenciaria. No primeiro plano, sala destinada á visita dos presidiarios. Essa sala tem duas portas largas ao fundo e uma estreita á direita, todas gradeadas. No segundo plano, o corredor de uma galeria, vendo-se varias celulas gradeadas. Ha ao centro da scena um grande banco com assento dos dois lados. A' direita uma pequena escrivaninha com a respectiva cadeira, e ao fundo, entre as portas, um archivo de aço. Ao abrir a cortina, um guarda conversa com o chefe da guarda, ambos fardados, enquanto os presidiarios, com as suas gandólas e górrros ás riscas, mostram-se anciosos ás grades dos respectivos cubiculos).*

GUARDA

*(consultando o relógio) — Faltam cinco minutos para a visita, chefe.*

CHEFE DOS GUARDAS

Qual é a galeria de hoje?

GUARDA

A primeira dos primarios.

CHEFE DOS GUARDAS

Ha trinta annos que assisto ás visitas, mas não consigo deixar de emocionar-me no dia dos primarios. Tenho tanta pena de vêr esses homens presos, como me compadeço dos veteranos que são postos em liberdade. Na minha opinião deviam perdôar o primeiro crime e executar todos os reincidentes.

GUARDA

Puxa!

CHEFE DOS GUARDAS

Seria mais humano. Um sentenciado é sempre um homem morto. E' possivel que vivam de illusões, aqui dentro. Mas lá fóra, cumprida a pena, são cada-veres ambulantes. Não são poucos os que têm voltado e, alguns, no mesmo dia. . .

GUARDA

Estou aqui ha quatro dias e já vi tanta coisa que ninguem suspeita lá fóra. Hontem, quando chegou o alvará do 34 foi preciso chamar a guarda para pôl-o lá fóra.

CHEFE DOS GUARDAS

Bom velhinho aquelle.

GUARDA

Chorava o coitado.

CHEFE DOS GUARDAS

Chorava porque ia ser posto em liberdade.

GUARDA

Parece mentira.

CHEFE DOS GUARDAS

Mas tinha razão. O 34 passou aqui toda a vida. Envelheceu no mesmo cubiculo. Da primeira vez, depois de haver cumprido vinte annos, por crime de morte, foi posto em liberdade e voltou dois dias depois.

GUARDA

Porque?

CHEFE DOS GUARDAS

O 34 passára vinte annos preso por um erro judiciario. Fôra condemnado innocentemente. No dia em que deixou a prisão a policia descobria por acaso, o verdadeiro criminoso. Era o homem de quem sempre o 34 suspeitára. Dois dias depois, indo á policia para reconhecê-lo, matou-o. E teve de cumprir mais doze annos!

GUARDA

E' por isso que elle não queria ser posto em liberdade. . . coitado.

CHEFE DOS GUARDAS

Vá se habituando a conhecer casos como esse.

GUARDA

Em quatro dias já vi tanta coisa!

CHEFE DOS GUARDAS

Ha de tudo aqui. Os primarios, então, ainda me commovem Elles vivem numa ancia de liberdade que

me faz mal. Ainda não se desligaram da vida. E ha tantos que nunca deveriam sair daqui. Soffreriam menos. O 413, por exemplo. . .

GUARDA

Já sei. Esse que os outros chamam o "millionario"?

CHEFE DOS GUARDAS

Esse mesmo. E' um anjo esse rapaz. Chega a irritar-me a sua constante resignação, a sua bôa fé! A mulher desse infeliz continua a vir aqui todas as semanas. A principio fazia pena. Mas agora causa raiva até á sentinella!

GUARDA

Porque?

CHEFE DOS GUARDAS

Porque ha um anno que o amante vem trazel-a até á porta do presidio, num lindo automovel e ella continua a enganar-o, dizendo-lhe que passa miseria! (*ouve-se um toque de sineta*).

GUARDA

Mas, em todo o caso, ella vem sempre.

CHEFE DOS GUARDAS

Dizem que é o proprio amante quem a obriga a isso. E' um bom homem. Aqui sabe-se de tudo. Daqui a pouco ella estará aqui e você verá como chega ao cumulo de receber das mãos do 413 o pouquinho de dinheiro que elle consegue a vender caixinhas de madeira.

## GUARDA

(*com raiva*) — Isso é demais. Eu seria capaz de contar tudo a elle!

## CHEFE DOS GUARDAS

Nada de irritações, rapaz. Habitue-se a tornar-se indifferente a tudo. (*Entram pela porta lateral: uma velha, mal vestida; um senhor bem vestido, de luto fechado; uma moça elegante e PAULA, vestida com grande simplicidade — todos trazem pequenos embrulhos — conservam-se de pé e vão entregando um pequeno papel ao chefe — o guarda retira-se para o corredor*).

## CHEFE DOS GUARDAS

(*consultando os papeis e fazendo a chamada*)  
— Cincoenta e seis! (*guarda desaparece para a direita e volta com o presidiario chamado, que entra, beija a velha mal vestida, sentando-se ambos na ponta do banco, de costas para o publico*) — Duzentos e trinta e dois! (*mesmo jogo do guarda, que volta com um velho detento — este cumprimenta humildemente com a cabeça a todos, aperta a mão do velho bem vestido, sentando-se ambos, tambem de costas para o publico*) — Trezentos e noventa e tres! (*repete-se o jogo do guarda, que volta com um rapaz, — este, ao entrar, corre para a moça bem vestida, beijando-a sofregamente — Sentam-se de frente para o publico*)  
— Quatrocentos e treze! (*o guarda desaparece*).

PRESO 393

(*á moça bem vestida*) — Conseguiu saber si estou na lista?

MOÇA

Até agora ninguém sabe. (*volta o guarda trazendo FERNANDO, que cumprimenta a todos, beija PAULA e dirige-se ao chefe*).

FERNANDO

Bom dia, chefe.

CHEFE DOS GUARDAS

Bom dia, quatrocentos e treze.

FERNANDO

Eu não lhe disse que havia de chegar o meu dia!

CHEFE DOS GUARDAS

Como assim?

FERNANDO

E' hoje o dia do grande indulto! Nunca esperei com tanta ansiedade a vespera do Natal!

CHEFE DOS GUARDAS

Ah! E' verdade! São trinta e tantos!

FERNANDO

Consta na galeria que os alvarás já estão com o director.

CHEFE DOS GUARDAS

De nada sei ainda.

FERNANDO

(*a PAULA, sentando-se ambos de frente para o publico*) — Conseguiu saber alguma coisa?

PAULA

Não. Mas o professor já sabe.

FERNANDO

Que é que elle disse?

PAULA

Disse que queria dar-te a noticia pessoalmente.

FERNANDO

(sorrindo) — Sempre a mesma bondade.

PRESO 393

(a FERNANDO) — Será que eu estou contemplado?

FERNANDO

Certamente. Você já devia estar em liberdade ha muito tempo!

PRESO 393

E você?

VELHA

(a FERNANDO) — "Seu" millionario!

FERNANDO

Prompto, minha senhora.

VELHA

Já poderíamos saber se meu filho vae passar o Natal commigo?

FERNANDO

Ainda não, minha senhora. Mas seu filho sairá tambem.

VELHA

Assim tenho pedido a Deus!

FERNANDO

Logo que o professor chegar, saberemos de tudo. Não calculam a ansiedade que vae pela galeria. E é pena, porque seremos só trinta e tantos e todos merecem o indulto. Se os juizes viessem fazer um estagio aqui dentro, chegariam á conclusão que eu cheguei. São todos innocentes. (*chefe sorri*) — Pelo menos perante Deus. Hoje, durante a missa. . . (*a PAULA*) — houve missa, officiada pelo proprio bispo. . . hoje, durante a missa, todos commungaram como de costume. E confessaram-se antes. Era preciso ver, como o bispo saiu daqui triste.

VELHA

(*irritada*) — E porque elle não protesta contra a prisão de innocentes?

FERNANDO

Ah! Minha senhora! Elle já absolveu a todos. O que não 'lhe é possivel é collocar-se acima da lei. A igreja respeita a lei, para que a lei a respeite. (*pausa*) — E' interessante que sempre, durante a visita, ficam todos tão calados. . . (*ao velho detento*) — O vovô ahí, porque está tão triste?

VELHO

Parece que fui incluído na lista dos indultados.

FERNANDO

E ficou triste, vovô?

VELHO

Já expliquei aqui ao meu irmão, tantas vezes. E elle não conseguiu a minha exclusão. De que me ser-

ve a liberdade? Isso é bom para os moços. Não poderia recommençar a minha vida e iria envergonhar minha família. Para que reavivar o meu caso, com todo o escandalo que provocou?

FERNANDO

Mas ninguem deve recusar a liberdade.

VELHO

Liberdade inutil, "millionario". Além de tudo... minha mulher já não me espera...

FERNANDO

E' verdade... (a PAULA) — A pobrezinha morreu a semana passada. (PAULA *baixa a cabeça*).

MOÇA

(*levantando-se*) — Com licença.

PRESO 393

(*levantando-se*) — Você já vae?!

MOÇA

Preciso ir. Sinto-me mal aqui.

PRESO 393

Faz um esforço!

MOÇA

Voltarei antes de terminar a visita. (*beija-o*) — Até já. (*sae*).

PRESO 393

(*ao chefe*) — Posso esperar aqui?

CHEFE DOS 'GUARDAS

Não. (*preso 393 vae a sair lentamente*).

FERNANDO

(*apanhando o embrulho que ficára sobre o banco*) — Olha os doces, 393.

PRESO 393

(*recebendo o embrulho*) — Origado, "millionario". (*sae*).

FERNANDO

Pobre rapaz. (*senta ao lado de PAULA*) — Tenho muita pena delle. Um guarda me contou que ella já não procede bem lá fóra.

PAULA

(*fixando-o*) — Coitado! . . .

FERNANDO

E Marianna? Porque não veio ainda?

PAULA

Não deve tardar.

FERNANDO

Mas deve ser realmente muito penosa a situação dessas pobres moças, cujos maridos estão presos. As pobrezinhas devem ser importunadas por homens maus. E a natureza tambem concorre muito para tantas desgraças! Você não acha que as esposas dos maridos presos deviam recolher-se a um convento?

PAULA

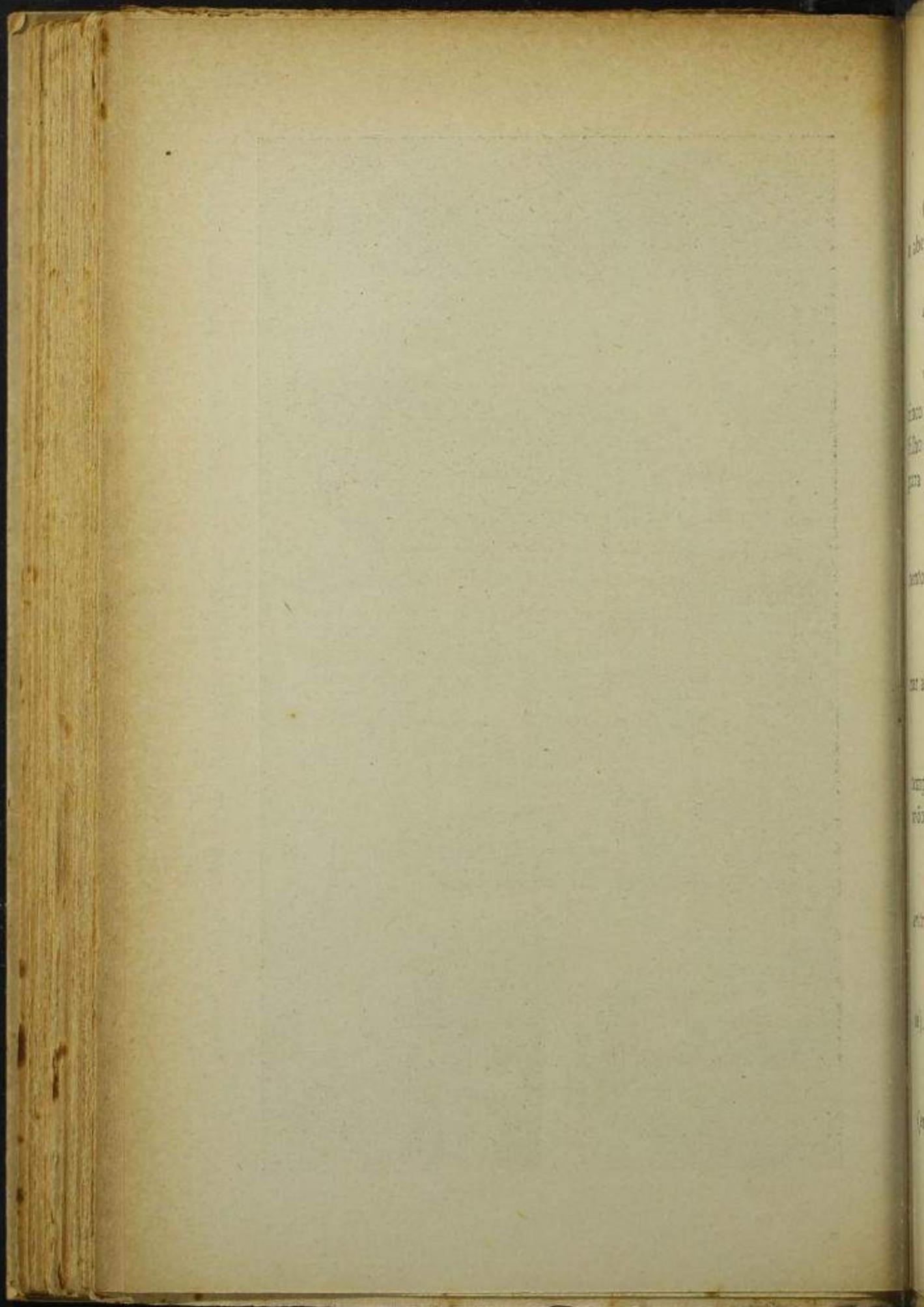
Porque te preocupas tanto com essas coisas?

FERNANDO

Não falo por mim. Mas tenho pena do 393.



VELHA — Bem, meu filho. Que Deus te abençõe. Não posso esperar por essa lista.



VELHA

(*levantando-se*) — Bem, meu filho. Que Deus te abençõe. Não posso esperar por essa lista.

FERNANDO

A senhora já vae?

VELHA

Quem é escravo não põe milho de mólho. Tenho cinco trouxas de roupa para lavar. A visita de meu filho cae num mau dia. (*beija o filho*) — Bom dia para todos.

TODOS

Bom dia. (*velha sae pela porta lateral e o de- tento pelo fundo, levando o seu embrulho*).

FERNANDO

(*ao senhor bem vestido*) — O senhor vae esperar a lista?

SENHOR

(*levantando-se*) — Não. Vou ver se chego a tempo de conseguir o desejo de meu irmão. (*aperta a mão do irmão, que se levanta e sae*) — Até logo.

TODOS

Até logo. (*O senhor sae, enquanto MARIANNA entra e entrega um papel ao chefe*).

FERNANDO

(*contente*) — Bom dia, Marianna. (*beijam-se*).

MARIANNA

Bom dia. Vim apenas trazer-te estas fructas. . . (*entrega-lhe um embrulho, que FERNANDO colloca so-*

*bre o banco*) — e dizer-te que não posso demorar nem um minuto.

FERNANDO

Porque, Marianna?

MARIANNA

Vaes ficar contentissimo!

FERNANDO

Satisfeitissimo?

MARIANNA

Sim. Arranjei um emprego em São Paulo!

FERNANDO

Que bom, Marianna! E como foi isso?

MARIANNA

Na filial de uma grande empresa. O director está á minha espera para resolver sobre o ordenado. E estou em cima da hora!

FERNANDO

E' bom que tenhas arranjado um emprego, mas não podes adiar para amanhã a entrevista com o director?

MARIANNA

Porque?

FERNANDO

Hoje é o dia do indulto! Estamos esperando os alvarás a cada momento.

MARIANNA

Sim... E' verdade... Então sairás hoje mesmo?

FERNANDO

E' provavel. Festejariamos a nossa vespera de Natal e depois de amanhã irias liquidar o teu negocio.

MARIANNA

Sim . . . Mas . . . Receio perder o emprego. E isso seria peior para nós.

FERNANDO

E'. Tem razão. Irás então tratar do teu emprego e ficarás em casa á nossa espera.

MARIANNA

Mas é que o director me avisou de que devo partir hoje mesmo para São Paulo.

FERNANDO

Não faz mal. Partiremos todos juntos. Paula já não tem aqui nenhuma alumna de piano. Em São Paulo talvez não a conheçam como irmã de um sentenciado. E eu, certamente, terei maior liberdade de acção.

MARIANNA

Mas não seria melhor que eu, primeiro, preparasse o terreno?

FERNANDO

Como assim?

MARIANNA

Eu iria na frente, procuraria installar-me . . .

FERNANDO

Que diz você a isso, Paula?

PAULA

Acho optima a idéa. E é bom não prenderes a Marianna aqui, porque poderá perder o emprego.

FERNANDO

Realmente. Vae, Marianna.

MARIANNA

(*apressada*) — Até já. Até já. (*beija-o e vae a sair*).

FERNANDO

Então ficarás sperando por nós na pensão, para combinarmos o resto.

MARIANNA

Sim. Sim. Até já. (*sae*).

FERNANDO

(*contente ao CHEFE*) — Eu não disse, chefe, que o meu dia havia de chegar? Sinto que de hoje em diante seremos muito felizes!

CHEFE DOS GUARDAS

Bem que o senhor o merecia.

FERNANDO

E acha que o não conseguirei?

CHEFE DOS GUARDAS

Talvez...

FERNANDO

E você, Paula? Parece que não ficou contente. Que mais nos falta? A minha liberdade, que stá por horas!

PAULA

Senta aqui, Fernando. (FERNANDO *senta*) — Si

eu tivesse certeza de que serás posto hoje em liberdade...

FERNANDO

Nada nos autoriza a pensar o contrario. O Conselho Penitenciario tomou em consideração o meu comportamento.

PAULA

Não se trata disso. Agora compreendo porque ha presos que preferem continuar na cadeia...

FERNANDO

Não, Paula. Só admittiria essa hypothese para continuar aqui entre os meus collegas, confortando-os com as minhas palavras e os meus exemplos de fé e resignação. Mas penso que tenho vocês, lá fóra, que mais precisam de mim. Os meus collegas já estão resguardados das miserias humanas.

PAULA

E' doloroso, mas eu preciso dizer a você que... que... é preciso que você se prepare para sair daqui.

FERNANDO

Estou preparado para tudo, Paula. Sinto-me forte. Trabalharemos os tres e, unidos, seremos novamente felizes.

PAULA

Essa união já não é mais possível, Fernando.

FERNANDO

Porque?

PAULA

Marianna já não nos pertence. Ha muíos mezes que me abandonou.

FERNANDO

Não estão morando juntas?

PAULA

Não. Eu estou vivendo do auxilio do pae de uma ex-alumna.

FERNANDO

Vês? Ha sempre uma alma caridosa.

PAULA

(*amargamente*) — Caridosa, sim; muito caridosa . . .

FERNANDO

E Marianna?

PAULA

Marianna . . .

FERNANDO

Voltou para a companhia do . . . ?

PAULA

Não. De um outro.

FERNANDO

Coitada! Cançada de soffrer! (*chefe dá um socco, na mesa*) — Que foi, chefe?

CHEFE DOS GUARDAS

Nada. Estou hoje um pouco nervoso,

FERNANDO

Poucas visitas, não é?

CHEFE DOS GUARDAS

Talvez...

FERNANDO

(A PAULA) — Então, o emprego em São Paulo?...

PAULA

E' mentira. Sabia que saírias hoje da prisão e resolveu fugir, certamente...

FERNANDO

Mas a pobrezinha tem vindo aqui, todas as semanas.

PAULA

Obrigada por elle.

FERNANDO

E' então um bom homem. Já é um consolo para mim. (*pequena pausa*) — Para que mentir? Eu saberia perdoal-a e tel-a-ia livrado do incommodo de vir aqui todas as semanas. (*o CHEFE dá outro socco*) Está peor, chefe?

CHEFE DOS GUARDAS

Já passou.

FERNANDO

Deve medicar-se.

CHEFE DOS GUARDAS

Só ha um remedio: a aposentadoria.

FERNANDO

Tm razão. O contacto com tanto soffrimento, ha de lhe fazer mal.

CHEFE DOS GUARDAS

Não se proccupe commigo.

FERNANDO

Desculpe. (*a PAULA, noutro tom*) — Ainda bem que Marianna não precisa mais de mim. Mas preciso da minha liberdade, não só para dispensar esse bom homem que te auxilia, do sacrificio que vem fazendo, como, talvez, vir um dia a amparar Marianna.

PAULA

Fernando, é tão grande o meu soffrimento, que chego a pensar que seria melhor que você ficasse aqui.

FERNANDO

Nunca. Tenho grandes deveres a cumprir lá fóra. (*entra CUSTODIO que entrega um papel ao chefe*).

CUSTODIO

Bom dia.

FERNANDO

Bom dia, professor.

PAULA

Bom dia.

CUSTODIO

Desculpe a demora, Fernando.

FERNANDO

(*sorrindo*) — Oh! Professor, ha tantos annos que espero . . . (*noutro tom*) — Bôas noticias?

CUSTODIO

Estive trabalhando até agora. Obtive todas as promessas em seu favor.

PAULA

Promessas . . .

CUSTODIO

Nada me autoriza a duvidar da palavra de tantas pessoas honradas.

FERNANDO

Sem duvida. A um jurista como o professor Custodio ninguem ousaria mentir.

CUSTODIO

Trabalhei por uma causa justa. O decreto só foi assignado hontem á noite e os alvarás já estão ahi na secretaria. Ha uma verdadeira multidão lá fóra.

FERNANDO

E' pena que nem todos possam ser contemplados.

CUSTODIO

O Conselho apurou o merecimento dos que poderiam ser contemplados, dentro dos textos legaes.

FERNANDO

Naturalmente.

CUSTODIO

Resolvi hospedar-os em minha casa, até que consigam uma collocação.

FERNANDO

Oh! Professor, não é preciso incommodar-se . . .

CUSTODIO

Não é incommodo. Já o devia ter feito desde o principio, mas tive razões que me impediram de cumprir esse dever.

FERNANDO

Nós comprehendemos, professor.

CUSTODIO

Mas desta vez faço questão de que se hospedem em minha casa.

FERNANDO

Nem sabemos como agradecer. O senhor é o ultimo amigo que nos resta. (a PAULA) — Além do bom homem que te auxilia. (PAULA baixa a cabeça e entra o guarda com um papel de officio na mão, dirigindo-se ao chefe).

GUARDA

Chefe, aqui está a liberdade de trinta e dois homens.

FERNANDO

Tão poucos!

CHEFE DOS GUARDAS

E' uma das maiores listas que tenho visto.

FERNANDO

Trinta e duas familias que vão passar um bom Natal.

GUARDA

O director determinou que todas as visitas ficassem esperando na secretaria.

FERNANDO

(ao chefe) — Já vê que não ha motivos para o seu nervoso.

CHEFE DOS GUARDAS

Talvez...

CUSTODIO

*(tentando retirar o officio das mãos do chefe)*

— Com licença.

CHEFE DOS GUARDAS

*(impedindo-o)* — Perdão, professor.

CUSTODIO

Queuro ser o primeiro a abraçar o meu amigo.

CHEFE DOS GUARDAS

*(passando os olhos pela lista)* — Aguarde a chamada, professor. *(levanta-se e vae para o corredor, collocando-se defronte a uma das portas largas. Os presidiarios das cellulas proximas estão impacientes como feras enjauladas. — Ouve-se já um beroubaha — chefe começa a chamada em alta voz. — E' grande a alegria de FERNANDO e enorme a duvida de PAULA — CUSTODIO baixa a cabeça e fecha os olhos, para ouvir melhor)* — Trinta e seis! *(ouvem-se palmas fracas e gritos de alegria)* — Trinta e nove! *(palmas e gritos)* — Quarenta e dois! *(palmas mais fortes e gritos)*.

FERNANDO

E' o "Alma do outro mundo". Como se alegra essa gente com a felicidade dos outros!

CHEFE DOS GUARDAS

*(proseguindo)* — Cincoenta e seis! *(palmas e gritos cada vez mais fortes)*.

FERNANDO

Cincoenta e seis. . . Merecido,

CHEFE DOS GUARDAS

Duzentos e doze! (*idem*).

FERNANDO

Merecido tambem.

CHEFE DOS GUARDAS

Duzentos e noventa e um. (*idem*).

FERNANDO

O "Camondongo". Justo.

CHEFE DOS GUARDAS

Duzentos e noventa e quatro, (*idem*) — Duzentos e noventa e sete! (*idem*) — Trezentos e treze! (*idem*).

FERNANDO

Todos bem merecidos. Só peço que o meu seja o ultimo.

CHEFE DOS GUARDAS

Trezentos e dezoito! (*idem*).

FERNANDO

O "Tatú". Merece.

CHEFE DOS GUARDAS

Trezentos e vinte e um! (*idem*) — Trezentos e vinte e trez!

FERNANDO

O "Mulatinho". Bom menino.

CHEFE DOS GUARDAS

Trezentos e quarenta e cinco. (*idem*) — Trezentos e quarenta e seis! (*idem*).

FERNANDO

Meu alumno de artinha e solfejo. Será um bom musico.

CHEFE DOS GUARDAS

Trezentos e quarenta e nove! (*as palmas e os gritos já se vão tornando mais fracos*) — Trezentos e noventa e um! (*idem*) — Trezentos e noventa e trez! (*idem*).

FERNANDO

(a PAULA) — Aquelle rapaz...

PAULA

Coitado...

CHEFE DOS GUARDAS

Quatrocentos e dez! (*idem mais fraco*) — Quatrocentos e onze! (*idem*. — *A ansiedade de PAULA augmenta. CUSTODIO levanta a cabeça e abre os olhos. FERNANDO sorri nervosamente*).

FERNANDO

Quatrocentos e dez... Bem o merece...

CHEFE DOS GUARDAS

Quatrocentos e onze! (*idem, ainda mais fraco*)  
— Quatrocentos e doze! (*idem*).

FERNANDO

Meu companheiro de cubiculo. Merece...

CHEFE DOS GUARDAS

(*pausa, para enxugar o suor da testa, com um lenço*) — Quatrocentos e trinta e oito! (*idem, bem mais fraco*).

FERNANDO

Merece.

CHEFE DOS GUARDAS

Quatrocentos e cincoenta e dois! (*poucas palmas*).

FERNANDO

(*Desalentado*) — Merece...

CHEFE DOS GUARDAS

E quatrocentos e oitenta! (*silencio profundo*).

FERNANDO

Merece... (*imediatamente a fila dos indultados começa a passar ao fundo, em ordem de marcha e cae logo o*

. P A N N O

*Fim do Segundo Acto e Quarto Quadro*

## TERCEIRO ACTO

### QUINTO QUADRO

#### SCENA:

*Interior de um botequim sordido, do typo universal. Além de todas as peças que se compõe, um piano velho, de teclado desdentado, encostado á parede do fundo. E' noite. Ao subir o panno, FERNANDO está tocando ao piano, desageitadamente, um velho tango argentino, monotono e triste. Veste com extrema pobreza, mas tem a barba feita, dando mesmo uma impressão de limpeza. MANOEL, o botequineiro, está debruçado sobre o balcão, com a cabeça apoiada num braço, triste e abstracto. Cinco freguezes estão distribuidos pelas mesas, sendo que dois numa, outros dois noutra e um, sozinho. Este ultimo está meio embriagado e, por isso, aparentemente indifferente a tudo. — Os outros quatro freguezes são typos aparentemente miseraveis, mas poderiam ser estivadores, ou embarcações sem emprego. — A monotonia do tango começa a impacientar os quatro freguezes, que, de*

quando em quando, voltam a cabeça para o lado de FERNANDO.

1.º FREGUEZ

(*entredentes*) — Oh! Esse pianista é um pouco cabuloso!

2.º FREGUEZ

O que elle é, é teimoso. Daqui ha duzentos annos ha de ser um bom pianista.

BEBEDO

Tambem . . . num botequim como este . . . vocês queriam um . . . virtuose . . . Esse é até bem bomzinho . . . Deixem lá o rapaz ganhar a vida . . .

1.º FREGUEZ

(*hostil*) — Ha mais o que fazer por ahí! Não admitto que ninguem viva de musica.

2.º FREGUEZ

Uma coisa inutil!

1.º FREGUEZ

Isso não é trabalho para um homem. Si elle tem geito para fazer barulho, que vá furar as ruas com a bróca mecanica.

BEBEDO

(*sorrindo*) — Hum! Hum! Na theoria de vocês, os artistas morreriam . . . de fome . . .

1.º FREGUEZ

Ninguem é obrigado a ser artista. (*noutro tom*) — E chega, Cachacinha!

BEBEDO

P'ra mim tambem chega! . . . (*pausa — parece*

que FERNANDO terminou o tango, mas ao fim de curta pausa recomeça).

1.º FREGUEZ

(dando um murro na mesa, que assusta a todos, inclusive a MANOEL e menos a FERNANDO, que continua ao piano, tocando, impassivelmente, o tango) — Ah! Não! Agora é demais! (levantando-se) — Pare com isso ahí, seu . . .

FERNANDO

(Parando calmo e humilde) — Sim, senhor . . . (volta-se no banquinho, ficando de frente para a platéa).

1.º FREGUEZ

(A MANOEL) — Ou você acaba com esse pianista ou o pianista acaba com o seu botequim! Não ha ouvidos que possam aturar uma coisa dessas!

MANOEL

Talvez você tenha razão. Mas vá lá a gente compreender os freguezes! O Antonio poz lá um pianista e a casa vive cheia. Vae dahí, faço o sacrificio de alugar esta porcária, ponho o rapaz ahí a tocar e não me apparece ninguem.

1.º FREGUEZ

A musica é o melhor espantalho que ha!

MANOEL

Isso é uma opinião sua. Porque o Antonio está sempre cheio, aqui a dois passos? Quando ha navio no porto, não ha mesas que cheguem. Esses estrangeiros não admittem um botequim sem musica.

1.º FREGUEZ

E'. Mas nós não estamos acostumados com isso, não.

2.º FREGUEZ

Depois, esse rapaz pode ser tudo, menos pianista.

MANOEL

(*meio pesaroso a FERNANDO*) — O meu amigo não sabe tocar umas coisas mais alegres?

FERNANDO

(*Convicto e displicente*) — Sei...

MANOEL

Vamos lá a ver se sae. (FERNANDO *volta-se, calmo, para o piano e toca o "chiribiribi"*).

BEBEDO

(*extasiado*) — Bonito!...

1.º FREGUEZ

(*depois de ouvir um pouco, impacientando-se*) — Não é possível, Manoel! Isso dá um azar louco!

FERNANDO

(*parando e voltando-se, calmo*) — Não gostam disso?

1.º FREGUEZ

Não se trata de gostar, meu amigo. Isso até dá azar!

FERNANDO

(*admirado*) — Azar?!

2.º FREGUEZ

Dá um bruto "peso". Conheço um aleijado que tocava isso num realejo e perdeu a outra perna.

FERNANDO

Mas não foi por causa da musica...

MANOEL

(*indeciso, coçando a cabeça*) — Isto é o diabo...  
Eu cá por mim gosto de tudo. O rapaz pode lá tocar  
o que quizer. Para mim, a musica é uma mercadoria  
como outra qualquer.

1.º FREGUEZ

Uma mercadoria que dá prejuizo.

MANOEL

Realmente. Depois que tenho cá o rapaz, a não  
ser a freguezia "fixe", como vocês, que passam aqui  
a vida, os outros têm desaparecido.

2.º FREGUEZ

Nós continuamos aqui porque somos seus ami-  
gos.

1.º FREGUEZ

Isto de musica é lá para a gente "chic", que fin-  
ge que gosta.

MANOEL

(*quasi monologando*) — Já cá estiveram dois  
navios, depois que tenho o pianista, e os tripulantes  
foram para o botequim do Antonio.

FERNANDO

Senhor Manoel, não quero, absolutamente, cau-  
sar-lhe prejuizos.

MANOEL

Você não tem culpa nenhuma. Mas que a féria  
tem diminuido, lá isso tem...

FERNANDO

Si o senhor quizer eu posso aprender umas musicas mais alegres. Os senhores me desculpem, mas é que eu só sei tocar musicas classicas.

1.º FREGUEZ

Si você tocar essas coisas aqui, acabará apanhando. . .

FERNANDO

(Sorrindo) — Oh. . .

MANOEL

Si eu soubesse que você é um desses "classicos" que andam por ahi na miséria, não lhe tinha dado o serviço.

FERNANDO

(Corrigindo) — Não. . . Quer dizer. . . não sou nenhum grande pianista. Tambem tóco algumas coisas populares.

MANOEL

O que se quer é um tocador de "foxes-trotts".

FERNANDO

Bem. . . posso aprender alguns. . .

MANOEL

Mas é que quando o meu amigo souber tocar "foxes-trotts", já terei as portas da casa fechadas. . .

FERNANDO

Não é tanto assim, senhor Manoel E se quizer, poderei reduzir o meu ordenado. Em vez de seis mil réis, o senhor só me pagará quatro por dia.

MANOEL

Não ha geito, não, meu rapaz. A ter de continuar com a freguezia que tenho, preciso cortar a despesa da musica. Só o aluguel do piano é uma fortuna. (pausa).

2.º FREGUEZ

(baixo ao 1.º FREGUEZ) — Arranjaste a desgraça do rapaz.

1.º FREGUEZ

Mas se elle está dando prejuizo ao homem...

BEBEDO

Vá lá que vocês não gostem de musica... Mas o que não é direito é estragar a vida de quem precisa trabalhar.

1.º FREGUEZ

(ao BEBEDO) — E você perde alguma coisa com isso?

BEBEDO

Eu? Não. E nunca hei de perder. Graças a Deus nunca soube fazer nada.

2.º FREGUEZ

Em compensação, aprendeu a beber como um profissional.

BEBEDO

E' a unica profissão, que nunca está em crise...

FERNANDO

Bem, senhor Manoel, eu me vejo forçado...

MANOEL

Quem se vê forçado sou eu... E fique sabendo

que tenho muita pena . . . mas negocios são negocios . . .  
O meu bom amigo, com certeza não sabe o que vem  
a ser a desgraça de uma fallencia!

FERNANDO

Uma fallencia?! Sim. E' uma grande desgraça.  
Sei tanto o que isso é que se for preciso que eu traba-  
lhe de graça para evitar que o senhor . . .

MANOEL

Muito obrigado. Mas é que . . . mesmo de gra-  
ça . . . essas musicas aborrecem os meus freguezes . . .

1.º FREGUEZ

Por mim, não, Manoel. Si quer continuar com  
o pianista, virei aqui com algodão nos ouvidos . . .

FERNANDO

(ao 1.º FREGUEZ) — Obrigado . . .

MANOEL

Sim . . . Mas . . . a experiencia não deu resultado.

FERNANDO

(*apanhando o chapéo, que está sobre o piano*)  
— Nesse caso . . .

MANOEL

Espere lá. Quantos dias o senhor tem de tra-  
balho?

FERNANDO

Comecei a trabalhar no dia . . . (*retira um pa-  
pel de folhinha do bolso para verificar*) — . . . co-  
mecei no dia doze. Dia de Santo Anastacio.

MANOEL

(*contando pelos dedos*) — São . . . portanto . . . seis dias. Seis vezes seis . . .

FERNANDO

Trinta e seis. Mas eu tenho aquelle "vale" de trinta mil réis, que fiz no segundo dia . . .

MANOEL

Já sei. (*indo á gaveta de onde retira seis pratinhas de dez tostões*) — São seis mil réis. (*dando-lhe as moedas*) — Tome lá.

FERNANDO

(*recebendo*) — Muito obrigado. E peço-lhe que me perdôe.

MANOEL

Perdoar o que?

FERNANDO

O prejuizo que lhe causei.

MANOEL

Está bem.

FERNANDO

Bôa noite. (*vae sair*).

BEBEDO

O' artista! (FERNANDO *volta-se*) — Onde vae?

FERNANDO

Não sei . . .

BEBEDO

Venha tomar alguma coisa e deixe-se de tristezas.

FERNANDO

(*sentando á mesa do BEBEDO*) — Muito obri-

gado. Poderei fazer-lhe companhia. Mas não bebo alcohol.

BEBEDO

Isso é para me ofender?

FERNANDO

Oh! Não! Queira-me desculpar... Não bebo porque...

BEBEDO

Porque é um grande idiota... (FERNANDO *sorri*) — Desculpe tratá-lo assim com intimidade... mas é que sympathisei com você.

FERNANDO

Obrigado.

BEBEDO

Eu disse que você é um idiota, porque os artistas precisam beber...

FERNANDO

Dizem que sim... para ter inspiração...

BEBEDO

Balélas! Balélas! Os artistas precisam beber porque nasceram para sofrer e o sofrimento só respeita mesmo a cachaça.

FERNANDO

Ha tantas maneiras de evitar o sofrimento.

BEBEDO

Balélas! A unica coisa que está ao alcance de todos é a cachaça. Você já viu faltar um bom calice de cachaça ao ultimo dos mendigos? Pode-lhe faltar dinheiro, comida, tudo... Menos... (*apanhando o*

*calice*) — isto . . . (*bebe*) — Isto é um grande remédio. Está chovendo: cachaça! Está fazendo frio: cachaça! calor: cachaça! Saudade: cachaça! Uma injustiça: cachaça! Falta de dinheiro: cachaça! Perdeu-se o emprego: cachaça! (*noutro tom a MANOEL*) — Uma cachaça aqui, para o pianista! (*MANOEL vae servir*).

FERNANDO

Mas é que . . .

BEBEDO

Não me diga nada.

FERNANDO

Talvez me faça mal . . .

BEBEDO

Si tivéssemos intimidade, chamava-o novamente de idiota!

FERNANDO

Pode chamar, mas é que . . .

BEBEDO

Você está por minha conta e dê-se por muito feliz. (*MANOEL serviu a cachaça*) — Garanto-lhe que não se arrependerá! (*apanhando o calice*) — Vire isso, á nossa bôa camaradagem! (*FRNANDO apanha o calice, que toca no de BEBEDO, e bebe, tudo insensivelmente*) — E' a unica coisa boa que o Manoel tem em casa. (*pausa — FERNANDO está tristissimo*) — Que é isso? Tristezas não pagam dividas. Como se chama?

FERNANDO

Hein?!

BEBEDO

Seu nome...

FERNANDO

(*indeciso, mettendo a mão no bolso*) — Anastacio...

BEBEDO

Anastacio?! Que raio de nome. Quem se chama Anastacio deve beber muita cachaça... Você nunca chegaria a ser um grande pianista com esse nome...

FERNANDO

A culpa não é minha...

BEBEDO

Tambem isso\* não adianta nada... porque eu tenho um nome que ficaria bem num embaixador... e acabei sendo... o "Cachacinha"... (*rindo*) — Tem graça, não tem?

FERNANDO

Quem faz o nome é a pessoa...

BEBEDO

Quem fez o meu foi a cachaça... Quando a gente chega a viver nos botequins... é melhor mesmo perder o nome... Pelo menos a família não pode dizer que estamos desmoralizando o nome... (*forçando FERNANDO a beber*) — A' nossa... (*ambos bebem*).

FERNANDO

Como foi que o senhor começou a beber?

BEBEDO

Foi assim... como você... E cheguei a me tornar um grande philosopho... modestia á parte... Essa philosophia da cachaça é minha...

1.º FREGUEZ

(a MANOEL) — Mais duas! (MANOEL *serve*).

BEBEDO

Quando comecei a cair... adoptei varias philosophias... a conselho de amigos... e fui caindo... fui caindo... até me convencer de que a solução é esta... (*bebe* — FERNANDO *presta uma grande attenção, acompanhando o gesto de BEBEDO, como se fosse elle proprio a beber* — *por fim olhando para BEBEDO, que estava sorridente, e para o seu proprio calice, ainda cheio, bebe, de um trago* — *força um sorriso, mas cede, visivelmente, ao assalto de um grande arrependimento* — *neste momento MANOEL faz fechar o piano e o faz nervosamente*) — Esse Manoel é um miseravel!

FERNANDO

(*Censurando*) — Oh!...

BEBEDO

Os seis mil réis que lhe pagava não lhe fazem falta.

FERNANDO

Mas não é justo que elle me pagasse, sem resultado...

MANOEL

Seis mil réis...

FERNANDO

Mas tinha também o aluguel do piano... Sou até muito grato ao senhor Manoel...

BEBEDO

Você acreditou na fallencia?... Está cheio de dinheiro no banco...

FERNANDO

Dinheiro que lhe deve ter custado muitos sacrificios...

BEBEDO

Vendendo cachaça...

FERNANDO

Mas o senhor não é contra isso...

BEBEDO

(*enthusiasmando-se*) — Sou! Não está direito! Você sabe o lucro liquido... liquido, hein?... que deixa uma pipa?

FERNANDO

Não sei...

BEBEDO

Nem eu... (MANOEL começa a collocar as cadeiras sobre as mesas, forçando, assim os dois freguezes que não falaram, porque estavam dormitando, a sair, espreguiçando e calados como estavam).

1.º FREGUEZ

(*Levantando-se*) — As duas ultimas, Manoel. (MANOEL vae servir) — No balcão. (2.º FREGUEZ também se levanta — MANOEL já tem servido as cachaças e volta a empilhar as cadeiras — 1.º FREGUEZ

e 2.º FREGUEZ, depois de tomar um gole, apanham os calices e aproximam-se da mesa de FERNANDO) ( a FERNANDO) — Você desculpe isso, hein.

FERNANDO

Os senhores não o fizeram por mal . . .

1.º FREGUEZ

E' que o homem estava tendo mesmo prejuizo.

FERNANDO

Fui o primeiro a reconhecer.

1.º FREGUEZ

Essa coisa de musica não dá certo.

MANOEL

Ha de dar.

2.º FREGUEZ

Vae botar outro pianista ahi?

MANOEL

Não. Já estive cá a pensar. Com o dinheiro que pagava pelo aluguel do piano, vou comprar um aparelho de radio.

FERNANDO

Boa idéa . . .

MANOEL

Ouvem-se as melhores musicas do mundo e não se paga ordenado. E quando houver um jogo sensacional de "foot-ball", vocês vão vêr!

FERNANDO

(um pouco tonto) — Realmente, o senhor teve uma bôa idéa . . .

MANOEL

Meu amigo, é na luta pela vida que a gente aprende a ter idéas destas.

BEBEDO

A minha philosophia é o resultado disso . . .

MANOEL

Você sabe lá o que é lutar pela vida?

BEBEDO

Sim . . . Si eu não reagisse, a vida já tinha dado cabo de mim . . .

MANOEL

Sua reacção é contra a cachaça!

BEBEDO

Está muito enganado . . . E' a favor . . .

MANOEL

Só lutam pela vida os que vivem do trabalho . . .

1.º FREGUEZ

Isso é bom de dizer, mas quando a gente não tem trabalho é que luta mesmo!

BEBEDO

(Rindo) — Viver é lutar! . . . (ri) — Que é que diz a isso o Anastacio?

FERNANDO

(que já tem dado visiveis demonstrações de que está tonto) — Hein?! . . .

BEBEDO

O Manoel acha que a vida é uma luta . . .

## FERNANDO

(*Tonto, sem olhar para ninguém*) — Não é nada disso... Convenci-me de que viver não é lutar... A vida não é inimiga de ninguém... Ella fornece espontaneamente todos os elementos para que o homem usufrúa todos os beneficios... (*esão todos espantados, menos o BEBEDO, que apenas sorri* — MANOEL pára automaticamente o que estiver fazendo — 1.º FREGUEZ e 2.º FREGUEZ retiram machinalmente cadeiras de cima das mesas e sentam-se proximo de FERNANDO, sempre attentos) — Si ella nos deu um estomago exigente... deu-nos, em compensação, tudo aquillo que o estomago exige... As pernas... têm caminhos lindos para caminhar... os braços... a serviço da intelligencia... podem transformar infernos em paraizos... os olhos... têm maravilhas para ver... e... o pensamento... abrange tudo... e pode gozar uma liberdade... que a propria vida garante... e assegura... contra tudo... e contra todos... Convenci-me de que... para vencer na vida... é preciso não lutar contra ella... Ninguém a vence... O sacrificio... que nos traz uma victoria apparente... e transitoria... não vale a morte... que é a derrota definitiva...

## BEBEDO

A philosophia da "cachaça"...

## 1.º FREGUEZ

psiu!...

FERNANDO

A luta . . . exige um adversario . . . e como a vida . . . não é inimiga de ninguém . . . devemos concluir . . . que não se deve lutar . . . contra a vida . . .  
(*pausa* — FERNANDO *vae adormecendo*).

MANOEL

Está tonto.

1.º FREGUEZ

Quem será esse rapaz?

MANOEL

Como este, andam muitos por ahí.

1.º FREGUEZ

Assim, nunca vi . . .

MANOEL

Efeitos do alcool . . .

1.º FREGUEZ

Você não pode compreender o que elle disse.

MANOEL

Tolices, homem. E vamos acabar com isso, que está na hora de fechar.

1.º FREGUEZ

(*levantando-se e approximando-se do balcão, sobre o qual colloca o calice*) — Paga isso. (*atira uns nicks sobre o balcão* — 2.º FREGUEZ *levanta* — MANOEL dá o troco a 2.º FREGUEZ) — O rapaz está dormindo. Deixe-o ficar ahí.

MANOEL

Tenho de fazer a limpeza.

BEBEDO

Não se incommodem... Eu levo elle commigo...

1.º FREGUEZ

Elle terá familia?

MANOEL

A's vezes vem ahi uma rapariga, que o leva a comer alli no João.

1.º FREGUEZ

(*encostando-se no balcão*) — Não custa nada esperar mais um pouco.

MANOEL

Ora... si eu fosse atrazar o serviço da casa, por causa desses "paus dagua" ficaria com a porta aberta toda a noite.

BEBEDO

Isso é commigo?

MANOEL

Você era um que não me saía daqui?

BEBEDO

(*offendido*) — Paga isso! (*colloca uma prata de dois mil réis sobre a mesa* — MANOEL *apanha-a e dá-lhe o troco*).

MANOEL

Freguezes como você não me interessam.

BEBEDO

Você diz isso porque tem confiança na sua cachaça.

MANOEL

(*que apanhára um estrado atraz do balcão e fô-ra collocal-o na calçada*) — A senhora está ahí? Porque não entra? O rapaz nem se pode levantar.

PAULA

(*entrando, nervosa*) — Boa noite.

TODOS ,

Boa noite.

PAULA

(*indo a FERNANDO*) — Estará doente?

MANOEL

Está tonto, minha senhora.

PAULA

Mas elle nunca bebeu!

BEBEDO

A culpa é minha . . .

PAULA

Porque fez isso?

BEBEDO

E' cá uma philosophia . . .

PAULA

(*procurando reanimar FERNANDO*) — Fernando!  
do!

BEBEDO

Não é Fernando . . . E' Anastacio . . .

PAULA

(*que apenas olhou para BEBEDO*) — Fernando!  
Fernando! (*aos outros*) — Que hei de fazer?

1.º FREGUEZ

Leva-o para casa.

PAULA

Como?

1.º FREGUEZ

Quer que lhe ajude?

PAULA

Si me faz favor. (1.º FREGUEZ e 2.º FREGUEZ procuram levantal-o).

1.º FREGUEZ

O' rapaz! (*noutro tom*). Não está acostumado...

PAULA

Elle nunca fez isso. Nem deante das maiores desgraças. (*a MANOEL*) — O senhor, pelo amor de Deus, não o despeça do serviço! (*MANOEL não responde — pequena pausa*).

BEBEDO

(*Rindo*) — Agora é tarde...

PAULA

Como?

BEBEDO

E se não fosse eu... ainda seria peor...

PAULA

(*a MANOEL*) — O senhor o despediu?

BEBEDO

Não se incommode... que o rapaz não está sofrendo nada...

PAULA

*(attonita)* — Como assim?!

BEBEDO

Está tonto . . .

1.º FREGUEZ

*(irritado)* — Chega! E' melhor leval-o num taxi.

PAULA

Para onde?!

1.º FREGUEZ

A senhora . . . O rapaz não é? . . .

PAULA

E' meu irmão.

1.º FREGUEZ

Leve-o para casa.

PAULA

Mas é que eu móro numa pensão.

MANOEL

E elle? Onde móra?

PAULA

Nunca me disse. *(ao BEBEDO)* — Porque o fez beber? em que situação o senhor me collocou! *(sacudindo-o)* — Fernando!

FERNANDO

*(Voltando a si)* — Ahn!

PAULA

Sou eu, Fernando.

FERNANDO

Ah! Paula! Estou muito doente.

PAULA

Porque você fez isso?

FERNANDO

Não sei... imperfeições... Imperfeições... tentações... Perdôa... tentei resistir... Não me abandone... Um momento de fraqueza... Um só em tanto tempo de sofrimento... E nunca mais... Hei de resistir até o fim... Quero morrer com toda a esperança de uma salvação...

PAULA

Está melhor?

FERNANDO

(*mais animado*) — Muito melhor... Como é bom sofrer assim... Já me fazia falta um pouco mais de sofrimento... para resistir...

PAULA

E agora vamos.

FERNANDO

Para onde?

PAULA

Para casa.

FERNANDO

Irei sozinho...

PAULA

Não. Eu levarei você.

FERNANDO

(*levantando-se*) — Não é preciso... Já estou bom... Só quero que você me perdôe... Vae...

PAULA

Mas você precisa ainda de mim . . .

FERNANDO

Sim . . . Preciso sempre de você . . . Mas agora, não . . . Vae . . . Irei sozinho . . .

PAULA

Comeremos, antes, alguma coisa.

FERNANDO

Não tenho vontade . . . Vae . . . Juro que irei para casa . . . dormir . . .

PAULA

(a 1.º e 2.º FREGUEZ) — Os senhores, por favor, não o abandonem.

1.º FREGUEZ

Pode ir descansada, minha senhora. Iremos levá-lo.

PAULA

Será um grande incommodo . . .

1.º FREGUEZ

Não temos mesmo o que fazer.

PAULA

Muito obrigada. Se me retiro é apenas porque não devo recolher-me a casa muito tarde. (a FERNANDO) — Até amanhã.

FERNANDO

Até amanhã.

PAULA

Está melhor?

FERNANDO

Estou bom.

PAULA

Amanhã telephona-me cedo...

FERNANDO

Bem cedo, como sempre.

PAULA

Até amanhã. (*aos outros*) — Bôa noite.

TODOS ;

Boa noite. (*PAULA sae*).

MANOEL

E agora, meus amigos, rua. (*apaga uma das lampadas e fica a scena á meia luz*).

FERNANDO

Vocês me perdoarão se disse alguma asneira... ou se offendi a alguém...

BEBEDO

Você disse coisas formidaveis.

FERNANDO

Foi sem o querer...

BEBEDO

Tão formidaveis, que até vamos á ultima, em homenagem...

1.º FREGUEZ

Não!

MANOEL

Ai! que já estou a perder a paciencia!

BEBEDO

(*levantando-se*) — Bem. Para mim chega! (*a MANOEL*). E não conte mais commigo. (*aos outros*) — Vamos tomar a ultima lá fóra. (*vão todos a sair, quando entram um Commissario e um investigador todos recúam*).

COMMISSARIO

Que estão fazendo aqui?

MANOEL

Já se iam a retirar, doutor.

COMMISSARIO

(*Fitando cada um — a 1.º FREGUEZ*) — Que faz você?

1.º FREGUEZ

Estiva. Mas estou parado agora.

COMMISSARIO

(*a 2.º FREGUEZ*) — E você?

2.º FREGUEZ

Estou desembarcado, doutor.

COMMISSARIO

(*a BEBEDO*) — Você?

BEBEDO

Philosopho . . .

COMMISSARIO

Está embriagado. (*a MANOEL*) — O senhor continúa a desrespeitar a lei !

MANOEL

Perdão, doutor. Não lhes vendi aguardente. Estiveram a tomar cerveja.

COMMISSARIO

(a FERNANDO) — E você?

FERNANDO

(*Embaraçado*) — Doutor, eu... francamente...

COMMISSARIO

Não tem profissão?

FERNANDO

Tenho doutor... Sou pianista.

INVESTIGADOR

Esse rapaz é "escrachado", doutor.

COMMISSARIO

Tem certeza?

INVESTIGADOR

Sim, senhor. Já cumpriu pena.

COMMISSARIO

(a FERNANDO) — Como foi isso?

FERNANDO

Seria longo contar aqui, doutor. Mas juro-lhe que não tenho contas a ajustar com a justiça.

COMMISSARIO

Saiu por livramento condicional?

FERNANDO

Sim, senhor...

COMMISSARIO

Ahn! Ahn! E estava bebendo! (FERNANDO *baixa a cabeça*) — Néga?

FERNANDO

Não...

COMMISSARIO

Aguardente?

FERNANDO

(*indeciso, olhando para MANOEL, que está afflicto*) — Não...

COMMISSARIO

Sabe que quebrou o juramento?

FERNANDO

Sei...

COMMISSARIO

E confessa com uma serenidade irritante! (*ironico*) — Pretende, com certeza, voltar para a prisão...

FERNANDO

Si assim for preciso, por ter quebrado a sentença de livramento... Mas juro-lhe que não tive essa intenção.

COMMISSARIO

Você é expertinho, rapaz... Porque mentiu?

FERNANDO

Não menti, doutor...

COMMISSARIO

Qual é a sua profissão?

FERNANDO

Agora, pianista. Já lhe disse.

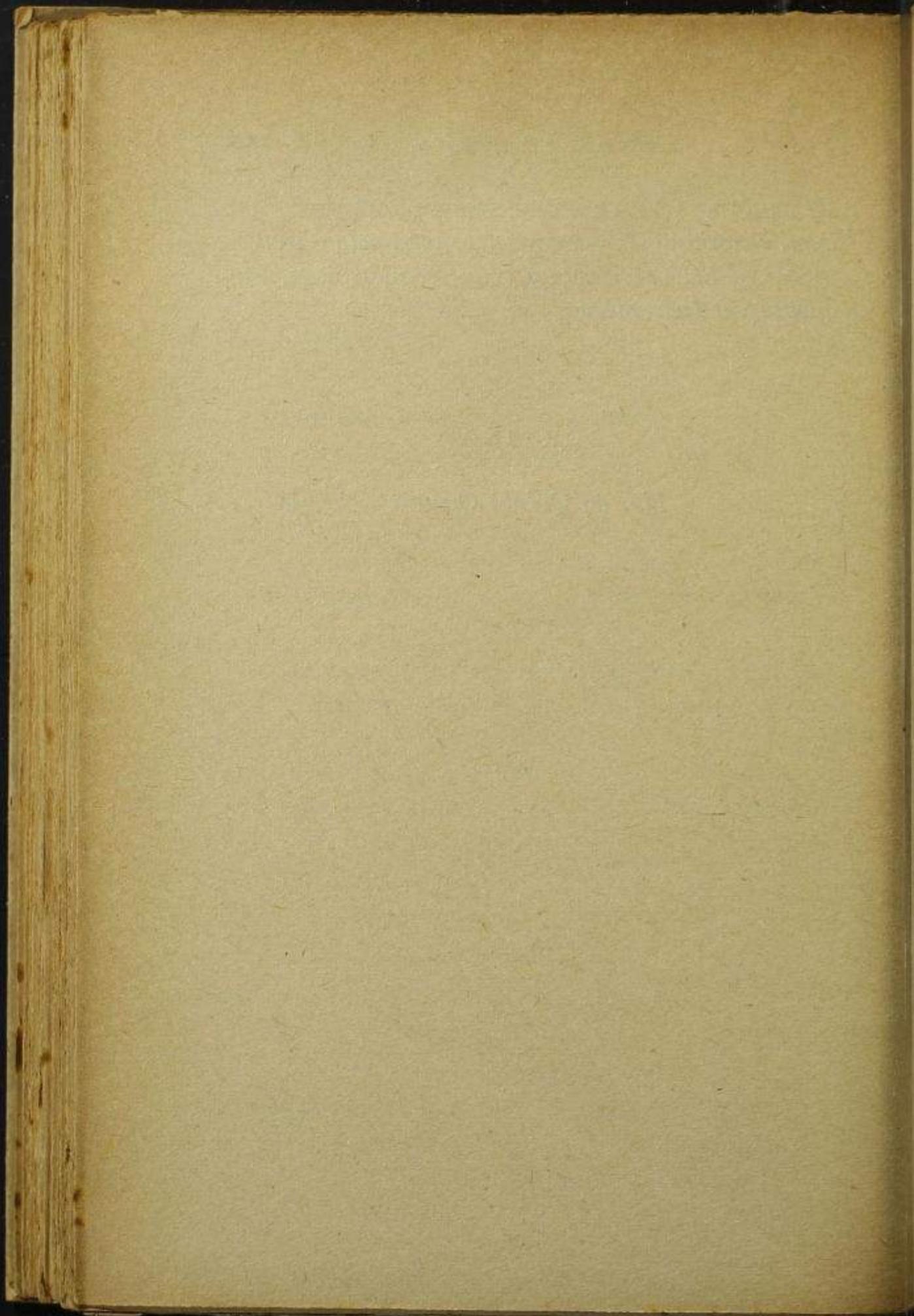
INVESTIGADOR

(*duvidando*) — Hum! Hum! (FERNANDO *vae ao piano e executa o Preludio de Rachmianinoff* —

1.º FREGUEZ - 2.º FREGUEZ, BEBEDO e MANOEL *sorriem, victoriosos* — COMMISSARIO *olha para o INVESTIGADOR, balança a cabeça e sae, seguido deste, enquanto vae fechando a*

CORTINA

*Fim do Quinto Quadro*



## TERCEIRO ACTO

### SEXTO QUADRO

#### SCENA:

*A mesma do quadro anterior, sem o piano, que foi substituído por um aparelho de radio, que está sobre uma prateleira, na parede do fundo — Passaram-se, talvez, seis mezes. Ao abrir a cortina, o radio está funcionando e ouve-se, em surdina, uma musica qualquer de violinos — Estão em scena o 1.º FREGUEZ, 2.º FREGUEZ, estes com uma pequena modificação no vestuario, BEBEDO no mesmo lugar em que estava no quadro anterior, MAONEL, que está servindo bebida a BEBEDO e mais uns quatro ou cinco freguezes de aspecto miseravel).*

BEBEDO

O' Manoel, que fim levou o Anastacio? . . .

MANOEL

Sei lá! Como de costume, saiu um pouco antes das seis horas e ainda não voltou.

BEBEDO

Que horas são?

MANOËL

Quasi meia-noite.

BEBEDO

E' uma coisa extraordinaria . . . Sinto falta do Anastacio . . . E olhe que não sou eu só . . . Fique sabendo que esse miseravel prato de comida que lhe dás é muito bem pago . . .

MANOEL

Na sua opinião . . .

BEBEDO

Na minha opinião? . . . Sim . . . Pergunta aos habitués aqui da casa se não é o Anastacio que obriga a gente a ficar aqui até á hora de fechar . . . os outros não estão compreendendo nada . . . mas eu já percebi o jogo . . . O pequeno, tocando piano pode ser que espante os imbecis . . . mas quando se põe a contar historias é da gente até ter pena dos surdos, que não o podem ouvir . . .

MANOEL

Realmente, o Anastacio é um rapaz que tem certa illustração.

1.º FREGUEZ

Si eu soubesse o que elle sabe, garanto que não vivia na miseria. O rapaz é "de facto"!

BEBEDO

Bem . . . Mas não vamos exaggerar . . . Elle só é bom mesmo quando toma umas duas cachaças . . .

Mas é uma sorte, quando se consegue que elle tome um trago. . . .

1.º FREGUEZ

De qualquer maneira, um homem, como o Anastacio, num botequim, é um achado. Ao menos, têm-se com quem conversar!

MANOEL

Não négo que, ás vezes, faz-me bem ouvil-o.

1.º FREGUEZ

O' Manoel, vê se pégas outra estação! Essa musica está muito "pau".

MANOEL

Si houver. (*girando a maçanetta do radio*) — Vamos a ver. . . .

RADIO

"O alcool é o maior inimigo da saude! Um sabio allemão, em recentes experiencias, conseguiu envenenar um cachorro, fazendo-o ingerir cinco gotas de aguardente, por dia!"

BEBEDO

Naturalmente. . . Cachaça não foi feita p'ra cachorro. . . .

RADIO

"Campanha anti-alcoolica da P. R. V. 8."

MANOEL

O diabo desse radio prejudica-me o negocio! (*vae desligar e suspende o gesto para ouvir*).

RADIO

"Si o Whisky prejudica seus negocios. . . aban-

done... seus negocios! Pela manhã, Whisky! A' tarde, Whisky! A' noite, Whisky! Sempre Whisky!"

MANOEL

(*Voltando-se*) — Isto já é outro falar...

BEBEDO

Mas, afinal, deve-se ou não beber?

RADIO

"O alcool é o maior inimigo da saude!"

MANOEL

(*voltando-se a querer desligar o radio*) — Máu! Máu! Máu!

RADIO

"O bom vinho alegra o coração do homem!"

MANOEL

(*Voltando-se*) — Ainda bem!

RADIO

"Para gozar saude, só bebidas "Sol". Cerveja, vinhos, licores e "Caninha" especial.

BEBEDO

(*a MANOEL*) — Si tem dessa ahí manda uma...

RADIO

"O alcool é o maior inimigo da saude!"

MANOEL

(*mudando de estação*) — Diabos me levem se entendo esse aparelho! (*encontra uma outra estação — musica suave e em surdina*).

BEBEDO

Esse bicho acaba dando mais prejuizo que o pianista... (FERNANDO *entra, meio espantado e somno-*

*lento — seu aspecto é mais miseravel e a barba está crescida).*

MANOEL

Por onde tem andado, homem?

FERNANDO

Hein?!

MANOEL

Parece que estás um pouco assustado?

FERNANDO

Estou um pouco tonto . . .

MANOEL

Andaste a beber?!

FERNANDO

Não.

BEBEDO

Senta ahi . . . Que é que ha?

FERNANDO

*(sentando-se)* — Nada . . . Imaginem vocês que adormeci allí na Matriz . . .

BEBEDO

Na Matriz?!

FERNANDO

Na Igreja do Carmo. Todas as tardes, nas Ave-Marias, vou fazer a minha prece. Não estava ninguém . . . E não sei como, adormeci . . . sonhei . . . Sonhei . . . umas coisas exquisitas . . . E acordei agora, espantado . . . Pensei que tivesse de passar a noite lá, mas, graças a Deus, a porta estava entreaberta.

BEBEDO

Você não sabe que é proibido dormir nas igrejas? . . .

FERNANDO

Mas eu pedi perdão.

1.º FREGUEZ

Si deixassem dormir nas igrejas, garanto que ainda havia de faltar lugar para muita gente!

FERNANDO

Isso seria um absurdo.

BEBEDO

Tome lá qualquer coisa para passar o susto . . .

FERNANDO

Não estou assustado. Não tive culpa.

BEBEDO

Claro . . . Acho até que você devia ter ficado lá...

FERNANDO

Porque?

BEBEDO

"Fóra da igreja não ha salvação."

FERNANDO

Mas nem por isso, o senhor procura entrar numa igreja . . .

BEBEDO

Nunca tenho tempo . . . Sempre que me lembro, já é tarde . . .

FERNANDO

Nunca é tarde!

BEBEDO

E depois . . . você quer saber a minha opinião?...  
Não faço fé nessas coisas . . .

FERNANDO

Não diga isso . . .

BEBEDO

A ultima vez que fui á missa, sahi de lá muito  
aborrecido . . .

FERNANDO

Porque?

BEBEDO

Tanto filho de Deus ali reunido e só o padre é  
que bebia . . .

FERNANDO

Que heresia!

BEBEDO

Heresia, coisa nenhuma . . . Que é que você tem  
lucrado com isso? . . .

FERNANDO

Muito! Muito! Tem sido o meu consolo . . . a  
minha salvação.

BEBEDO

Sim . . . soffrendo ahi p'ra burro . . .

MANOEL

Lá isso é verdade.

FERNANDO

Vocês estão muito enganados. Eu não soffro.  
São mortificações voluntarias.

BEBEDO

Quem soffre por gosto . . .

FERNANDO

Não é bem isso. Espero resignadamente dias melhores, que hão de vir.

BEBEDO

Vá esperando sentado . . . O que não te ha de faltar é a perseguição da Justiça.

FERNANDO

"Bemaventurados os que soffrem perseguição da justiça, porque delles é o reino dos céus".

BEBEDO

Si eu tivesse certeza disso, tambem não me importava de ser perseguido . . .

FERNANDO

Já vê que sou mais feliz do que o senhor, pois tenho essa certeza. Enganam-se os que pensam que soffro com as injustiças dos homens. São ingenuos aquelles que se revoltam contra o soffrimento. Não sabem que viemos ao mundo para soffrer. Depois do peccado original, Deus disse a Adão: "Pois que preferiste a palavra da tua mulher á minha, maldita seja a terra por tua causa; comerás o pão com o suor de teu rosto até que voltes á terra de que foste tirado".

BEBEDO

E' . . . Mas os homens preferem comer o pão com manteiga . . .

FERNANDO

Com essas palavras, Deus queria dizer que os homens pagariam um pesado tributo de soffrimento pelos seus peccados.

1.º FREGUEZ

(vindo sentar á mesa de FERNANDO) — Que os peccadores paguem, vá lá... Nós, por exemplo... Mas você, que é incapaz de matar uma môsca...

FERNANDO

(sorrindo) — E' o que vocês pensam. Ninguem é perfeito. Commetti erros imperdoaveis.

BEBEDO

Não acredito...

FERNANDO

A's vezes fico pensando nas causas de todas as minhas provações. E lembro-me dos maus pensamentos que tive desde o tempo de collegio. Uma vez... fiquei contente porque tinha morrido o presidente da Republica!

1.º FREGUEZ

Você não gostava delle?

FERNANDO

Não era por isso.

1.º FREGUEZ

Porque era, então?

FERNANDO

Era só porque o collegio ia ficar fechado tres dias! (risos).

MANOEL

Nesse tempo você era uma criança.

FERNANDO

Mas já devia saber que não se deve ficar contente com a morte dos outros. Bem sei que são creancices sem importancia, mas que são o producto de um instincto que poderia produzir mais tarde coisas peores. E' pena que não possa contar a vocês outros peccados, mais graves, que só uma bôa educação religiosa poude evitar que eu continuasse a commetter. Assim mesmo, depois que fiquei na miseria, tenho tido tentações...  
(a MANOEL) — E a proposito, quero pedir perdão a você...

MANOEL

Porque?

FERNANDO

Uma noite, estava eu sentado alli naquelle canto, quando você contava a feria. Era um domingo e havia entrado muito dinheiro...

MANOEL

(*espantado*) — Andas-me pensando na féria?!

FERNANDO

Não! Deus me livre! Pensei apenas que eu poderia ser o dono deste botequim...

MANOEL

Livra!

FERNANDO

Mas lembrei-me logo do decimo mandamento: "Não cubiçarás a casa do teu proximo, nem o seu

campo, nem o seu creado, nem a sua creada, nem o seu boi, nem o seu jumento, nem coisa alguma que lhe pertença.”

MANOEL

Com a creada, o boi e o jumento, podes ficar, mas deixe-me o botequim!

FERNANDO

Já lhe pedi perdão. Não quero nada para mim. Si todos cumprissem os mandamentos, os felizes possuidores de todas essas coisas poderiam dormir tranquillos. (*aos freguezes*) — Si vocês conhecessem a Historia Sagrada, garanto que não tinham as más idéas, que, ás vezes, têm . . .

BEBEDO

Eu conheço essa historia . . . mas só me lembro da transformação da agua em vinho . . .

FERNANDO

Foi o primeiro milagre de Jesus e isto contribuiu muito para firmar a fé de seus discipulos.

BEBEDO

Então, beber não é peccado . . . E' por isso que eu estou sempre cheio de fé . . . (*bebe*) — Peccador é o Manoel, que vive a transformar o vinho em agua . . . Si lhe déssem todo o vinho do mundo, elle faria um outro diluvio . . . (*ri*).

MANOEL

Deixe lá, que era bem preciso um novo diluvio, p'ra acabar com vocês.

BEBEDO

Nesse caso, eu havia de arranjar um lugarzinho na Arca . . .

FERNANDO

Deus disse que não haverá mais dilúvio que inunde a terra e a arca de Noé era a figura da igreja.

1.º FREGUEZ

O' Manoel, desliga o radio, que essa musica já está "pau". (MANOEL *desliga*. — FERNANDO *levanta-se e vae á porta para verificar se PAULA terá chegado*).

MANOEL

O Anastacio está preocupado com a irmã. Ha quinze dias que ella foi para fóra e até hoje não voltou.

1.º FREGUEZ

(a BEBEDO) — Vê lá se consegue que o Anastacio tome qualquer coisa. Quando elle está bom, só fala em coisas de igreja.

BEBEDO

Mas tambem, com um gólezinho, desenróla a lingua que é uma belleza . . .

1.º FREGUEZ

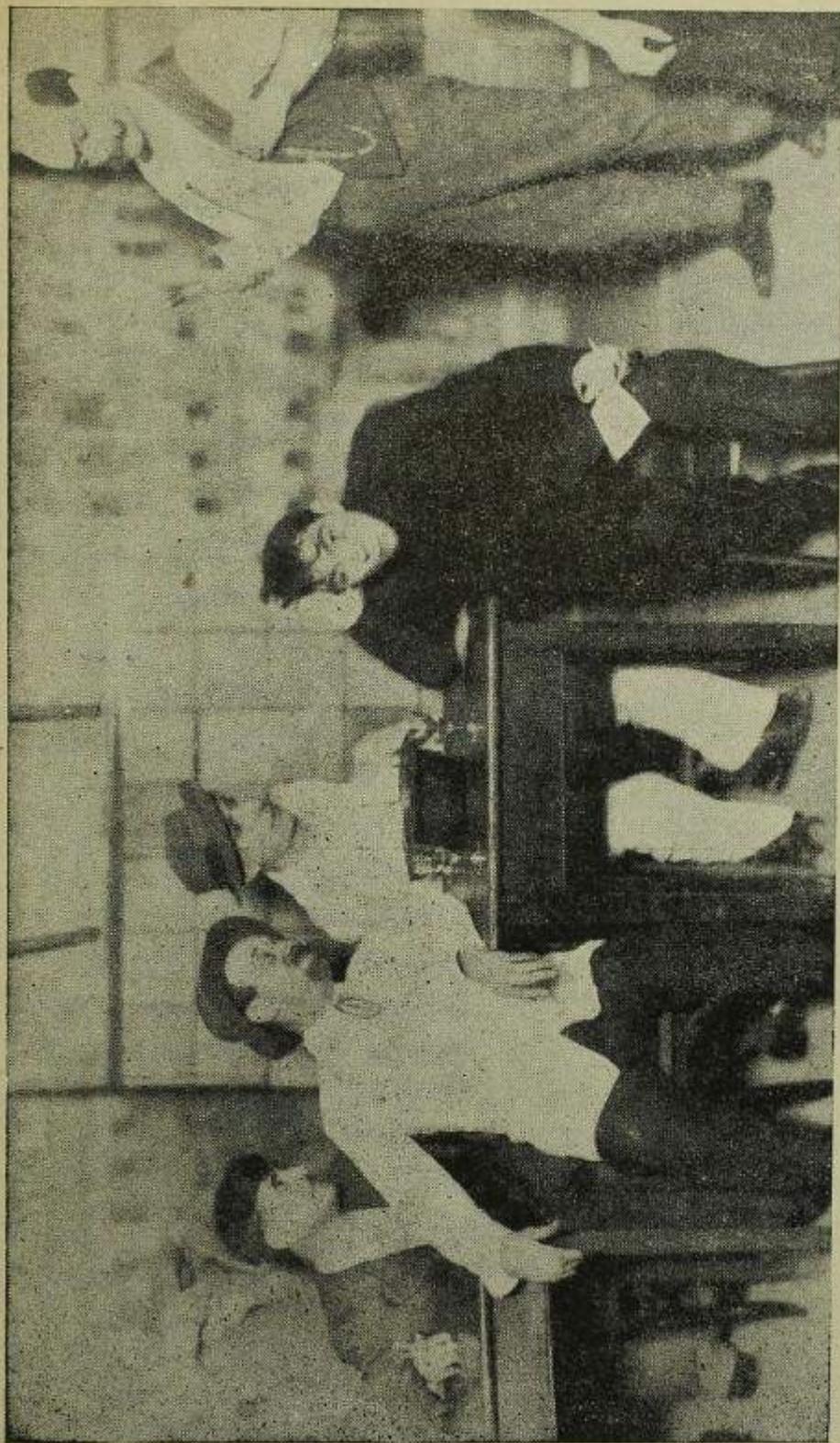
Vê lá se consegue isso.

BEBEDO

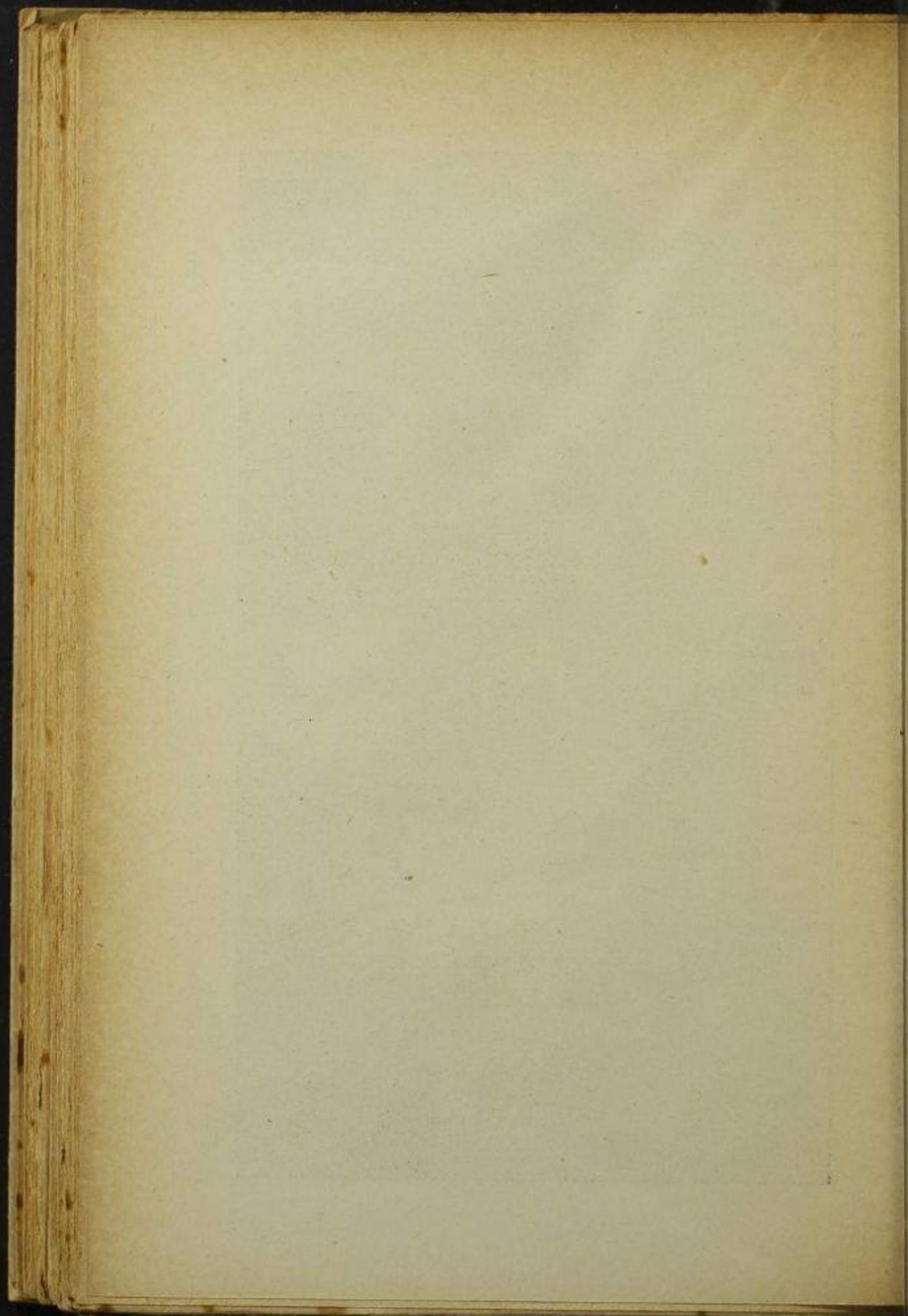
O' Manoel, serve aqui uma bôa dose para o Anastacio . . .

MANOEL

(*servindo*) — Vocês estão pondo o rapaz a perder!



FERNANDO — Não, minha irmã vivia da esmola de um homem... mas de  
uma esmola humilhante...



2.º FREGUEZ

Ora . . . Mais um cálice, menos um cálice. (FERNANDO volta e senta, tristonho).

BEBEDO

Mandei servir um tragozinho para você . . .

FERNANDO

Oh! Não! Muito obrigado.

1.º FREGUEZ

Para afogar as magoas, Anastacio! . . .

FERNANDO

Não tenho magoas. Estou apenas um pouco preocupado com a minha irmã, que ainda não voltou.

MANOEL

(Lembrando-se) — Espere lá! (a FERNANDO) — Não entreguei a você uma carta?!

FERNANDO

A mim, não.

MANOEL

Então deye estar aqui. Chegou já ha tres dias, e nunca me lembro. (indo á gaveta) — Cá está.

FERNANDO

Deve ser de minha irmã.

MANOEL

(lendo o envelope) — "Fernando Moreira", e mais abaixo: "Anastacio" (entrega a carta a FERNANDO).

FERNANDO

(examinando-a) — A letra não é della. (abre-a e lê com a mais profunda tristeza — ao fim, depois

*de pensar um pouco, apanha machinalmente o calice e bebe).*

BEBEDO

Isso, rapaz... Tristezas não pagam dividas...  
(FERNANDO *não responde e torna a beber — enxuga os olhos com a manga do paletot*) — Está chorando?...

FERNANDO

(*Monologando*) — Bemaventurados os que choram, porque serão consolados...

BEBEDO

(*a MANOEL*) — Outra para o Anastacio...

MANOEL

Mas, afinal, que diz a carta, homem?

FERNANDO

(*abstracto*) — Nada... (*lendo*) — "... e antes de fechar os olhos, pediu-me que lhe communicasse a dolorosa noticia e que não se esquecesse de lhe mandar rezar uma missa pelo eterno descanso de sua bôa alma." Minha irmã... (*todos baixam a cabeça*) — Minha bôa irmã... Estou satisfeito...

BEBEDO

Repete-se a historia do presidente que morreu...

FERNANDO

Não. Minha irmã vivia da esmola de um homem... mas de uma esmola humilhante... este mesmo que me escreve... bem grande era o sacrificio que exigia da pobrezinha...

2.º FREGUEZ

Perverso!

FERNANDO

Não. Inconsciente!

MANOEL

Pobre rapariga!

FERNANDO

Que o velho Custodio a receba no céo, onde tambem deve estar! (*começa a mostrar-se tonto*) — E assim vae desaparecendo a minha vida... Eu serei o ultimo... e não hei de perder a paciencia... Saberei esperar a minha vez... é bem grande já o meu cansaço... cançado de mim mesmo... sempre o mesmo... eu, sempre eu... gostaria de sair de perto de mim... para descansar um pouco... gostaria de ir a lugares onde nunca fui, porque onde vou, lá estou eu... sempre o mesmo... com as mesmas idéas... os mesmos pensamentos... parar de pensar é impossivel... combater os proprios pensamentos?... difficil... elles já se habituaram com os argumentos de sempre... ás vezes... quando acordo pela manhã... tenho a esperanza de encontrar um outro... mas sou eu mesmo... as mesmas mãos... os meus pés... até uma cicatriz que tenho num braço desde creança, é sempre a mesma... pudésse eu fugir... ir para bem longe... onde ha outras pessoas... vendo cousas diferentes... mas quando vou... as coisas diferentes são sempre as mesmas... Não consigo sair de perto de mim... Comer... beber... dormir... sof-

soffrer... soffrer... soffrer... Trabalhar... trabalhar... trabalhar, sim... trabalhar (*sacudindo os braços e repetindo apressadamente*) — Trabalhar! Trabalhar! Trabalhar! Trabalhar!

BEBEDO

Chega!... Isto até faz mal á gente... O Anastacio não pode beber...

FERNANDO

Trabalhar, sim... Só o trabalho poderia salvar a humanidade... O trabalho não mata... O trabalho não rouba... O trabalho não mente... Quem trabalha ama a vida... Quem trabalha tem fé... O mundo precisa trabalhar... porque quando o homem não tiver mais o que fazer... destruirá o mundo... para construir outro...

BEBEDO

A humanidade não merece nada...

FERNANDO

A humanidade merece tudo... Desde o principio do mundo... tem acreditado nas promessas dos salvadores... O homem nasceu para crêr... Crêr no Sol... Crêr na lua... Crêr nos idolos... Crêr em Deus... Crêr nos homens... Crêr em tudo o que vê e em tudo o que não vê... Crêr em todas as mentiras... para descobrir a verdade... Merece tudo uma humanidade optimista... que vive contente de viver... apesar de saber que vae morrer...

BEBEDO

E' que todos pensam que vão ficar p'ra semente. . . Na situação em que está o mundo, o melhor é que não nascesse mais ninguém. . .

MANOEL

No mundo ha lugar para todos, homem!

FERNANDO

Os melhores lugares ao sol já foram tomados pelos que chegaram primeiro. . . E ai daquelles que, sem o direito de successão, pretendam conquistar um bom lugar. . .

BEBEDO

Eu já me contento com um lugar á sombra. . .

FERNANDO

Já têm dono todas as riquezas da terra. . . mas é preciso respeitá-las, porque aos que vieram depois será dado o reino dos céos, si o souberem respeitar. . . Bemaventurados os pobres de espirito. . .

BEBEDO

Pois é. . . Depois que tomaram conta de tudo, levam a querer que a gente cumpra os mandamentos. . .

FERNANDO

(*olhando para a carta, que ainda tem na mão*)  
— Minha irmã. . . Uma missa para o eterno repouso de sua alma. . . Amanhã irei pedir esmolas. . . e não ha de faltar um punhado de almas caridosas que me dêem um punhado de dinheiro para pagar o eterno repouso da pobre alma de minha irmã. . . (*os freguezes*)

vão collocando tostões sobre a mesa, deante de FERNANDO) — Obrigado... Obrigado... Obrigado...

BEBEDO

Depois eu dou...

MANOEL

Lá por causa da missa é que não precisa pedir esmolas... Acho que pedir esmolas não lhe fica bem...

FERNANDO

E', talvez, o ultimo acto de humildade que me falta praticar... De esmolas vivem as casas de Deus... que são as mais ricas do mundo!

MANOEL

Custa-me a crer que o Anastacio tivesse tido uma fortuna! Como é que pode perder dinheiro assim?

FERNANDO

Falta de vocação... Meu pae accumulou uma grande fortuna e, ao invéz de mandar ensinar-me a conserval-a, pagou para que eu aprendesse a ter pelo dinheiro o maior desprezo. Elle, que talvez tivesse sido cruel para que o dinheiro não lhe fugisse das mãos, deixou que me educassem no mais puro devotamento ao bem do proximo. Aprendi a amar o proximo como a mim mesmo. Durante annos ensinaram-me a seguir os exemplos de Jesus, que vivia na mais extrema pobreza. "E' mais facil passar um camêlo pelo fundo de uma agulha, do que um rico entrar no céu". Ensinaram-me que o agio é uma forma de roubo e entregaram-me um banco para explorar! Quando meu pae, ao fim da vida, talvez arrependido de haver accumu-

lado tanto dinheiro, disse que temia a minha infelicidade, disseram-lhe que eu iria viver num mundo christão, entre homens educados, como eu, no temor a Deus, que manda amar o proximo. Foi a Deus que meu pae entregou o meu destino. E aprendi que Deus sabe o que faz. Um velho professor ensinou-me a ter confiança na Lei e na Justiça! E a justiça mandou-me um dia para a cadeia. Fui bom, leal e sincero para com a minha mulher, e ella, uma noite, fugiu! Meu pae sabia que tudo isso poderia acontecer. Quantas vezes, já na miseria, compreendi os receios de meu pae! Elle conseguira a sua felicidade, que era a nossa felicidade, conhecendo as maldades do mundo e reagindo contra ellas, talvez com novas maldades. Elle fôra um producto da sua propria necessidade, mas não poderia prevenir-me contra os homens, fazendo de mim um canalha. O seu dinheiro serviu apenas para que eu aprendesse a ser bom, quando eu teria que viver entre bons e maus.

MANOEL

A obrigação dos paes é ensinar os filhos a ser bons.

BEBEDO

E' . . . Isso era muito bom si todos ensinassem a mesma coisa . . .

FERNANDO

Li livros que me fizeram ter inveja da miseria dos artistas que passavam fome. A vida gloriosa dos santos e dos martyres exercia sobre mim uma grande

attracção. Em todas as historias que li, desde a infancia, os ricos e poderosos eram sempre castigados, enquanto os humildes e miseraveis eram sempre premiados. . .

BEBEDO

Historias . . .

FERNANDO

Desde menino soffri castigos e privações para habituar-me a nunca mentir. Depois, sempre que falei a verdade, fui castigado. Tenho ainda nos ouvidos os proverbios que meu pae repetia sempre. E a miseria ensinou-me que todos estavam errados.

BEBEDO

Menos aquelle que diz: "Quem dá o que tem, a pedir vem" . . .

FERNANDO

Este e outros, meu pae tinha vergonha de me dizer. E eram, justamente, os que elle mais conhecia. E' por isso que a vida d'elle veio de baixo para cima . . . e a minha veio de cima para baixo . . .

BEBEDO

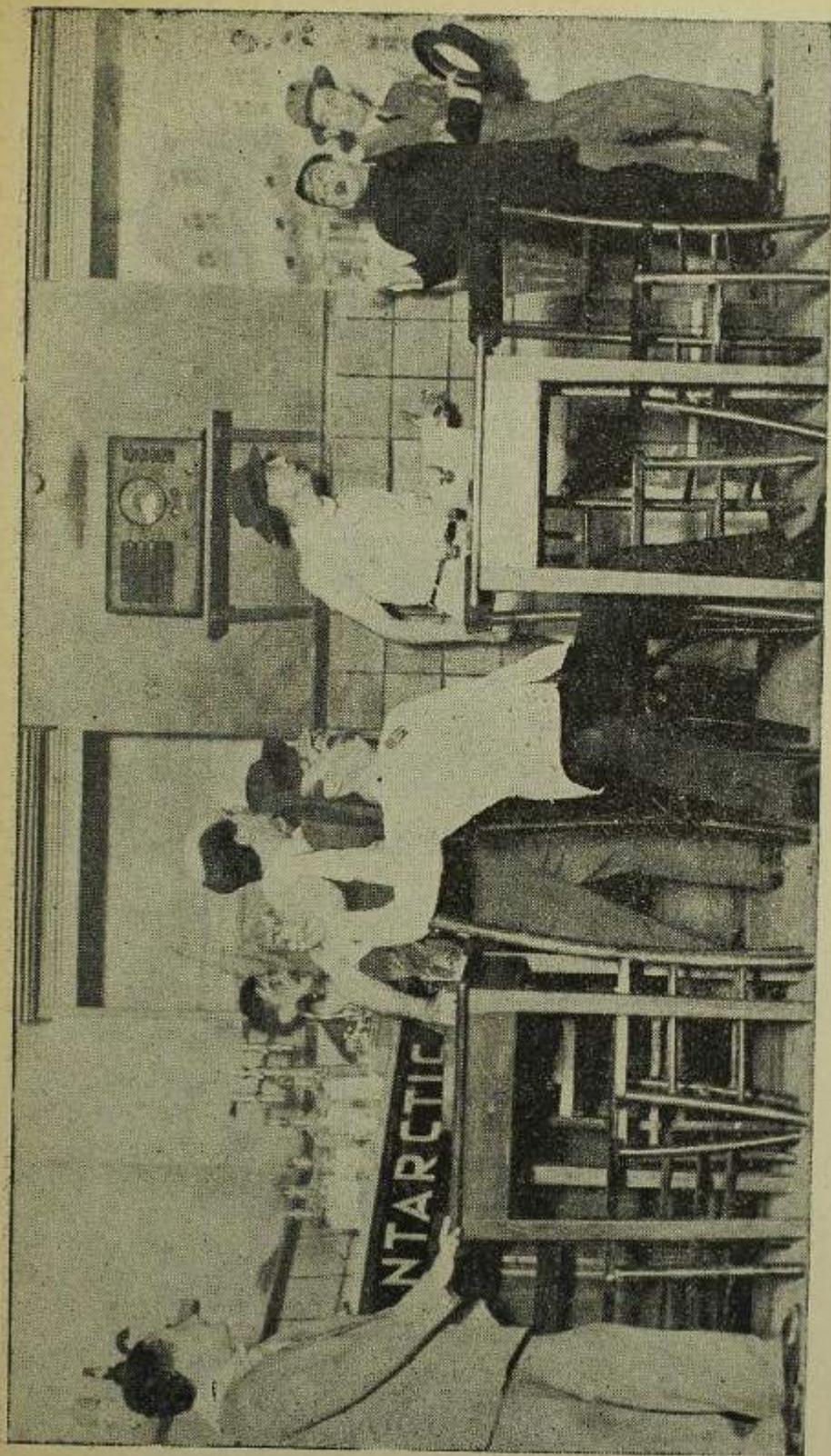
Realmente, você tem descido muito . . .

FERNANDO

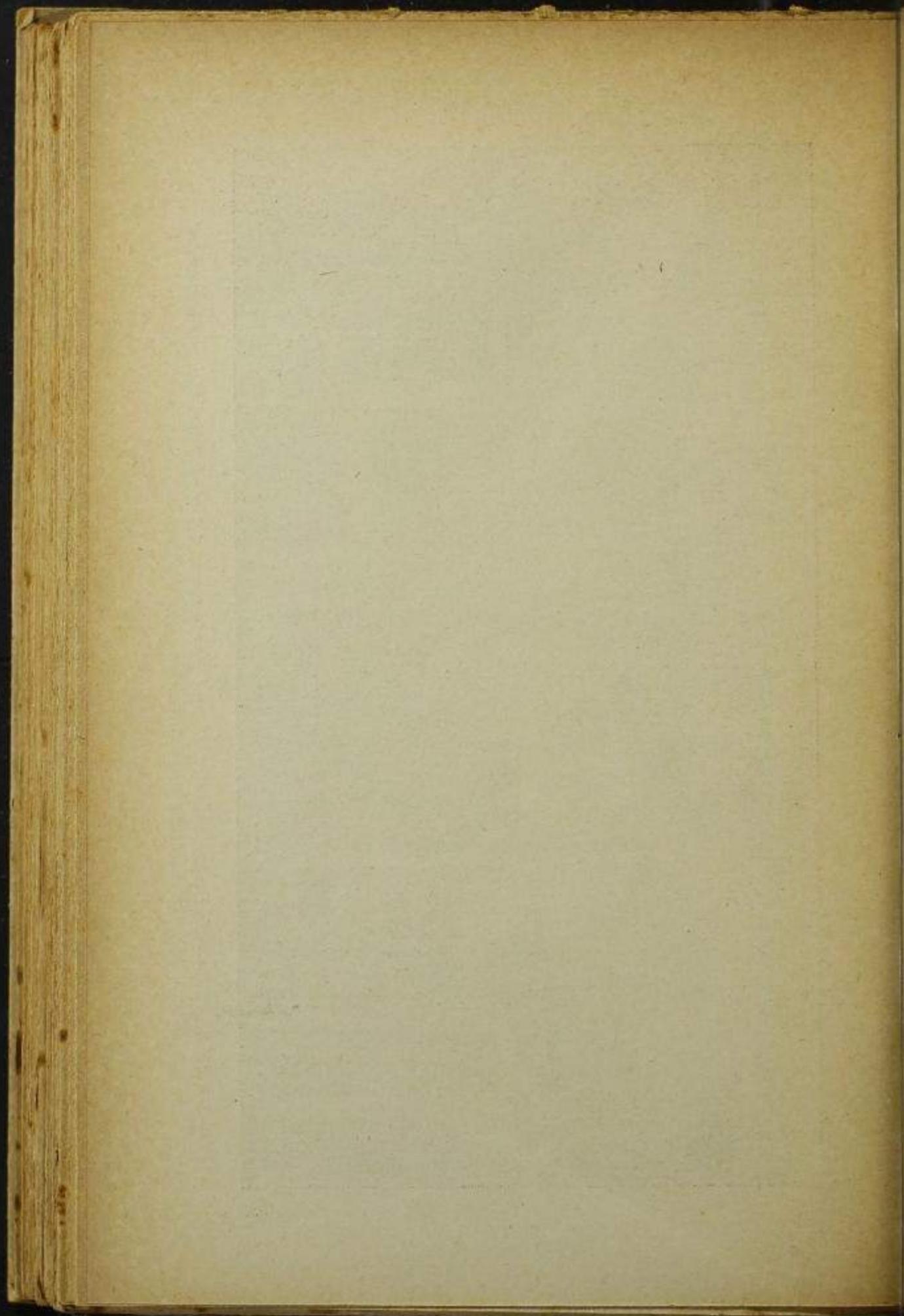
Desci todos os degráus da vida . . . mas tive o cuidado de marcar cada um com uma gotta de sangue, para um dia tornar a subir . . .

BEBEDO

Crê, então, na sua ascencção? . . .



FERNANDO — Sou o Anastacio! O que perdeu quasi tudo! Mas não perdeu tudo!  
Posso até ter perdido o juizo! Mas não perdi a fé! Não perdi a fé!



FERNANDO

Creio.

BEBEDO

Depois de perder tudo... é muito difficil...

FERNANDO

Nem tudo está perdido... (*pausa*).

BEBEDO

Depois disso, só um pouco de musica, Manoel, vê lá se acha alguma coisa no Radio...

MANOEL

E' tarde.

BEBEDO

A ultima... Com musica, ainda se pode beber mais algumas cachaças... (*MANOEL vae immediatamente ligar o Radio e apanha uma musica de organ tubular*).

1.º FREGUEZ

(a FERNANDO) — Seu nome é mesmo Anastácio?

FERNANDO

Agora é...

1.º FREGUEZ

Agora? Porque?

FERNANDO

Aos poucos fui deixando de ser quem era... senti que o meu nome ia tambem desaparecendo, syllaba por syllaba, como as coisas que eu ia perdendo... Fernando era um nome incompativel com a minha miseria. Já não me ficava bem. Antes que me chamassem

o pobre Fernando, resolvi ser Anastacio. João Ninguém é mais que Anastacio. Um João Ninguém pode usar collarinho e gravata e, si quizer, ingressará na politica. Mas um Anastacio nunca será um João Ninguém. Anastacio é o homem que perdeu tudo, até o proprio nome. Ninguém se compadecerá de um homem que já é Anastacio. A quem me perguntar quem sou eu, direi: sou o Anastacio. "Quem é você?" O Anastacio. E não terei o trabalho de explicar o resto...

1.º FREGUEZ

Nesse caso, você, de facto, perdeu tudo...

FERNANDO

Não. Tudo, ninguém perde. Perdi, meu pae! Perdi minha fortuna! Perdi minha mulher! Perdi meus amigos! Perdi minha irmã! Perdi o meu nome! Perdi...

COMMISSARIO

(*entrando, com investigador*) — Ninguém se mexa! Explique cada um por sua vez, onde esteve das seis da tarde ás onze da noite.

1.º FREGUEZ

Eu entrei aqui ás sete horas e não sahi mais.

2.º FREGUEZ

Eu vim com elle.

BEBEDO

Eu estou aqui desde cedo...

COMMISSARIO

(a FERNANDO) — E você?! Vamos! Onde esteve?!

FERNANDO

(*levantando-se*) — Eu... doutor... estive na igreja...

COMMISSARIO

Ah! Eu sabia que o havia de pegar!

FERNANDO

Como assim, doutor?

COMMISSARIO

O pianista tem agilidade nos dedos...

FERNANDO

Não entendo...

COMMISSARIO

Foi descoberto um roubo na Matriz do Carmo!

FERNANDO

(*santamente*) — Que sacrilegio!

COMMISSARIO

Confessa que esteve na igreja, precisamente á hora do roubo e acha que foi um sacrilegio!

FERNANDO

Mas, doutor, eu adormeci, depois de uma préce.

COMMISSARIO

E sonhou que era dono dos castiçaes de prata...

FERNANDO

Juro, doutor, que estou innocente. Eu não mintto.

COMMISSARIO

Isto é o que vae ficar provado.

FERNANDO

Estes senhores aqui podem dizer quem sou eu...  
(ninguem diz nada).

COMMISSARIO

Esses mal podem dizer quem são. (ao INVESTIGADORQ — Leve-o! (o INVESTIGADOR segura-o pelo braço e leva-o para junto da porta).

INVESTIGADOR

(puxando FERNANDO) — Vamos!

BEBEDO

Anastacio, não se esqueça de incluir a liberdade na lista das coisas que você perdeu...

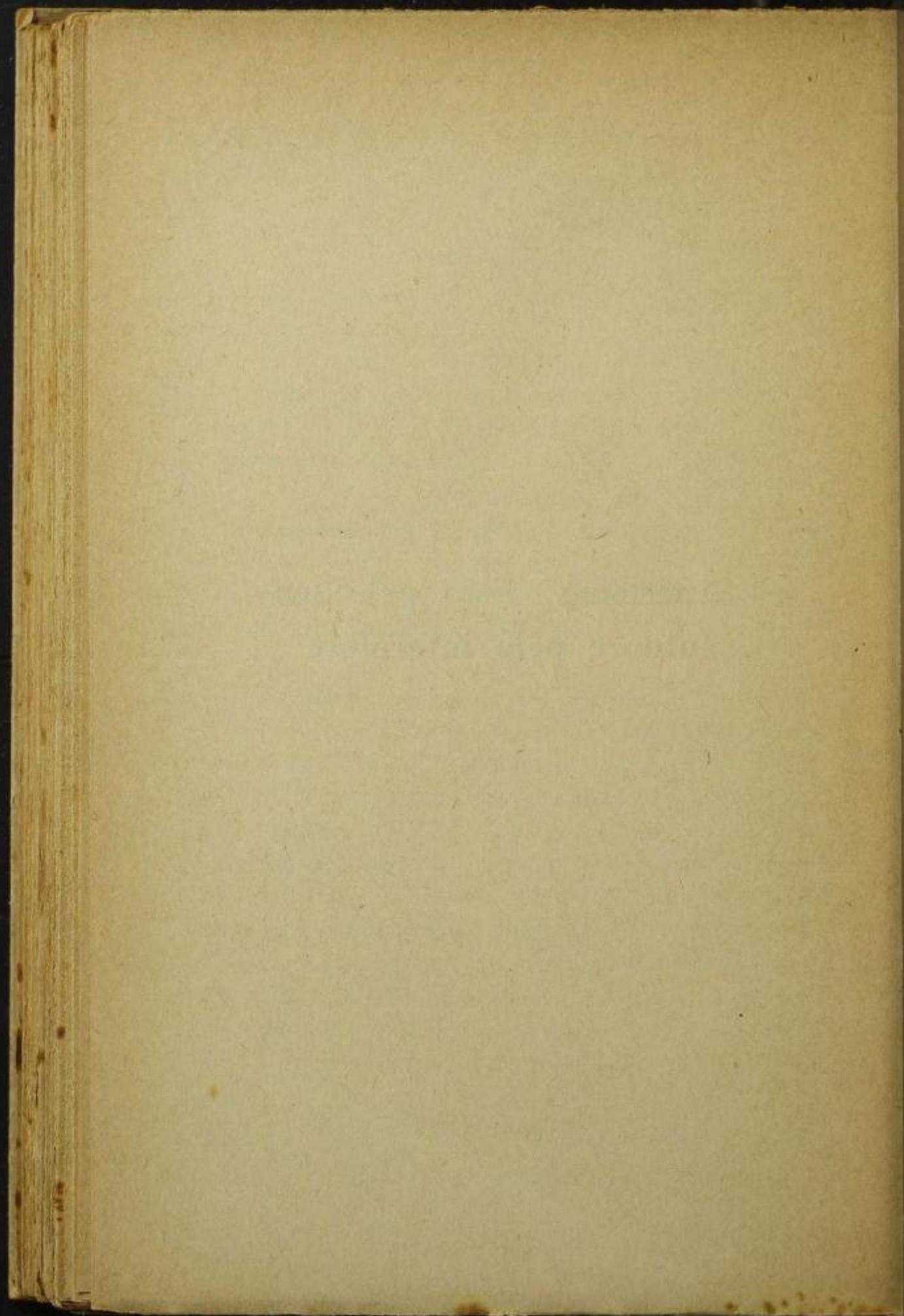
FERNANDO

(a musica augmenta) — Mas ainda não é tudo! Ainda sou e cada vez serei mais o Anastacio! O Anastacio pode ser preso! O Anastacio pode ser enxovalhado! O Anastacio pode ser injustiçado! O Anastacio tem o seu destino! O destino do seu nome que, depois de tudo, será sempre o mesmo: o Anastacio! Sou o Anastacio! O que perdeu quasi tudo! Mas não perdeu tudo! Perdi agora a liberdade! Perdi, talvez, os ultimos amigos! Posso, até, ter perdido o juizo! Mas não perdi a fé! Não perdi a fé! (O INVESTIGADOR puxa-o para fóra e cae o

P A N N O

Fim do Sexto Quadro e da Peça

“Anastacio” visto pelo seu  
autor e pelo interprete



### PROCOPIO FALA SOBRE "ANASTACIO"

— "Anastacio" — principia Procopio — surpre-  
hendo o espectador mais avisado; porque nessa obra, en-  
tre o que se diz e o que se faz, fica o inexplicavel. Desde  
que "Anastacio" se torna banqueiro, inaugura-se para  
elle a sua "via-crucis". Ninguem póde crer em que "Anas-  
tacio" pretenda dirigir um banco patrioticamente, por-  
que os bancos vivem uma realidade a prazo, descontan-  
do titulos e não boas intenções. Assim, era inevitavel o  
que aconteceu: o banqueiro que deseja ser "santo" fal-  
liu. Depois veiu a lei inquirir "Anastacio" e não demou-  
rou que a Justiça proferisse o seu "veredictum": o car-  
cere para "Anastacio". Entretanto, esse homem verda-  
deiramente feito á semelhança de um deus, continúa  
bemdizendo a vida e estimando o proximo. Para "Anas-  
tacio", todos são victimas de um grande equivoco em  
relação ao mal que lhe causam. Uma vez desfeito esse  
"equivoco", certamente que "Anastacio" voltará á so-  
ciedade, terá honra e um nome, familia e felicidade. Não  
importa que os factos cada vez mais compromettam o  
destino de "Anastacio" e que elle, sempre bom e crente,  
cada vez mais se encontre distante da Verdade. E a peça  
termina assim, amarga por ser humana, com "Anasta-  
cio" novamente recolhido ao carcere. Mas esse homem  
que perdeu tudo, até o proprio nome, a tudo supporta  
com a sua immensa fé.

— Nesse caso, "Anastacio" é drama — inquirimos de Procopio.

— Mas é também comédia. Sempre houve, em torno dos menos protegidos da sorte, episodios comicos. Tal acontece também com o nosso heroe. Ha personagens que fazem rir, e isso até é commum com o proprio "Anastacio". Nos dois quadros que se passam no botequim do Manoel, muitos serão os instantes para hilari-  
dade, mormente com as dissertações philosophicas de um certo bebedo sobre as virtudes da cachaça. Devo dizer que "Anastacio", technicamente, é a melhor peça de Joracy Camargo. Como obra de concepção, julgo-a preciosa. Não é espectáculo para a vida ephemera dos cartazes curiosos. "Anastacio" permanecerá, dentro do nosso pequeno theatro, inalteravel como o ouro, mais util e maior á medida que o tempo fôr passando.

A Gazeta — 12 Dez. 1936



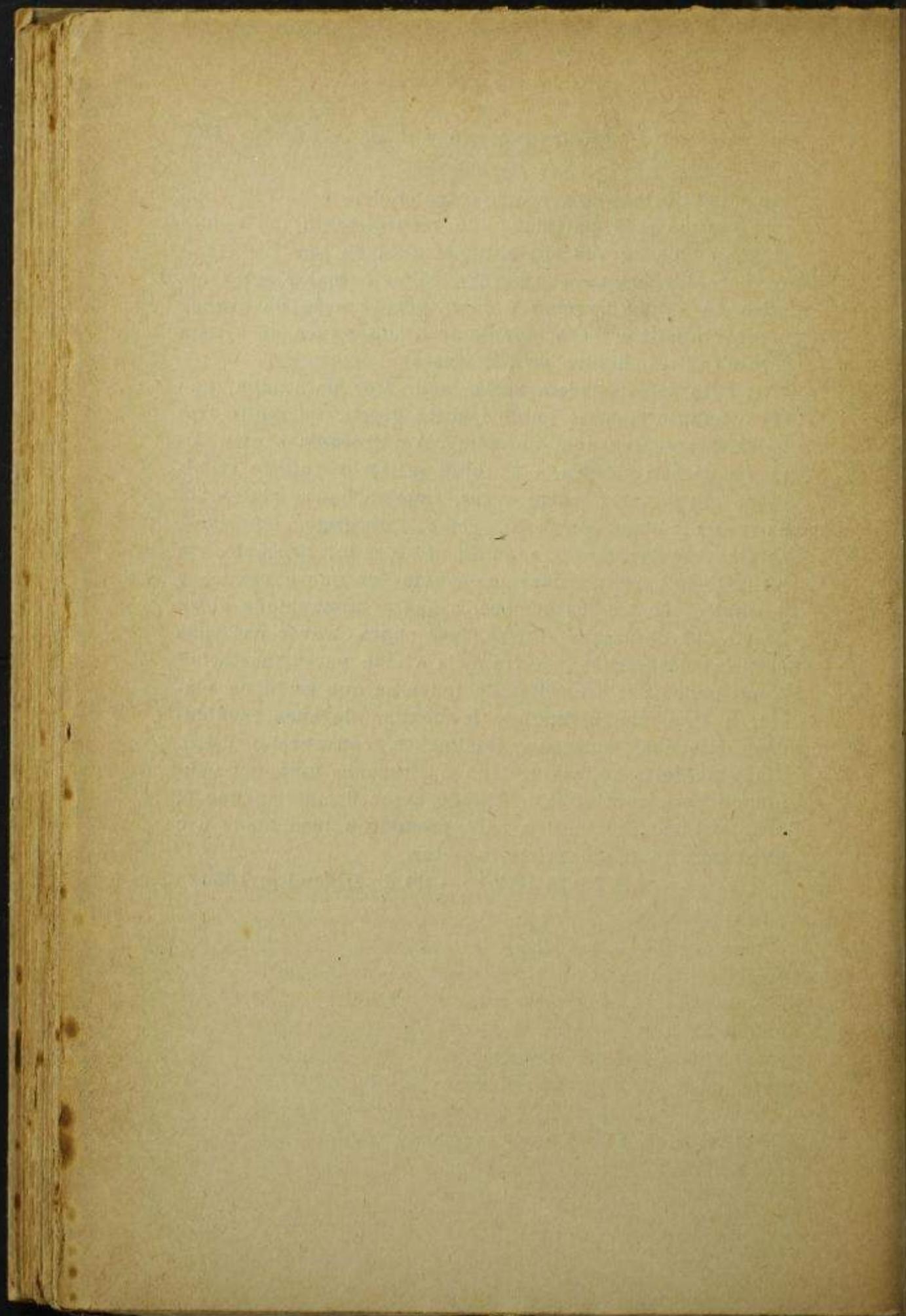
#### "PROCOPIO NÃO É COMICO"

Tenho procurado em minhas peças fazer as mais variadas experiencias. Umhas falharam e outras deram os melhores resultados. "Deus lhe pague" veiu demonstrar que o nosso publico, sempre tão injustiçado, supporta dialogos longos, quando o conteudo dos dialogos interessa. "Anastacio" está provando a quem ainda duvida disso, que Procopio não é comico, mas um perfeito actor dramatico. Um dia prometti ao nosso maior actor que havia de escrever uma tragedia na qual elle pudesse vencer quinze annos de tradição como comico irresistivel, que bastava apparecer para que o publico risse. Si essa

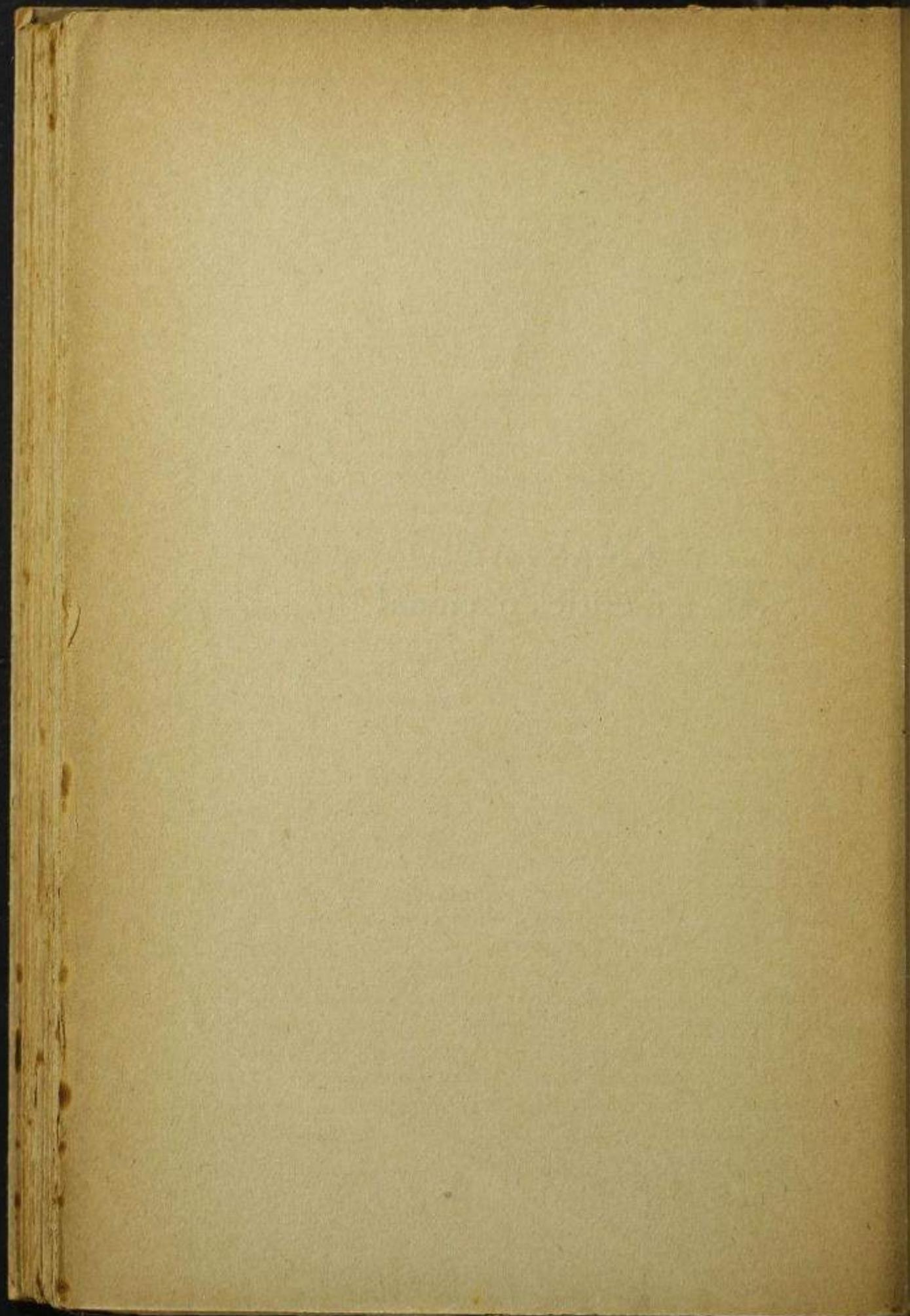
era minha intenção, era esse o maior desejo de Procopio, não porque seja partidario do resurgimento do genero tragico, mas porque era a oportunidade que lhe faltava para, depois de consagrado como o maior actor comico do Brasil, receber a justa consagração de grande actor dramatico, para completar a sua figura de artista inconfundivel, dentro de sua epoca.

Para elle a tarefa seria facil. Mas para mim, que sei o quanto o nosso publico gosta de rir, foi muito trabalhoso preparar uma tragedia para Procopio e uma comedia para o publico... E estou satisfeito com os resultados obtidos. Eu, como autor, consigo que a platéa ria ás gargalhadas; Procopio, como interprete, emociona, commove e faz chorar a todos, até a mim! Procopio, em "Anastacio", veio provar mais uma vez que o comico e o tragico são irmãos gêmeos, e que a humanidade gosta de rir das desgraças alheias, mas chora deante das suas proprias desgraças... A tragedia vivida por "Anastacio" é um pouco das tragedias de todos os que estão na platéa, e Procopio, attingindo o maximo de suas faculdades artisticas, consegue, facilmente, convencer-o disso. Sinto-me feliz de haver dado a Procopio uma oportunidade para revelar-se o grande actor dramatico que é, e ao publico um motivo para premiar a tenacidade e o idealismo do nosso primeiro actor.

**A Noite (Rio) — 29 de Dezembro 1936**



“ ANASTACIO ”  
e a critica nacional



Joracy Camargo está evoluindo para o drama. Sua nova peça é um ensalo interessantissimo. Jogando com o tragico, produz effeitos comicos. Jogando com o comico, consegue effeitos de tragedia. Pode parecer paradoxal, mas nada ha tão verdadeiro. Se alguém perguntar se Anastacio existe, tomando-se o personagem no sentido physico, pode-se dizer que não. Mas, encarando-o sob outro aspecto, sob o prisma espiritual, veremos que Anastacio existe, não sendo, porém, um simples individuo, mas um symbolo, representando um espirito, reflectindo uma mentalidade, uma educação. E' a educação sentimental, firmada nos principios superiores, nas doutrinas generosas, nas idéas humanitarias e sociaes que quasi todos pregam e raros praticam, em choque com a realidade brutal, com o espirito pratico, com o quotidiano, com a permanente lucta pela vida, lucta artilosa em que o character, ás vezes, é um peso incommodo que prejudica as ascensões facéis e, como nas dos balões, é mistér desfazer-se delle para ir mais alto.

Anastacio, portanto, existe. Existe do mesmo modo que existem, aos milhões, typos como Topaze, symbolo opposto ao personagem de Joracy Camargo, que começa em baixo e progride para o alto, realizando na escala social uma excursão que é o avesso da tragica aventura de Anastacio. A peça de Joracy Camargo é rica de observações e detalhes curiosos. A transformação do millionario fallido em simples Anastacio não é uma excenricidade arbitraria do autor. Os fugitivos em geral tro-

cam de nome e appellido. E' o ultimo acto de pudor e de respeito dos que chegam á degradação mais completa. E' o desejo de não arrastar para a lama o nome da familia. Um nome vulgar não traz gloria. E gloria não teriam, talvez, Anatole France e Mark Twain se houvessem sido apenas Anatolio Teribaut e Samuel Clemens. Mas se não traz gloria, não provoca maiores explicações. Dahi a vantagem de ser Anastacio, melhor, para o caso, do que a importancia de ser Ernesto, da peça de Oscar Wilde.

Na sua bondade sem limites e nas suas attribulações com a justiça, Anastacio é, talvez, um pouco anatóleano, parente proximo do Sylvestre Bonnard, outro criminoso admiravel, que vendia as suas maravilhas bibliographicas para poder dar-se ao luxo de pequenos actos de generosidade. Mas, no desenho geral dos personagens, a peça se assemelha ás grandes creações de Eugene O'Neill, o notavel dramaturgo americano a quem foi conferido este anno, o Premio Nobel de Literatura. A scena do perdão dos sentenciados, bem como a scena final, constituem qualquer coisa de novo, de differente, de arrojado no nosso theatro, tanto tempo jungido aos moldes estreitos das comedias alegres dos autores parisienses.

Não hesito em classificar "Anastacio" acima de "Deus lhe pague", quer pela technica literaria e scenica, quer pelas intenções que encerra. Pode haver quem diga que a peça é de amargo pessimismo. Mas della ha uma lição a tirar. "Anastacio" é um d. Quichote moderno, a quem, no ultimo instante ainda resta uma coisa: a fé. E' a ingenuidade vestida de homem. Mas se "Anastacio" persiste errado, incapaz de fugir de si mesmo, de evadir-se ao destino injusto, a platéa fica com fortes elementos de convicção e só pode concluir uma coisa: é que a educação sentimental é incompativel com o espirito da nossa epoca e isso pode explicar a ruina e o fracasso de

muitas vidas. Emquanto vivermos nesta epoca de feroz individualismo economico, de egoistica incompreensão, de violentos, continuos e desleaes combates pela posse das riquezas, derrotados serão todos os que trouxerem ideaes mais nobres e sentimentos mais humanos. Pode ser desalentadora e cynica essa conclusão. Mas valeria a pena concluir de outro modo? Por certo que não. "Anastacio" teria deixado de produzir alguma coisa de verdadeiramente util, esse conselho que não dá, mas a gente conclue...

Procopio é um creador extraordinario do papel de "Anastacio". Revela singulares qualidades dramaticas, realçando a sua tragedia precisamente nos momentos em que a acção é mais forte em comicidade. O contraste das situações empresta á peça o character de um permanente jogo de surpresas. Coisa difficil de conseguir, tanto pelo autor, como pelo actor.

O creador e o interprete de "Anastacio" se completam. Procopio amplia e assegura o exito da criação litteraria de Joracy Camargo e torna o typo mais real, mais suggestivo, mais vigoroso, dando com o prestigio de seu trabalho scenico, um sentido mais intenso e mais flagrante á dolorosa lição de moral dessa extraordinaria fabula do nosso theatre moderno...

R. Magalhães Junior  
("Diario da Noite", de 22-12-936)

—o—

### "ANASTACIO"

Milhares de pessoas têm affluido, todas as noites, ao "Boa Vista", para assistir á interessante peça de Joracy Camargo, "Anastacio", que o elenco de Procopio vem representando com exito inexcedível.

Assim, o theatro nacional, tão posto em duvida pelos descrentes ou "snobs", vê accrescido o seu repertorio de uma peça notavel, que já conseguiu mais de 60 representações consecutivas, demonstrando o acolhimento entusiastico que o publico dispensa ao ultimo trabalho do brilhante theatrologo. Aliás, esse premio é dos mais justos: Joracy rompeu com as tradições e soube apresentar um theatro eminentemente natural porque integrado na realidade quotidiana. Não elabora peças nas quaes os personagens sejam integralmente ditosos, disponham de fortunas consideraveis, vivam em ambientes apraziveis e só encontram obstaculos ou aborrecimentos quando postos em choque com o desmoralizado thema das desventuras amorosas ou das tragedias conjugaes. O theatro de Joracy é profundamente humano e psychologico, como em "Deus lhe pague", e profundamente realista, como em "Anastacio". Pelo sobriedade nos dialogos, o fundo intensamente dramatico da expressão, a harmonia de quadros e a sequencia logica do entrecho, tudo dosado por uma critica subtilissima, mas impiedosa e perfeitamente justificada, sem artificios ou jogos de scena exaggerados, a representação de "Anastacio" flue, para o espectador, uma successão de lances que empolgam e o identificam com o drama que se desenrola no palco, unindo artistas e assistentes na mesma communhão de pensamento. E' a vida que desfia, a vida com que todos nós lutamos, aqui fora...

"Fernando Lima", depois "Anastacio" — um moço rigidamente educado sob os canones da moral religiosa classica, desde cedo habituado ao trato com os livros e á sabedoria accumulada durante seculos, assim aprimorando, inutilmente, a sua cultura geral e philisophica — é uma das caricaturas mais vivas e expressivas que se podia conceber. Perdendo tudo, a fortuna, o seu lugar na sociedade, o proprio nome, vendo a esposa e depois a ir-

mã se desgraçarem no opprobrio da prostituição por necessidade, Fernando não perde a fé. Mas a persistencia com que elle proclama a sua fé inabalavel, mesmo ante todas as derrocadas que o assaltam, umas após outras, vale pelo azorrague causticante do "double-sens" do autor, fulminando a precariedade da justiça hodierna, os decantados sentimentos do amor ao proximo, os fragilimos dogmas da religião, as autoridades, os costumes, tudo enfim que completa a civilização actual. Cada espectador deve sentir-se um pouco como "Anastacio" não lhe accetando, embora, a impassibilidade e resignação com que acolhe todas as vicissitudes, sem descreer na Providencia Divina ou deixar de acreditar na bondade dos semelhantes e na esperanza de uma reabilitação impossivel!

Ha tempos, com o romance "Fontamara", de Ignazio Silone, a moderna literatura revolucionaria proporcionava-nos a mais alta expressão da actividade intellectual consagrada aos problemas presentes. Expondo a vida de miseraveis camponeses, perdidos num rincão da Italia Meridional, Silone traçou, numa narração impressionante, a synthese das crueldades arrostadas pelos parias de todo o mundo, perseguidos e espoliados pelo governo, submettidos á Igreja devido ao seu mysticismo incrivel, sacrificados á voragem das guerras e revoluções e presas do turbilhão dessa crise moral e economica que sacode a civilização. Assistindo agora, "Anastacio", fomos levados a confundil-o com o romance magistral de Silone, numa só interpretação: ambos têm o unico sentido de critica e idêntica expressão dolorosa, reuando em todo o texto. Apenas o personagem central de Silone — "Beraldo Viola" — se nos afigura mais real que "Anastacio" porque não o caracteriza o mesmo conformismo suicida do "fantoche" engendrado por Joracy. Em "Fontamara", Beraldo Viola, ao attingir o paroxis-

mo da revolta interior, brada como um iluminado: "A Unidade... Que é? A Unidade! Você já ouviu essa palavra? Eu não a tinha ouvido nunca. E' uma palavra nova. A Unidade... Quer dizer a solidariedade. Quer dizer a força. Quer dizer a liberdade. A Unidade... uma coisa tão simples! Se eu morrer, você deve levar a Fontamara esta palavra. Você precisa dizel-a a todos. Chega de odios. Só uma coisa nos falta... Unidade! Todo o resto virá por si".

A "Anastacio" falta um complemento. Não a "philosophia da cachaça", que vae arrastal-o ainda mais para o abysmo. E' preciso que os "Anastacios", opprimidos por tudo e todos, evoluam até o estagio de Beraldo Viola. E nesse dia ninguem rirá ou se lamentará de "Anastacio", como riem e lamentam os que têm assistido a peça admiravel de Joracy Camargo...

Manoel Domingues

Diario da Noite — 12 Janeiro 1937

—o—

### THEATROS

Si ha peça brasileira para a qual se deva chamar, insistentemente, a attenção dos apreciadores de bons espectaculos, essa peça é "Anastacio", que Procopio vem representando desde sexta-feira, no Boa Vista. Este ultimo trabalho de Joracy Camargo é de molde a preencher todas as exigencias da nossa culta platéa.

Escrepta com aquella vivacidade de linguagem, com aquella singeleza e, ao mesmo tempo, energia de expressão que caracterizam o estylo do autor de "Deus lhe pague", a comedia apresenta-se habilmente construida e sufficientemente dosada de dramaticidade e humorismo,

constituindo, assim, um espectáculo capaz de conquistar o agrado das mais variadas sensibilidades humanas. Não esqueceu o autor — nem podia esquecê-lo, pois é, de facto, um dos nossos mais completos escriptores no genero — a sabia lei das compensações, tão reclamada, com razão, pelos que procuram as salas de theatro com o desejo de se esquecerem um pouco das asperas realidades, na contemplação de algo que lhes faça afflorar aos labios o bom e delicioso sorriso, si toda a sua tragedia fosse, apenas, tragedia — isto é, si a mão do escriptor (que é, em tal caso, o symbolo do destino desse personagem), não houvesse intercalado na estrada do seu Calvario algumas floresinhas risonhas, pequenas sombras coloridas de ironia e de graça que dão maior sympathia e communicabilidade ao soffrimento daquelle pobre homem.

Joracy Camargo situou o seu personagem em ambientes variados, sem que, entretanto, nenhuma dessas molduras lhe comprometta o desenho psychologico, antes fazendo-o avultar cada vez mais, em cada uma dellas, para, ao fim, deixar, no espectador a indelevel lembrança de todos os traços característicos dessa figura.

Esse "Anastácio", que, á primeira vista, parece exaggerado em sua ingenua e commovedora boa fé, acaba gravando-se na memoria de todos, como realidade palpavel e commum ainda, em certos sectores da vida moderna. As scenas que se passam do primeiro ao ultimo acto da peça decorrem sem a menor sombra visivel de esforço do theatrologo, para a conclusão da these que se traçou. Tudo que ahi acontece está perfeitamente dentro da logica do enredo. E, o que é mais admiravel, nenhum outro episodio complementar quebra a harmonia do conjunto, mas, ao contrario, todos os quadros se conjugam dentro da mesma linha de continuidade e de verdade psychologica.

O que succede no botequim do portuguez Manoel acha-se inteiramente ligado ao scenario da casa de correcção, e todas aquellas almas respiram no intimo um ar de soffrimento e de angustia communs. Só o bebedo-philosopho destôa de todos, na sua concepção optimista e pittoresca do mundo.

E' o "raisonneur" amargurado que fez da sua desgraça uma fonte continua de bom humor. Beber é esquecer e perdoar. Esta figura é o sorriso, a valvula pela qual a tragedia de "Anastacio" se allivia da sua infinita miseria humana.

Na interpretação da obra de Joracy Camargo, são de destacar-se, principalmente, os trabalhos de Procopio e de Modesto de Souza.

O desempenho de Procopio é magistral no vulto tragi-comico do protagonista.

Modesto de Souza, que vive o bebedo-philosopho, dá-nos ahi o seu melhor trabalho, de toda a temporada de espectaculos deste anno.

Com os demais artistas, nada tem a perder a comedia de Joracy, a qual vale bem o entusiasmo, o interesse extraordinario que está despertando nos meios artisticos da Paulicéa.

Corrêa Junior

A Gazeta — 16 Dezembro 1936



## A SEGUNDA INCARNAÇÃO DE PROCOPIO

O theatro nacional tem subsistido á mercê de tres correntes de opinião: os que lhe rezam a missa de corpo-presente, achando que o desgraçado já virou defunto ha muito tempo, os que lhe proclamam a decadência irremediavel por falta de actores e autores, e, por ultimo,

categoria de farricocos menos pessimistas, os que attribuem o mal á falta de publico; asseguram que quando tivermos publico, teremos bons autores e optimos actores.

Essas tres correntes são concordes em descarregar sobre o cinema a culpa da pobreza theatral. E' o cinema que está liquidando com o theatro, porque o cinema é mais barato, mais commodo e melhor aparelhado technicamente.

Até que ponto essas opiniões deixam de participar da lei de relatividade, é o que devemos averiguar. Todos esses symptomas de ruina não offerecem nada de particular, quanto ao theatro brasileiro. Em França, na Alemanha, nos Estados Unidos, na Inglaterra, aquellas tres correntes de opinião, já se fazem sentir e não se manifestam de outra forma. Portanto, a crise, si existe, não é brasileira, é mundial.

Recentemente, a proposito do exito inesperado, em Paris, de tres peças do theatro antigo, sendo uma dellas, sinão me falha a memoria, "L'école des femmes", de Molière, um dos actores que concorreram para esse paradoxal renascimento concedeu interessante entrevista. Começa por dizer que o theatro sempre esteve em decadência e nunca morreu disso... Já nos recuados tempos do Rei-Sol, em Versalhes, pululavam os "esfrias" a entoar o lugubre cantoção em torno do pobresinho. E elle por ahí se vem arrastando conforme Deus é servido. No final da entrevista, o actor nega que o cinema concorra para a desgraça do theatro. Admittil-o seria o mesmo que declarar a morte da esculptura por causa da concorrência que lhe move a pintura. Theatro e cinema são dois generos differentes, como um quadro é differente de uma estatua.

Que cada qual approve ou desapprove essa observa-

ção, pouco importa. Ella tem o seu quê de procedente, é innegavel.

Vejamos o caso de Procopio.

Affirmado por uns, que o elogiam franca e desabridamente, considerando-o a maior gloria do palco brasileiro; negado por outros, que não lhe reconhecem outro merito sinão o de provocar o riso, um palhaço, em summa; discutido, ainda, por aquelles que, mesmo quanto aos seus dotes de comicidade, só o acham capaz de explorar a baixa comicidade, Procopio tem resistido, como o proprio theatro, a essas contradicções, e pôde invocar Oscar Wilde, segundo o qual "quando a opinião se divide em torno de um artista, o artista está de accordo consigo mesmo".

Ha na funcção de fazer rir um merito excepcional, dependendo da natureza do riso. Si Procopio tem sacrificado á tendencia galhofeira de certo publico, e bem a contragosto, o que prova no artista uma constante reacção contra o melo, porque assim acontece? Porque o actor não se isola do autor, muito ao contrario, ambos se completam.

Na verdade, os escriptores theatraes entre nós descambaram sempre para os extremos: ou a pantomina, ou a comedia irmã gêmea do drama. Ou a gargalhada alvar, ou o sermão de lagrimas. Assim, os artistas de palco, em nosso paiz, não encontraram ainda o meio-termo: a peça que não provoque gargalhadas nem lagrimas, mas faça meditar um pouco sobre a philosophia da vida em que se inspira. Este meio termo, segredo do humorismo superior, só o theatro em funcção da critica humana pôde proporcionar. Joracy Camargo, que encontrou uma finalidade na funcção de escrever peças para Procopio representar, foi o primeiro autor que deu com o velo riquissimo onde se affirmará simultaneamente que temos publico e artistas e, portanto, poderemos ter theatro.

O exito de "Anastacio" o comprova.

Desfez-se a lenda de que Procopio só póde trabalhar nas "peças para rir". Já dissemos que a arte de fazer rir nada tem de desprezível, si a natureza desse riso se afastar da vulgaridade histriona. Em "Anastacio", as poucas vezes em que se manifesta a comicidade de Procopio, essa comicidade, o publico o sente de modo bem expressivo, nada tem de commum com o estardalhaço galhofeiro de outras peças. E' um riso que a platéa recolhe logo, na successão das scenas, quando mais e mais se accentua o drama interior do homem que perdeu a fortuna, a posição social, a esposa, os amigos, e cujo nome se foi poindo no attricto de todas as miserias e sofrimentos, mas affirma, por fim, a sua personalidade na fé de si mesmo. E' uma nova e para muitos imprevisita incarnação de Procopio. Devemol-a, de certo, não apenas a Joracy Camargo, mas ao facto de Procopio ter-se encontrado comsigo mesmo na figura de "Anastacio". E' a transubstanciação amarga do riso. Como "Figaro", na peça famosa de Beaumarehais, interpellado pelo conde de Almaviva: "Onde encontrou você uma philosophia tão alegre?" Procopio poderia responder pela bocca de Anastacio: "No habito de soffrer. Apresso-me a rir de tudo, de medo de ser obrigado a chorar"...

E, coisa digna de pasmada menção, como é que o publico de São Paulo, tão avaro de applausos, reflexivo e discreto na sua maneira de manifestar-se, comparece em massa, todas as noites, para vêr uma peça que não termina em casamento, que acaba desafortunadamente, quando a tendencia bovarysta de todos nós é para exigir no palco aquillo que desejaríamos que acontecesse na vida e não acontece?

A explicação não nos parece difficil; é que, tendo

vivido num constante equívoco, desta vez publico, actor e autor se entenderam admiravelmente.

Galeão Coutinho

A Gazeta — 30 Dezembro 1936



#### THEATRO BOA VISTA

Procopio representou hontem, no Boa Vista, a peça em tres actos e seis quadros, "Anastacio", original de Joracy Camargo.

"Anastacio" é a historia dolorosa de um moço educado na escola do Bem que, victima da sua bondade, perde a sua fortuna, vae á fallencia, perde a esposa, perde os amigos, perde a honra, é injuriado, calumniado e preso; perde a irmã, perde até o nome, corre emfim toda a escala do soffrimento humano — uma coisa, porém, não perde: a Fé.

Do ponto de vista artistico, "Anastacio" é uma peça attrahente, movimentada e de technica perfeita. Como obra educativa — é essa tambem uma função do theatro — sua analyse escapa ao objectivo desta ligeira apreciação.

Em "Anastacio" Procopio offerece uma de suas mais curiosas composições scenicas, reflectindo, com expressões physionomicas admiraveis, os variados sentimentos e emoções da personagem que interpreta: o amor, a alegria, a dôr, a esperanza, a revolta, a fé.

Nos outros principaes papeis têm excellente desempenho Hortencia Santos, Norma Geraldly, Restier Junior, Abel Pera e Modesto de Souza.

("O Estado de São Paulo" — 12 de Dezembro de 1936)

A philosophia da cachaça, de que está impregnado todo o terreiro e ultimo acto, e que são as notas finaes da marcha funebre de "Anastacio", é só para os derrotados das injustiças sociaes e da fé, incapazes de lutar contra os males de que são victimas, e que no alcool ou na oração afogam sua propria miseria e covardia moral e physica.

"Anastacio" tinha fé em Deus, uma grande fé e por isso, victima de si mesmo e de tudo que o cercava, não reagia senão moralmente, e por fim nem mais moralmente reagia, posto tivesse intacta ainda sua fé.

\*

"Anastacio" é o irmão paradoxalmente gêmeo do "Lobo da Esteppe", esse personagem contradictorio que Hermann Hesse diviso no tumulto do seculo actual, esse homem que se desambientou e cuja intelligencia culta entrou em conflicto com os instinctos.

O "lobo" é o pequeno burguez que se tornou revolucionario e que procurou debalde fugir aos preconceitos oriundos do meio em que se creou e que elle combatia. "Anastacio" é o catholico, apostolico, romano, que desconhece a si mesmo na sociedade falsamente catholica e soffre todos os embates sem saber defender-se, desditoso como o "lobo da esteppe", e martyr da propria certeza que o guia e da intangibilidade do caracter em conflicto com o ambiente, esse ambiente por cuja fiel observancia e sinceridade de preconceitos elle batalhou, porque só conhecia as virtudes do bem e a excelsitude christã da verdade.

Mozart Firmeza

(Do "Correio de São Paulo", de 15-12-936)

## "ANASTACIO"

Para a vida do theatro nacional o apparecimento de "Anastacio", a comedia com que Joracy Camargo brindou, recentemente, o publico brasileiro, constitue um acontecimento de tamanho vulto, que todos aquelles que acompanham o evoluir do nosso theatro não podem deixar de registral-o.

Essa comedia que está attrahindo, todas ás noites, ao Theatro Boa Vista, um publico numeroso e entusiasta, cujos applausos representam os melhores elogios que se podem fazer ao desempenho de Procopio e seu elenco, offerece ao espectador a mais linda licção de Fé.

Joracy Camargo, architectando o enredo dessa peça e traçando a psychologia de sua figura principal, revela-se muito mais profundo e humano do que em "Deus lhe pague".

Se em "Deus lhe pague" se contempla a figura de um mendigo que se torna millionario, em "Anastacio" vemos o millionario que, descendo toda a escala social, se torna, não um simples mendigo — o que seria muito para elle —, mas apenas o "Anastacio"... Sim, porque "Anastacio" é muito menos do que um mendigo. "E" muito menos do que um João Ninguem. Ser "Anastacio" é não ser nada; é não ter mais nada a perder na vida. Ser "Anastacio" é viver soffrendo os mais duros revezes...

Em "Deus lhe pague", vemos o mendigo, dotado da mais serena philosophia, acceitando, sem um grito de revolta, todas as imposições que a vida lhe fizera. Vemol-o, depois, enriquecido, contra a sua propria vontade, gozando todos os prazeres que o dinheiro lhe proporciona. Já o nosso "Anastacio" tem a sua philosophia diversa. Muito mais humana, muito mais da vida.

"Anastacio" é o homem que perde tudo, menos a

Fé. Esta é inabalavel, em seu espirito. Descendo sempre, todos os degraus da Vida, "Anastacio" crê. Crê sempre. "Anastacio" perde a fortuna. "Anastacio" crê na esposa e nos homens. A esposa abandona-o; os homens trahem-no. "Anastacio" crê na justiça humana. A Justiça falha. "Anastacio" crê ainda e espera. "Anastacio" vae para a prisão. Ainda e sempre "Anastacio" crê. Em sua infancia, "Anastacio" aprendera a crêr. Porisso, a sua Fé é inabalavel.

Sereno, "Anastacio" tem a sua vida semelhante a uma represa, onde o volume das aguas, permanece tranquillo.

"Anastacio" perde o proprio nome, porque "Anastacio" não é seu nome. Noutros tempos, fôra "Fernando". Deixára de ser "Fernando" para ser "Anastacio". "Anastacio" sorri, crê e espera.

Morre-lhe a irmã. "Anastacio" crê ainda. Perde a liberdade novamente, e continua crente da crença mais forte, mais indestructivel.

Privado da liberdade, "Anastacio" ainda não descre, porque descre seria perder tudo. E "Anastacio" não perdera a Fé.

Como se houvessem rompido os diques que sustentam as aguas da represa, ha um turbilhão na vida de "Anastacio". As palavras jorram-lhe dos labios com a violencia de uma caudal, na mais sublime exaltação de Fé.

O homem que fôra para a Vida, com os ensinamentos recebidos do pae, que o preparára para ser bom, vira que a Vida era muito differente do que lhe ensinaram. Mas apesar de tudo, esse homem tinha Fé e dahi a razão de continuar a ser bom...

Procopio Ferreira, encarnando a figura desse homem, excedeu-se a si mesmo, porque "Anastacio" ultrapassa todas as creações do grande artista. "Anastacio" é

o maximo a que póde attingir em concepção e criação resultando dahi a mais completa fusão entre actor e personagem. Actor e personagem identificam-se de tal maneira, que não se sabe onde um deixa de existir para o outro começar a viver. Para o maximo da concepção de Joracy, só mesmo o maximo da criação de Procopio, que vive, em "Anastacio" a figura mais dolorosamente humana do theatro brasileiro.

Barbosa Pupo

"Correio Popular" (Campinas) 17-12-936

—o—

#### PANNO DE BOCCA

##### Uma grande peça, numa grande interpretação de Procopio

Hoje tenho que penitenciar-me do que disse ha dias sobre Procopio, discordando do grande actor patricio fóra do seu genero. Vi-o hontem como figura principal da peça de Joracy Camargo — "Anastacio" — e confesso que Procopio revelou-se para mim. Nunca o julguei capaz e — embora reconheça o seu talento — de emprestar tanta vida e tanta alma áquelle homem, eternamente soffredor, que perde tudo, até o nome, mas não perde a fé. Papel difficilimo, cheio de nuances e de transições, tocando por vezes ao ridiculo, encontrou em Procopio um interprete á altura. Na scena do botequim e na do desfecho, elle foi admiravel, grande, notavel mesmo. Arrebatou a platéa, tão bem disse a "fala" final, que requer folego, sentimentalismo e vibração. Procopio teve tudo isso. El empolgou, ouvindo acclamações delirantes do publico, que obrigou o panno a subir repetidas vezes.

"Anastacio" é uma grande peça, numa grande interpretação do maior actor do Brasil.

O publico precisa assistil-a. Por todos os motivos.

Para ver um trabalho theatral e um artista que se revela n'um genero contrario ao seu.

Procopio merece um abraço.

Francisco Sá

O Dia — 12 Dezembro 1936

—o—

A interpretação do Procopio a "Anastacio" é alguma coisa de milagrosa, é como se o genio do artista — nessa obra de theatro em que se faz a glorificação da fé e a critica nos máos costumes sociaes — houvesse recebido inspiração divina.

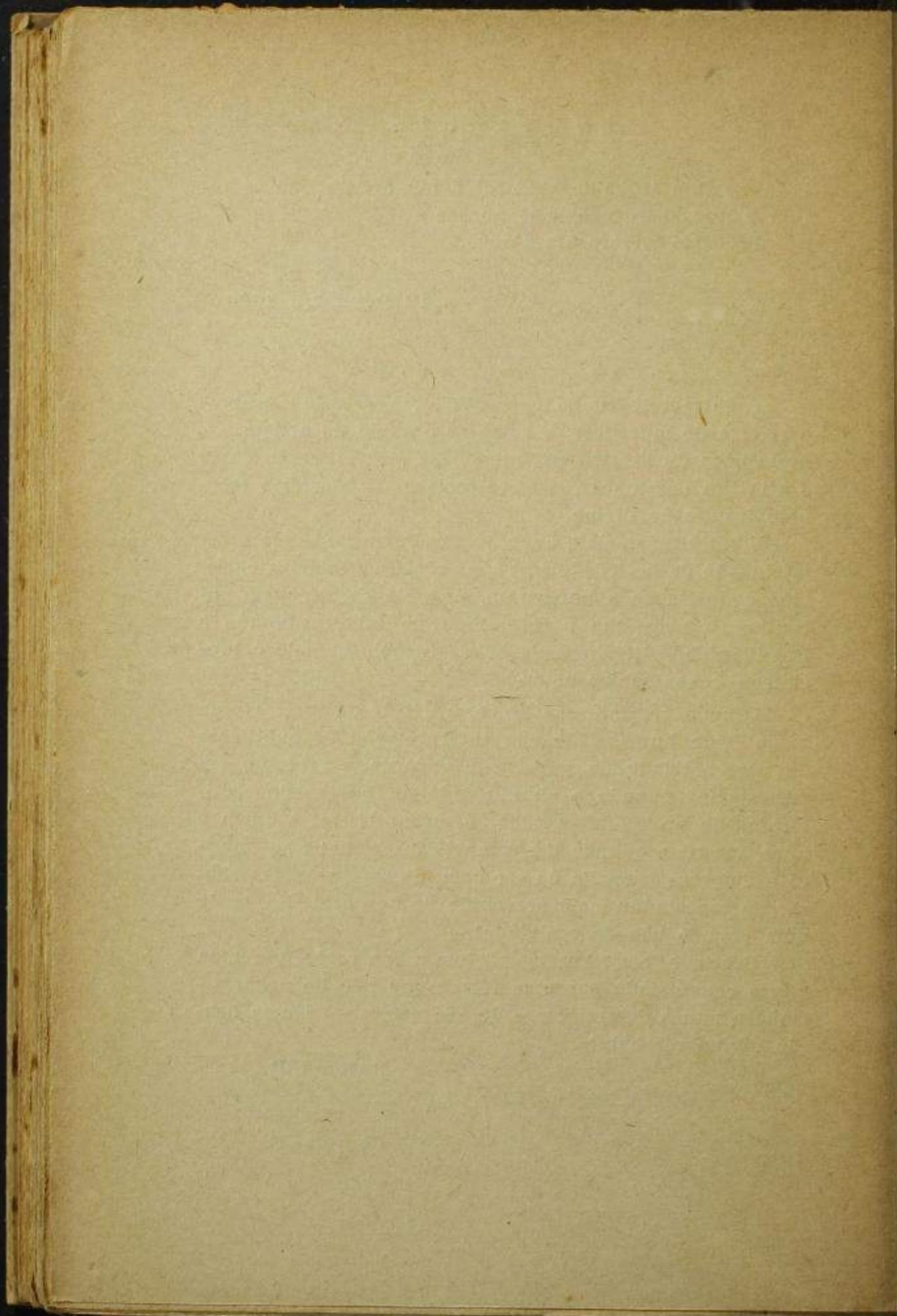
E em "Anastacio", onde Joracy Camargo expõe a re-integração da sociedade nos bons e sãos principios christãos que sempre a nortearam, o genio de Procopio encontrou a peça que o reintegrou na admiração que o Brasil sabia, adivinhava dever a Procopio quando o proclamou o seu maior actor.

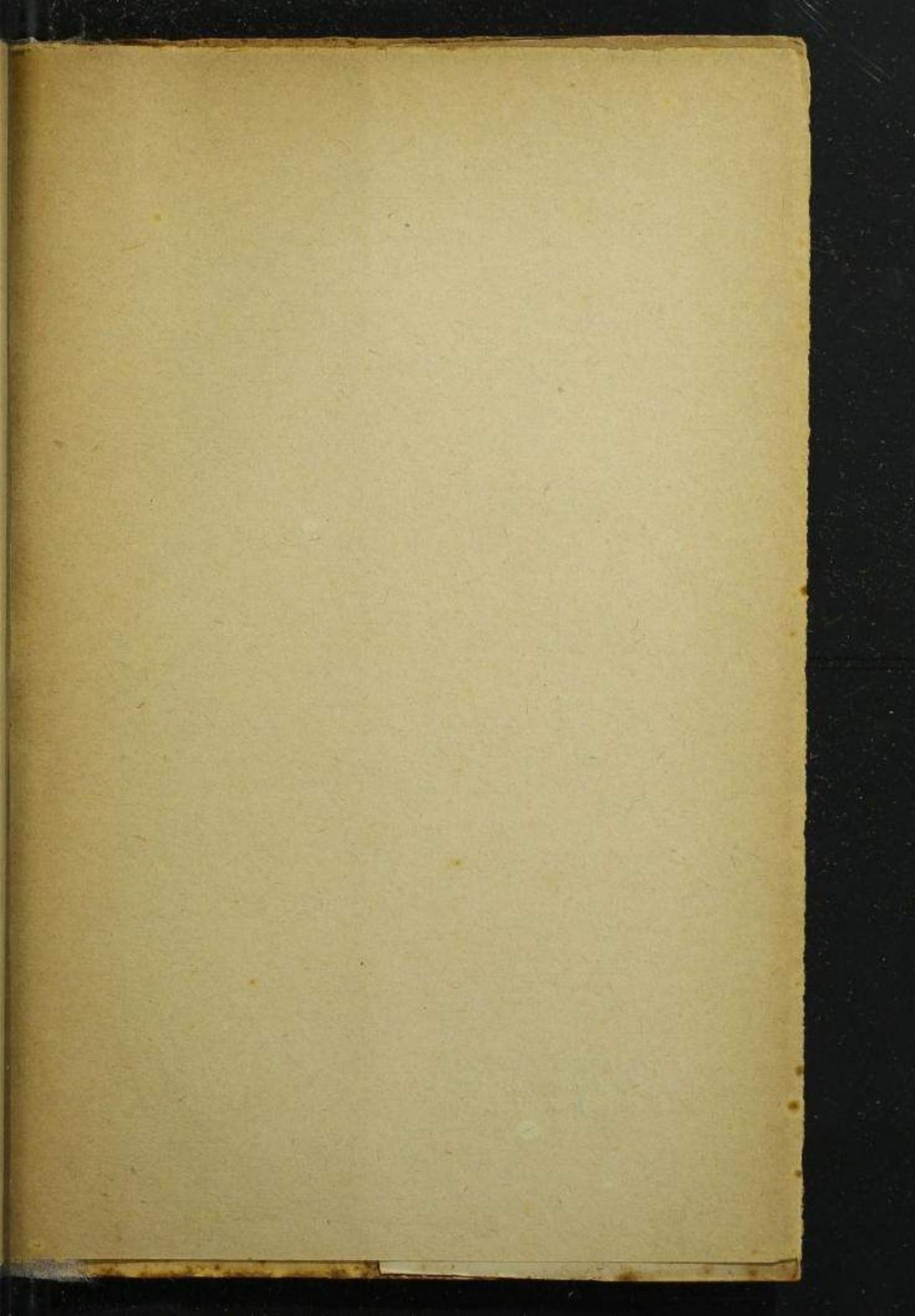
Grande actor dramatico, sem deixar de fazer rir na modalidade humana de sua interpretação ás subtilezas da personalidade do papel que encarna. Procopio em "Anastacio" quando a simplicidade ou pureza de sentimentos do protagonitsa póde se tornar risivel a quem o ouve, faz rir e quando lhe compete fazer sentir ao publico a dolorosa tragedia de ser bom, de ser justo, faz chorar ao espectador mais prevenido de que está deante de uma peça, e não da realidade!

Procopio, em "Anastacio" tem a sua corôa, por uma gloria conquistada por uma fórma que não ha negar — embora nunca descresemos do seu genio — é uma benção divina recebida!

Ruben Gill

A Nação (Rio), 8 de Janeiro de 1937





TYPOGRAPHIA CUPOLO  
Rua do Seminario, 187  
S A O P A U L O

22792

# "Vida de Alexandre Dumas, pae"

por

J. Lucas Dubreton

Quem, no Brasil, que disponha do mais ligeiro interesse literario, terá deixado de ler os romances de Dumas? Dificilmente se poderá apontar uma pessoa dada á leitura, entre nós, que não conheça sua imensa obra. Mas o que todo esse grande publico do prodigioso escritor francês ignora, é a sua vida admiravel. E, no entanto, sua historia é o seu melhor romance. Sua origem aproxima-o de varios escritores brasileiros, como José do Patrocínio, pois Alexandre foi o unico literato francês a contar com uma escrava negra no seu passado. Seu pai, um gigante escuro, foi general que se cobriu de glórias nos tempos da Revolução. E o literato penetrou no mundo das letras com a mesma temeridade com que o cabo de guerra carregava contra o inimigo.

O teatro, a politica e, especialmente, as mulheres, enchem toda sua extraordinaria existencia. E' um trabalhador infatigavel, um poligamo incuravel, fazendo viagens maravilhosas, metido em festas, subindo hoje, caindo amanhã. Junta-se espalhafatosamente a Garibaldi e, ao lado do "condottieri", entra como triunfador em Palermo e Napoles — velhas cidades em que apodrecia a realza dos Bourbons.

As amantes se succedem vertiginosamente na sua vida e os seus retratos e caricaturas percorrem a Europa toda. Os **Tres Mosqueteiros** e **O Conde de Monte Christo** dão inicio á mais espantosa producção de folhetins de todos os tempos. O seu dinheiro era de todo mundo. Arruinou-se muitas vezes por causa de seus amigos, de suas amantes e dos seus pobres. Foi uma figura universal que mais parece saída de uma lenda heroica.

E' essa vida esplendida que, para prazer dos leitores brasileiros do pae Dumas, as "Edições Cultura Brasileira S. A." acabam de lançar em bem feita traducção de Aristides Avila.



Preço: 5\$000



Edições

Cultura Brasileira S/A